O OCEANO
da
TEOSOFIA

POR

WILLIAM Q. JUDGE

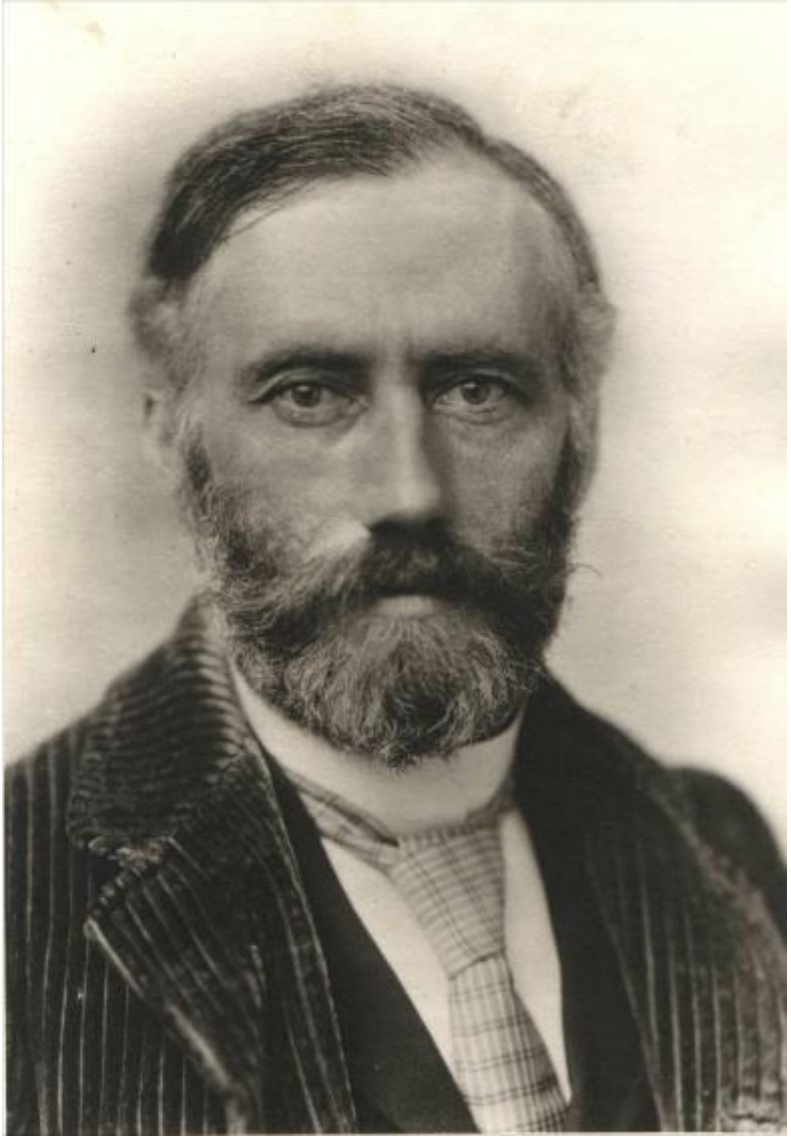
The Theosophy Company
Los Angeles, California

Os números das páginas estão no topo da página

Escaneado e formatado em Junho de 2019, revisado em Fevereiro de 2021

www.theosophy-ult.org.uk

A versão original em inglês pode ser encontrado aqui



William. Q. Judge

(1851-1896)

- PREFÁCIO
- PREFÁCIO PARA A DÉCIMA EDIÇÃO
- CONTEÚDO [*com os links para os respectivos capítulos*]

PREFÁCIO

Nas páginas deste livro tentamos escrever sobre a Teosofia de maneira tal que possa ser compreendida pelo leitor comum. São feitas afirmações corajosas nele baseadas no conhecimento do autor mas, ao mesmo tempo, há de ser claramente entendido que somente ele é responsável pelo que aí está escrito: a Sociedade Teosófica não está envolvida nem vinculada com qualquer coisa mencionada no livro, nem qualquer dos seus membros - muito menos os bons Teosofistas - porque eles podem não aceitar o que ele registrou. O tom de firme convicção que pode ser visto permeando os capítulos não é o resultado de dogmatismo ou presunção, mas procede de conhecimento baseado em evidência e em experiência.

Os membros da Sociedade Teosófica perceberão que certas teorias ou doutrinas não foram aprofundadas. Isto porque elas não poderiam ser tratadas sem estender indevidamente o livro e gerar controvérsias desnecessárias.

O assunto relativo à Vontade não foi abordado na medida em que esse poder ou aptidão é velado, sutil, indetectável quanto à essência e visível somente no efeito. Como Ela é totalmente incolor e varia em qualidade moral de acordo com o desejo que a impele, como também age frequentemente sem nosso conhecimento, e como opera em todos os reinos inferiores ao homem, não haveria ganho ao tentar investigá-la separadamente do Espírito e do desejo.

Não se reivindica originalidade nesse livro. O autor nada inventou ou descobriu, mas apenas escreveu aquilo que lhe foi ensinado e comprovado. É, portanto, somente a transmissão do que já era conhecido anteriormente.

WILLIAM Q. JUDGE

PREFÁCIO PARA A DÉCIMA EDIÇÃO

Há uns vinte e dois anos atrás, a primeira edição de *"O Oceano da Teosofia"* foi publicada por seu autor, William Q. Judge. Desde então, milhares de livros que tratam de Teosofia foram publicados por estudantes mais ou menos proeminentes de Teosofia, mas, infelizmente para o público, nenhum deles demonstra o conhecimento, o entendimento e a amplitude que é tão evidente no presente livro – e, ainda mais infelizmente, os métodos seguidos por estes escritores modernos serviram para obscurecer o fato da existência de uma explicação da Teosofia escrita por um Professor dessa Ciência da Vida.

Conforme mostra o prefácio do autor, o livro foi escrito de tal maneira que pudesse ser entendido pelo leitor comum; no entanto, a simplicidade dos termos usados não deve induzir o leitor ao erro em pensar que o livro é elementar, porque por trás e em cada afirmação existe uma profundidade de significado que o negligente e o superficial não conseguem perceber.
É, de fato, um manual simplificado dos ensinamentos fundamentais da Teosofia e é percebido pelos estudantes de "*A Doutrina Secreta*" como um verdadeiro resumo daquela excelente obra e como uma grande ajuda para sua compreensão; foi escrito tendo esta finalidade em vista pela única pessoa competente para fazê-lo e, por isso, é altamente recomendado para todo estudante de Teosofia.

A passagem dos anos tem demonstrado não somente o valor deste pequeno livro, mas o status do Sr. Judge como Professor. Para todo verdadeiro estudante de Teosofia, tudo que ele escreveu carrega o cunho do seu profundo conhecimento. Mesmo o leitor comum não pode deixar de perceber que somente "Alguém Que Sabe" poderia assim ter aplicado a Teosofia nas circunstâncias e condições da vida cotidiana humana.

Há apenas poucos livros cujas publicações são atribuídas ao Sr. Judge. Esses poucos, no entanto, são de inestimável ajuda ao estudante na vivência da vida Teosófica. "*Cartas que me ajudaram*" são dois pequenos livros que contém cartas escritas aos estudantes, com comentários do compilador; "*Ecos do Oriente*" é um amplo esboço das doutrinas Teosóficas, de 64 páginas; "*Bhagavad-Gita*" é uma interpretação muito melhor e clara de que qualquer tradução existente; "*Os Aforismos de Yoga de Patanjali*" é um antigo tratado sobre a Alma e seus poderes do qual a psicologia moderna tem muito o que aprender. Adicionalmente, o Sr. Judge escreveu um grande número de artigos que tratam da filosofia na sua aplicação prática na vida cotidiana; esses podem ser encontrados na revista *"Theosophy"*.

Ao estudante sério faria bem estudar conjuntamente os escritos de H.P. Blavatsky e de W.Q. Judge; deles, ele aprenderá a Teosofia pura e simples, irá reconhecer a consonância de conhecimento e a total concordância que existia entre eles e irá apreciar mais plenamente a missão e a natureza desses dois Personagens.

ROBERT CROSBIE

CONTEÚDO

CAPÍTULO I

A TEOSOFIA E OS MESTRES

Teosofia como comumente definida. A existência no Universo de homens altamente desenvolvidos. Esses homens são os *Mahatmas*, Iniciados, Irmãos, Adeptos. Como eles atuam e porque permanecem agora ocultos. Sua Loja. Eles são homens aperfeiçoados de outros períodos da evolução. Eles tiveram vários nomes na história. Apolônio, Moisés, Salomão e outros eram membros desta fraternidade. Eles tinham uma só doutrina. Eles são exequíveis porque o homem poderá, por fim, ser como eles. Eles guardam a doutrina verdadeira e a fazem reaparecer no momento certo.

Págs. 1 a 13

CAPÍTULO II

PRINCÍPIOS GERAIS

Uma visão das leis gerais que regem o Cosmos. A divisão setenária no sistema. A Verdadeira Matéria não é visível e isto sempre foi sabido pela Loja. A Mente, a porção inteligente do Cosmos. O plano setenário do Cosmos está contido na Mente Universal. A evolução procede de acordo com o plano na Mente Universal. Períodos de evolução chegam a um fim; esta é a Noite de *Brahma*. O relato mosaico acerca da cosmogênese apequenou as concepções modernas. Os judeus detinham apenas uma pequena parte da doutrina, tomada dos antigos egípcios. A doutrina está de acordo com o sentido oculto da Gênese. A duração geral dos períodos de evolução. A mesma doutrina de que a de Herbert Spencer. A antiga cronologia hindu fornece os detalhes. A estória do Templo de Salomão é a da evolução do ser humano. A doutrina é bem mais antiga que a cristã. A idade real do mundo. O homem tem mais de 18.000.000 de anos. A evolução é realizada somente pelos Egos que, por fim, se tornam usuários de formas humanas. Cada um dos sete princípios do homem deriva de uma das sete grandes divisões do Universo.

Págs. 14 a 22

CAPÍTULO III

A CADEIA TERRESTRE

A doutrina acerca da Terra. Ela também é setenária. Ela é uma de uma cadeia de sete, semelhantemente ao homem. As sete na cadeia não estão separadas quanto aos integrantes, mas se interpenetram uma à outra. A Cadeia Terrestre é a reencarnação de uma antiga cadeia anterior, agora morta. Essa antiga cadeia era uma da qual nossa Lua é a representante visível. A Lua agora está morta e se contraindo. Vênus, Marte, etc., são membros vivos de outras cadeias similares à nossa. Uma massa de Egos para cada cadeia. A quantidade, embora incalculável, é limitada. Seu rumo evolutivo pelos sete globos. Em cada um deles, uma determinada parte da nossa natureza é desenvolvida. No quarto globo, o processo de condensação é iniciado e atinge seu ápice.

Págs. 23 a 28

CAPÍTULO IV

A CONSTITUIÇÃO SETENÁRIA DO HOMEM

A constituição do homem. Como a doutrina difere da doutrina cristã comum. A verdadeira doutrina era conhecida nos primeiros séculos desta era, mas foi propositadamente retirada de uma nação não capaz de acolhê-la. O perigo se a doutrina não tivesse sido retirada. A divisão setenária. A classificação dos princípios. As divisões coincidem com a cadeia de sete globos. O homem inferior é um ser composto. Sua trindade superior. Os quatro princípios inferiores são transitórios e perecíveis. A morte deixa a trindade como a nossa única parte permanente. O que é o homem físico e o que é o outro homem mortal invisível. Um segundo homem físico invisível, mas mortal, ainda assim. Os sentidos pertencem ao homem invisível e não ao homem visível.

Págs. 29 a 34

CAPÍTULO V

CORPO FÍSICO E CORPO ASTRAL

O corpo e o princípio vital. O mistério da vida. O sono e a morte são devidos ao excesso de vida não suportável pelo organismo. O corpo é uma ilusão. O que é a célula. A vida é universal. Ela não é resultante do organismo. O corpo astral. Do que é constituído. Seus poderes e funções. Como um modelo para o corpo. Todos os reinos da Natureza o possuem. Sua capacidade para viajar. Os verdadeiros órgãos dos sentidos estão no corpo astral. O lugar que o corpo astral tem nas sessões espiritualistas. O

corpo astral explica a telepatia, a clarividência, a clariaudiência e todos esses fenômenos psíquicos.

Págs. 35 a 44

CAPÍTULO VI

KAMA—DESEJO

O quarto princípio. *Kama Rupa*. Em inglês, as paixões e os desejos. *Kama Rupa* não é produzido pelo corpo, mas é a causa do corpo. Este é o princípio do equilíbrio dos sete. É a base da ação e o impulsionador da vontade. Desejo correto leva à ação correta. Este princípio tem um aspecto superior e um inferior. O princípio está no corpo astral. Na morte, ele se funde com o corpo astral e faz dele uma casca do homem. Ele tem poderes próprios de natureza automática. Esta casca é o assim chamado "espírito" das sessões. É um perigo para a Raça. Elementais ajudam esta casca nas sessões. Nenhuma Alma ou consciência está presente. Suicidas e criminosos executados deixam cascas muito coesas. O princípio do desejo é comum a todos os reinos estruturados. É a parte animal do homem. O homem é agora um quaternário totalmente desenvolvido, com os princípios superiores parcialmente desenvolvidos.

Págs. 45 a 51

CAPÍTULO VII

MANAS

Manas, o quinto princípio. O primeiro do homem real. Este é o princípio pensante e não é produto do cérebro. O cérebro é apenas seu instrumento. Como a luz da mente foi dada aos homens sem mentes. Homens aperfeiçoados de sistemas mais antigos a deram a nós assim como lhes foi dada pelos seus predecessores. *Manas* é o depósito de todos os pensamentos. *Manas* é o vidente. Se a conexão entre *Manas* e o cérebro é quebrada, a pessoa não é mais capaz de apreender. Os órgãos do corpo nada apreendem. *Manas* está dividido em superior e inferior. Suas quatro peculiaridades. Buda, Jesus e outros tinham *Manas* totalmente desenvolvidos. *Atma*, o Ego Divino. A individualidade permanente. Esta individualidade permanente passou por todo tipo de experiência em muitos corpos. *Manas* e matéria têm agora maior facilidade de agir de que em épocas anteriores. *Manas* está vinculado ao desejo, e isto faz da reencarnação uma necessidade.

Págs. 52 a 59

CAPÍTULO VIII

DA REENCARNAÇÃO

Por que o homem é como ele é e como ele veio? O porquê do Universo. A evolução espiritual e física requerem a reencarnação. A reencarnação no plano físico é re-corporificação ou alteração da forma. Um dia, em uma época muito distante, toda a massa de matéria do globo será “homens”. A antiga doutrina, mantida pelos primeiros cristãos, ensinada por Jesus. O que reencarna. Os mistérios da vida surgem da incompleta reencarnação dos princípios superiores. Não é transmigração para formas inferiores. Uma explicação de *Manu* acerca disto.

Págs. 60 a 69

CAPÍTULO IX

REENCARNAÇÃO-CONTINUAÇÃO

Objeções alegadas. O desejo não pode alterar a lei. Chegadas precoces ao céu. Devem eles esperar por nós? O reconhecimento da Alma não depende de objetividade. Hereditariedade não é uma objeção. O que a hereditariedade faz. Divergências na hereditariedade não reconhecidas. A história vai contra a hereditariedade. A reencarnação não é injusta. O que é justiça. Nós não sofremos pelos atos de outrem, mas pelos nossos próprios atos. Memória. Por que não nos lembramos de outras vidas? Quem se lembra? Como explicar o aumento da população.

Págs. 70 a 78

CAPÍTULO X

ARGUMENTOS QUE SUSTENTAM A REENCARNAÇÃO

Da natureza da Alma. Das leis da mente e da Alma. Das diferenças de caráter. Da necessidade de disciplina e evolução. Das diferenças de capacidade e do início da vida no berço. A identidade individual a prova. O provável objetivo da vida a torna necessária. Uma só vida não é suficiente para levar adiante os propósitos da Natureza. A mera morte não confere avanço. É ilógico uma escola após a morte. A persistência da selvageria e a decadência das nações dão respaldo a ela. O aparecimento de gênios é devido à reencarnação. As ideias inerentes comuns aos homens a comprovam. A oposição à doutrina é baseada exclusivamente em preconceito.

Págs. 79 a 88

CAPÍTULO XI

CARMA

Definição da palavra. Um termo desconhecido. Uma lei beneficente. Como a vida atual é afetada por atos passados em outras vidas. Todo ato tem um pensamento na sua origem. Através de *Manas*, eles reagem em cada vida pessoal. Por que pessoas nascem deformadas ou em circunstâncias ruins? As três classes de Carma e seus três campos de ação. Carma nacional e racial. Infelicidade e felicidade individual. As palavras do Mestre sobre Carma.

Págs. 89 a 98

CAPÍTULO XII

KAMA LOKA

O primeiro estado após a morte. Onde e o que são céu e inferno? A morte do corpo é somente o primeiro passo da morte. Uma segunda morte depois disso. A separação dos sete princípios em três classes. O que é *Kama Loka*? A origem do purgatório cristão. É uma esfera astral com inúmeros graus. Os *Skandhas*. A casca astral do homem em *Kama Loka*. Ela é destituída de Alma, mente e consciência. É o "espírito" das sessões espiritualistas. A classificação das cascas em *Kama Loka*. Lá tem magos negros. O destino de suicidas e outros. A inconsciência pré-devachânica.

Págs. 99 a 108

CAPÍTULO XIII

DEVACHAN

O significado do termo. Um estado de *Atma-Buddhi-Manas*. O funcionamento do Carma em *Devachan*. A necessidade do *Devachan*. É um outro tipo de pensamento, sem um corpo físico para entravá-lo. Somente dois campos de ação de causas: subjetivo e objetivo. *Devachan* é um só. Lá, o tempo não existe para a Alma. O tempo de permanência ali. Matemática da Alma. A permanência média ali é de 1500 anos. Depende de impulsos psíquicos da vida. Sua utilidade e propósito. O estado devachânico é formado a partir dos nossos últimos pensamentos ao morrer. *Devachan* não é sem sentido. Podemos ver aqueles que deixamos? Trazemos suas imagens ante nós. As entidades em *Devachan* têm o poder para ajudar aqueles que amam. Médiuns não podem ir até os que estão em

Devachan exceto em casos raros e quando a pessoa é pura. Somente Adeptos podem ajudar àqueles em *Devachan.*

Págs. 109 a 116

CAPÍTULO XIV

CICLOS

Uma das mais importantes doutrinas. As palavras correspondentes em Sânscrito. Poucos ciclos são conhecidos no Ocidente. Eles proporcionam o reaparecimento de personagens que viveram anteriormente. Eles afetam a vida e a evolução. Quando ocorreu o primeiro momento? A primeira taxa de vibração determina as subsequentes. Quando o homem deixa o globo, as forças morrem. Convulsões e cataclismos. Reencarnação e Carma misturados com a lei cíclica. Civilizações voltam ciclicamente. O ciclo de Avatares. Krishna, Buda e outros vêm ciclicamente. Personagens menores e grande líderes. A interseção de ciclos causa convulsões. Os ciclos Lunar, Solar e siderais. Ciclos individuais e o da reencarnação. O movimento através das constelações e a estória de Jonas. O relógio zodiacal. Como as ideias são gravadas e preservadas pelas nações. A causa de terremotos, fogo cósmico, glaciação e inundações. Os ciclos bramânicos.

Págs. 117 a 126

CAPÍTULO XV

A DIFERENCIAÇÃO DAS ESPÉCIES-ELOS PERDIDOS

A primordial origem do homem não é desvendável. O homem não provem de um único casal, nem dos animais. Sete Raças de homens apareceram simultaneamente no globo. Elas estão agora miscigenando e vão se diferenciar. Os macacos antropoides. Suas origens. Eles vieram do homem. Eles são descendentes da progenitura de uniões desnaturais na terceira e quarta Raças. As Raças Atrasadas. Os livros secretos a este respeito. Traços humanos dos macacos são explicados. Os reinos inferiores de outros planetas. Suas diferenciações pela interferência inteligente dos *Dhyanis*. O ponto médio da evolução. As formas astrais de antigas Rondas solidificaram-se nas rondas físicas. Elos perdidos, o que são e por que a ciência não pode descobri-los. O objetivo da Natureza em toda esta obra.

Págs. 127 a 134

CAPÍTULO XVI

LEIS PSÍQUICAS, FORÇAS E FENÔMENOS

Não há verdadeira psicologia no Ocidente. Ela existe no Oriente. O homem, o espelho de todas as forças. Gravitação, apenas uma meia lei. A importância da polaridade e da coesão. Tornando objetos invisíveis. A toda poderosa imaginação. Telegrafia mental. Ler mentes é roubo. Teletransporte, clarividência, clariaudiência e premonição. Imagens na Luz Astral. Sonhos e visões. Aparições. A verdadeira clarividência. O estímulo interno produz uma impressão externa. A Luz Astral é o registro de tudo.

Págs. 135 a 145

CAPÍTULO XVII

FENÔMENOS PSÍQUICOS E ESPIRITUALISMO

Espiritualismo denominado de forma errônea. Deveria ser chamado de necromancia e culto aos mortos. Este culto não se originou na América. Uma prática há muito conhecida na Índia. Os fatos registrados merecem verificação. Teosofistas admitem os fatos, mas os interpretam diferentemente do “espiritualista”. A análise restrita à questão se os mortos retornam. Os mortos não retornam assim. A grande maioria das comunicações são da casca astral do homem. Objeções proferidas às afirmações feitas pelos médiuns. O histórico justifica o escárnio da ciência. A materialização e o que é. Uma massa de matéria eletromagnética com uma imagem sobre ela proveniente da luz astral. Ou o corpo astral do médium é extrudado do corpo vivo. Análise das leis que devem ser conhecidas antes que o fenômeno possa ser compreendido. O “timbre” da “voz independente”. Importância da esfera astral. Os perigos da mediunidade. A tentativa de obter estes poderes por dinheiro ou por finalidades egoístas também é perigosa. A lei cíclica ordena o abrandamento da força neste momento. A finalidade da Loja.

Págs. 146 a 153

CAPÍTULO I

A TEOSOFIA E OS MESTRES

A Teosofia é aquele oceano de conhecimento que se estende de uma margem a outra da evolução dos seres sencientes. Insondável em suas partes mais profundas, ela proporciona às mais eminentes mentes o mais amplo campo de ação, embora seja suficientemente rasa em suas margens que não irá sobrecarregar o entendimento de uma criança. A Teosofia é a sabedoria sobre Deus, para aqueles que acreditam que Ele é o todo e está em tudo, e é sabedoria sobre a Natureza para o homem que aceita a afirmação encontrada na Bíblia Cristã de que Deus não pode ser medido ou descoberto e que a escuridão cerca seu pavilhão. Embora contenha por derivação o nome Deus e pareça assim, a princípio, abarcar somente a religião, a Teosofia não negligencia a ciência, pois é a ciência das ciências e, por isso, foi chamada de Religião-Sabedoria. Porque nenhuma ciência é completa se deixar de fora qualquer aspecto da Natureza, seja visível ou invisível, e a religião que se baseia apenas em uma suposta revelação se afasta das coisas e das leis que as governam, não é mais do que uma ilusão, uma inimiga do progresso, um obstáculo no caminho do avanço humano rumo à felicidade. Abrangendo tanto o científico como o religioso, a Teosofia é uma religião científica e uma ciência religiosa.

Não é uma crença ou um dogma formulado ou inventado pelo homem, mas é o conhecimento das leis que governam a evolução dos constituintes físicos, astrais, psíquicos e intelectuais da natureza e do ser humano. A religião de hoje é apenas uma série de dogmas fabricados pelo homem

e sem fundamento científico para a ética promulgada; enquanto nossa ciência ainda ignora o invisível e não admite a existência de um conjunto completo de faculdades perceptivas internas no homem, ela está excluída do imenso e real campo de experiência que se encontra dentro dos mundos visível e tangível. Mas a Teosofia sabe que o todo é constituído do visível e do invisível, e ao perceber que as coisas e objetos externos são apenas transitórios, ela apreende os fatos da Natureza, tanto internos quanto externos. Ela é, portanto, completa por si mesma e não vê mistério insolúvel em lugar algum; ela rejeita a palavra "coincidência" de seu vocabulário e reconhece o reinar da lei em tudo e em cada circunstância.

É crença comum da humanidade que o homem possui uma Alma imortal; a isso a Teosofia acrescenta que ele é uma Alma; e além disso, que toda a Natureza é senciente, que o vasto conjunto de objetos e homens não são meros agregados de átomos juntados aleatoriamente e por isso sem uma lei que evolva da lei mas que, desde o menor dos átomos, tudo é Alma e Espírito, sempre evoluindo sob a regra da Lei que é inerente ao todo. E assim como os antigos ensinaram, também a Teosofia ensina que o curso da evolução é o drama da Alma e que a Natureza não existe para nenhum outro propósito a não ser o da experiência da Alma. O teosofista concorda com o professor Huxley (*) na afirmação de que deve haver seres no Universo cuja inteligência está tanto além da nossa quanto a nossa excede a do besouro preto e que participam ativamente na regência da ordem natural das coisas. Indo mais adiante, à luz da confiança depositada em seus professores, o teosofista acrescenta que tais inteligências já foram humanas e vieram, como todos nós, de outros mundos e de mundos anteriores ao nosso, onde adquiriram experiência tão variada como a que é possível adquirir neste mundo. Não estamos, portanto, aparecendo pela primeira vez quando chegar neste planeta, mas temos seguido um longo e incomensurável percurso de atividade e percepção inteligente em

(*) *Essays on some Controverted Questions. London, 1891*

outros sistemas de globos, alguns dos quais foram destruídos eras antes que o Sistema Solar condensasse. Essa imensa extensão do sistema evolutivo significa, então, que esse planeta no qual estamos agora é o resultado da atividade e da evolução de algum outro que se extinguiu há muito tempo, deixando sua energia para ser usada no processo de nascimento da Terra, e que os habitantes desta última, por sua vez, vieram de algum mundo mais antigo, para continuar aqui o trabalho destinado na matéria. E os planetas mais brilhantes, como Vênus, são moradas de entidades ainda mais evoluídas, que já foram tão inferiores quanto nós, mas que agora alçaram um nível de glória incompreensível para os nossos intelectos.

O ser mais inteligente do Universo, o homem, nunca esteve, portanto, sem um amigo, mas tem uma linhagem de Irmãos mais Velhos que continuamente zelam pelo progresso dos menos evoluídos, preservam o conhecimento adquirido através de eras de tentativa e de experiência e procuram, continuamente, oportunidades de trazer a inteligência em desenvolvimento da Raça nesse ou em outros globos para ponderar as grandes verdades que dizem respeito ao destino da Alma. Esses Irmãos mais Velhos também conservam o conhecimento que eles adquiriram sobre as leis da Natureza em todas as suas áreas, e estão prontos para usá-lo em benefício da humanidade quando a lei dos ciclos o permite. Eles sempre existiram como uma coletividade, todos conhecendo um ao outro, não importando em que parte do mundo eles possam se encontrar, e todos trabalhando para a Raça de muitas maneiras diferentes. Em algumas épocas eles são bem conhecidos pelo povo e circulam entre as pessoas comuns sempre que a organização social, a virtude e o desenvolvimento das nações o permitem. Porque se eles viessem abertamente a público e caso se ouvisse falar deles em todos os lugares, seriam venerados como deuses por uns e caçados como demônios por outros. Naqueles períodos em que eles realmente se mostram, alguns são governantes dos homens, alguns são professores, alguns são grandes filósofos, enquanto outros ainda permanecem desconhecidos, exceto para os mais avançados da comunidade.

Para as finalidades que eles têm em vista, seria contraproducente que viessem a público na atual civilização, que é quase totalmente baseada em dinheiro, fama, glória e personalidade. Pois essa época, como um deles já disse, “é uma era de transição”, onde cada sistema de pensamento, religião, governo e sociedade está mudando e as mentes dos homens estão apenas se preparando para uma mudança para aquele estado que facultará que a Raça avance até o ponto favorável para que esses Irmãos mais Velhos se apresentem efetivamente diante de nossos olhos. Eles podem verdadeiramente serem chamados de portadores da tocha da verdade através dos tempos; eles investigam todas as coisas e todos os seres, eles sabem o que cada homem é em sua natureza mais íntima, quais são seus poderes e seu destino, seu estado antes do nascimento e os estados para os quais irá após a morte de seu corpo. Eles estiveram ao lado do berço das nações e viram as imensas realizações dos antepassados, assistiram com tristeza ao declínio daqueles que não tinham o poder para resistir à lei cíclica de ascensão e queda; e, enquanto cataclismos pareciam mostrar uma destruição universal da arte, da arquitetura, da religião e da filosofia, eles preservaram os registros de tudo em lugares a salvo da devastação dos homens ou do tempo. Eles têm feito observações minuciosas por meio de clarividentes treinados dentro de sua própria ordem nos domínios invisíveis da Natureza e da mente, gravaram e mantiveram os registros. Eles dominaram os mistérios do som e da cor, somente pelos quais é possível comunicar-se com os seres elementais que estão por trás do véu da matéria e podem, portanto, dizer por que chove e para que a chuva cai, se a Terra é oca ou não, o que faz o vento soprar e a luz brilhar e, o maior feito de todos – um que implica no conhecimento dos fundamentos da Natureza – eles sabem quais são as derradeiras divisões do tempo e o significado e as durações dos ciclos.

Mas, o ocupado homem do século XIX, que lê os jornais e acredita no “progresso moderno”, se pergunta: se esses Irmãos mais Velhos são tudo o que você diz que são, por que não deixaram nenhuma marca na história

nem congregaram homens ao seu redor? A resposta dada por eles próprios, publicada há algum tempo pelo Sr. A. P. Sinnett, é melhor do que qualquer uma que eu poderia escrever.

"Se você permitir, discutiremos primeiro o que se refere ao presumido fracasso da "Fraternidade" em deixar qualquer marca na história do mundo. Você pense que, com seus talentos extraordinários eles deveriam ser capazes "de reunir em suas escolas uma parcela considerável das mentes mais esclarecidas de cada raça". Como você sabe que eles não conseguiram tal marca? Você está familiarizado com seus esforços, êxitos e fracassos? Você tem alguma base para acusá-los? Como poderia o seu mundo reunir provas dos feitos de homens que mantiveram diligentemente fechada qualquer porta de acesso possível pela qual os curiosos poderiam espiá-los? A condição essencial para o seu êxito era que eles jamais deveriam ser monitorados ou estorvados. Eles sabem o que têm feito; tudo o que aqueles fora de seu círculo puderam perceber foram os resultados cujas causas permaneceram veladas. Para explicar esses resultados, os homens inventaram, em diferentes épocas, teorias sobre a intervenção dos deuses, providências especiais, destinos, influências benignas ou malignas das estrelas. Nunca houve uma época, dentro ou antes do assim chamado período histórico em que nossos predecessores não estivessem moldando eventos e "fazendo história", cujos fatos foram mais tarde e invariavelmente distorcidos por historiadores para se ajustarem aos preconceitos de cada época. Você tem certeza absoluta de que as figuras heroicas visíveis nos sucessivos dramas não eram frequentemente apenas seus fantoches? Nós nunca fingimos ser capazes de arrastar nações em massa para essa ou aquela crise apesar do curso geral das relações cósmicas do mundo. Os ciclos devem percorrer as suas voltas. Períodos de claridade e obscuridade mental e moral sucedem uns aos outros, assim como o dia à noite. Os *yugas* maiores e menores devem ser concluídos de acordo com a ordem estabelecida das coisas. E nós, levados pela poderosa maré, só podemos modificar e direcionar algumas de suas correntezas menores."(*)

(*) *The Occult World. London, 1881*

É nos termos da lei dos ciclos, durante um período de escuridão na história da mente, que a verdadeira filosofia desaparece por algum tempo, porém a mesma lei causa o seu reaparecimento, de maneira tão certa quanto o sol nasce e a mente humana o presencia. Mas alguns trabalhos só podem ser realizados pelo Mestre, enquanto outros requerem a ajuda de colaboradores. É tarefa do Mestre preservar a verdadeira filosofia, mas a ajuda de colaboradores é necessária para redescobri-la e divulgá-la. Uma vez mais, os Irmãos mais Velhos indicaram onde a verdade – a Teosofia – pode ser encontrada, e os colaboradores pelo mundo afora estão engajados em trazê-la à tona, para maior circulação e propagação.

Os Irmãos Mais Velhos da humanidade são homens que foram aperfeiçoados em períodos anteriores da evolução. Esses períodos de manifestação são desconhecidos dos evolucionistas modernos no tocante ao seu número, embora há muito compreendidos não somente pelos antigos hindus, mas também por aqueles grandiosos homens e mentes que instituíram e levaram adiante o primeiro puro e imaculado modelo dos mistérios da Grécia. Os períodos em que os Universos visíveis surgem do Grande Desconhecido são eternos em suas idas e vindas, e se alternam com iguais períodos de silêncio e de repouso, novamente no Desconhecido. O objetivo dessas ondas poderosas é a produção do homem perfeito, a evolução da Alma, e elas sempre testemunham o aumento do número de Irmãos Mais Velhos; a vida do menor dos homens reflete tais ondas na noite e no dia, na vigília e no sono, no nascimento e na morte, “porque esses dois, luz e escuridão, dia e noite, nascimento e morte, são os aspectos eternos do mundo”.(*)

Em cada era e na história completa de cada nação, são dadas diferentes designações a esses homens de poder e de compaixão. Eles têm sido chamados Iniciados, Adeptos, Magos, Hierofantes, Reis do Oriente, Homens Sábios, Irmãos etc. Mas na língua sânscrita há uma palavra que, aplicada a eles, os identifica imediatamente com a humanidade. Essa palavra é

* *Bhagavad-Gita*, Capítulo viii.

Mahatma. Ela é composta de *Maha*, grande, e *Atma*, Alma, de modo que significa Grande Alma, e como todos os homens são Almas, o que distingue um *Mahatma* está na sua grandeza. O termo *Mahatma* tornou-se amplamente utilizado através da Sociedade Teosófica, já que a Sra. H.P. Blavatsky se referia a eles constantemente como seus Mestres, que lhe concederam o conhecimento que ela possuía. Eles eram, inicialmente, conhecidos apenas como os Irmãos, mas depois, quando muitos hindus aderiram ao movimento teosófico, o nome *Mahatma* foi colocado em uso, na medida em que traz consigo um imenso corpo de tradição e literatura indiana. Em ocasiões distintas, inimigos inescrupulosos da Sociedade Teosófica disseram que até mesmo esse nome tinha sido inventado e que tais Seres eram desconhecidos dos indianos e em sua literatura. Mas essas afirmações são feitas apenas para desacreditar, caso fosse possível, um movimento filosófico que ameaça perturbar totalmente os dogmas teológicos errôneos predominantes. Porque em toda a literatura hindu se menciona frequentemente os *Mahatmas* e em partes do norte daquele país o termo é comum. No antigo poema "*Bhagavad-Gita"*, reverenciado por todas as seitas hindus e reconhecido pelos críticos ocidentais, por ser nobre além de belo, há um verso dizendo: "Um tal *Mahatma* é difícil de encontrar." (*)

Mas apesar de todas as disputas em relação a nomes específicos, há suficientes argumentos e provas para mostrar que um conjunto de homens que possuem o conhecimento maravilhoso descrito acima sempre existiu e provavelmente exista hoje. Os antigos mistérios se referem continuamente a Eles. O Egito Antigo os tinha nos seus grandes Reis-Iniciados, filhos do Sol e amigos dos grandes deuses. Há um costume de se apequenar as ideias dos antigos, o que por si só apequena a humanidade atual. Até mesmo o cristão, que reverentemente fala de Abraão como o "amigo de Deus", rirão com desprezo da ideia de os governantes egípcios reivindicarem a mesma amizade, como se fosse uma pretensão pueril à dignidade e reputação. Mas a verdade é que esses grandes egípcios eram Iniciados, membros

**Bhagavad-Gita*, Capítulo vii.

da Grande Loja Una, que inclui todas as outras, de qualquer grau ou atuação. É claro que os posteriores e decadentes devem ter imitado seus predecessores, mas isso ocorreu quando a doutrina verdadeira, mais uma vez, estava começando a ser obscurecida com a ascendência do dogma e do sacerdócio.

A história de Apolônio de Tiana é sobre um membro de uma dessas mesmas ordens antigas que surge entre os homens em um ciclo descendente, apenas com o propósito de manter um testemunho em cena para as gerações futuras.

Entre os judeus, Abraão e Moisés são dois outros Iniciados, Adeptos que tiveram um trabalho a realizar com um determinado povo; e na história de Abraão encontramos Melquisedeque, que era tão mais adiantado que Abraão que ele tinha o poder de conceder a este uma respeitabilidade, um privilégio ou uma bênção. O mesmo capítulo da história humana que contém os nomes de Moisés e Abraão é também iluminado com o de Salomão. Assim, esses três compõem uma grande Tríade de Adeptos, cujo registro dos seus feitos não pode ser posto de lado como tolice nem como destituído de embasamento.

Moisés foi instruído pelos Egípcios e em Madiã; de ambos adquiriu muito conhecimento oculto e qualquer estudante de perspectiva clara da grande Maçonaria Universal pode perceber, em todos os seus livros escritos, a mão, o plano e a obra de um Mestre. Abraão, outrossim, conhecia todas as artes e muito do poder nas esferas psíquicas que eram cultivados em sua época, pois de outro modo não poderia ter se relacionado com reis nem ter sido o “amigo de Deus”. E tão somente a referência às suas conversas com o Todo-Poderoso acerca da destruição das cidades revela que ele foi um Adepto que há muito tempo havia superado a necessidade de cerimonial ou de outros auxílios fortuitos. Salomão completa essa tríade e se destaca em letras de fogo. Há em torno dele um tal volume de lendas e de histórias sobre suas lidas com os poderes elementais e sobre seus dons mágicos que todo o mundo antigo deve ser condenado por ser um

conjunto de tolos que inventavam mentiras para se distrair caso seja negado o fato dele ser uma grande personalidade, um exemplo maravilhoso da encarnação de um poderoso Adepto entre os homens. Não temos que aceitar o nome de Salomão e nem pretender que ele reinava sobre os Judeus, mas devemos admitir o fato de que, em algum lugar na névoa do tempo ao qual os registros judaicos se referem, existiu e viveu entre o povo da Terra alguém que era um Adepto, e que depois recebeu aquela designação. Os peripatéticos e críticos insignificantes podem simular que veem no predomínio da tradição universal nada mais que evidências da credulidade dos homens e de suas capacidades de imitar, mas o verdadeiro estudante da natureza humana e da vida sabe que a tradição universal é verdadeira e surge de fatos na história do homem.

Voltando-nos para a Índia, há tanto tempo esquecida e ignorada pelo Ocidente ganancioso e egoísta, beligerante e mercantil, encontrámo-la repleta de folclore relacionado a esses homens maravilhosos, dos quais Noé, Abraão, Moisés e Salomão são apenas exemplos. Lá as pessoas são adaptadas, em razão de seu temperamento e clima, para serem os guardiões das joias filosóficas, éticas e psíquicas que teriam sido perdidas para sempre, para nós, caso tivessem sido deixadas à devastação dos Godos e dos Vândalos, como foram as nações ocidentais nos primórdios de sua luta em prol da educação e civilização. Se os homens que deliberadamente queimaram imensas quantidades de tesouros históricos e etnológicos encontrados pelos seguidores dos regentes católicos espanhóis nas Américas do Sul e Central poderiam ter sabido e colocado suas mãos em os livros e documentos em folha de palmeira na Índia antes que o escudo protetor da Inglaterra fosse erguido contra eles, teriam destruído todos eles, assim como fizeram com os registros americanos, e assim como seus predecessores tentaram fazer com a biblioteca alexandrina. Felizmente, os fatos procederam de outra forma.

Por toda o acervo da literatura indiana, podemos encontrar muitos nomes pontuados de grandes Adeptos que eram

bem conhecidos pelo povo e todos ensinaram a mesma história: a grande epopeia da Alma humana. Seus nomes não são familiares aos ouvidos ocidentais, mas os registros de seus pensamentos, trabalhos e poderes permanecem. Ainda mais, no tranquilo e imperturbável Oriente existem hoje pessoas, às centenas, que sabem por conhecimento próprio que a Grande Loja ainda existe e que tem seus *Mahatmas*, Adeptos, Iniciados, Irmãos. Além disso, naquele país há uma quantidade tal de peritos na aplicação prática de poderes menores, embora ainda assombrosos, sobre a natureza e suas forças, que nós possuímos uma avassaladora massa de evidência humana para comprovar a tese enunciada.

E se a Teosofia – o ensinamento dessa Grande Loja – é como foi dito, tanto científico quanto religioso, então, do ponto de vista ético, nós temos ainda mais provas. Uma poderosa Tríade que age sobre e através da ética é formada por Buda, Confúcio e Jesus. O primeiro, um hindu, funda uma religião que hoje acolhe muito mais pessoas do que o Cristianismo, ensinando séculos antes de Jesus a ética que ele ensinou e que já havia sido difundida até mesmo séculos antes de Buda. Jesus, vindo para melhorar seu povo, repete esta ética antiga e Confúcio faz o mesmo para a antiga e venerável China.

O teosofista diz que todos esses importantes nomes representam membros de uma única fraternidade, e que todos têm uma única doutrina. E os personagens extraordinários que de vez em quando aparecem na civilização ocidental, como Saint-Germain, Jacob Boehme, Cagliostro, Paracelso, Mesmer, Conde de Saint-Martin, e Madame H.P.Blavatsky, são agentes que realizam o trabalho da Grande Loja no momento apropriado. É verdade que eles são geralmente vilipendiados e qualificados como impostores, embora ninguém consiga descobrir o porquê disso, quando geralmente concedem benefícios e estabelecem propostas ou fazem descobertas de grande valor para a ciência após suas mortes. Mas o próprio Jesus seria chamado de impostor se hoje ele aparecesse em alguma Igreja ostentosa

da Quinta Avenida, repreendendo os cristãos professos. Paracelso foi o criador de valiosos métodos e tratamentos na medicina agora usados universalmente. Mesmer ensinou hipnotismo sob um outro nome. Madame Blavatsky atraiu, mais uma vez, à atenção do Ocidente o mais importante sistema, conhecido há muito pela Loja, acerca do homem, sua natureza e seu destino. Mas todos são igualmente chamados de impostores por um povo que não tem nenhuma filosofia original própria, e cujas classes mendicantes e criminosas excedem em miséria e em número qualquer civilização na Terra.

Não será incomum quase todos os leitores ocidentais se perguntarem como seres humanos poderiam ter tanto conhecimento e poder sobre o funcionamento da lei natural, como tenho atribuído aos Iniciados, agora tão comumente chamados de *Mahatmas*. Na Índia, China e em outros países orientais ninguém se espantaria porque ali, embora tudo aquilo relacionado a uma civilização materialista esteja atualmente em fase de retrocesso, eles nunca perderam a crença na natureza interior do homem e no poder que ele pode exercer se assim o quiser. Consequentemente, exemplos vivos de tais poderes e capacidades não têm estado ausentes naqueles povos. Mas, tendo surgido no Ocidente uma civilização materialista através da negação da vida e da natureza da Alma, resultante de uma reação ao dogmatismo ilógico, não tem havido nenhuma investigação sobre estes assuntos e, até recentemente, o público em geral não tem acreditado na possibilidade de alguém, exceto um suposto Deus, ter tal poder.

Um *Mahatma* dotado de poderes sobre espaço, tempo, mente e matéria é uma possibilidade exatamente porque ele é um homem aperfeiçoado. Todo ser humano tem o germe de todos os poderes atribuídos a esses grandes Iniciados, a diferença reside apenas no fato de que, em geral, nós não desenvolvemos aquilo do qual possuímos o germe, enquanto o *Mahatma* passou pelo treinamento e pelas experiências que desencadearam nele o desenvolvimento de todos os poderes humanos ocultos, outorgando-lhe dons que parecem divinos aos seus irmãos que lutam abaixo dele.

A telepatia, a leitura da mente e o hipnotismo, todos há muito conhecidos da Teosofia, demonstram a existência no ser humano de planos de consciência, de funções e de faculdades até agora inimagináveis. A leitura da mente e a influência mental à distância de um sujeito hipnotizado comprovam a existência de uma mente que não depende totalmente de um cérebro, e que existe um meio através do qual o pensamento influente pode ser transmitido. É nos termos desta lei que os Iniciados podem se comunicar entre si, a qualquer distância. A explicação *racional* disso, ainda não admitida pelas escolas de hipnotizadores, é que se as duas mentes vibram ou mudam para o mesmo estado, elas irão pensar da mesma forma, ou, em outras palavras, aquela que deve ouvir à distância recebe a impressão enviada pela outra. O mesmo ocorre com os outros poderes, por mais extraordinários que sejam. Eles são todos naturais, embora não usuais agora, assim como uma grande habilidade musical é natural, porém pouco usual ou comum. Se um Iniciado pode fazer um objeto sólido mover-se sem tocá-lo, é porque ele compreende as duas leis da atração e da repulsão onde a palavra "gravidade" é apenas o nome de uma delas; se ele é capaz de precipitar, a partir do ar invisível, o carbono que sabemos nele existir, transformando-o em frases sobre o papel, é por meio do seu conhecimento da alta química oculta e do uso de uma poderosa e bem-treinada faculdade de formar imagens, que todo homem possui; se ele lê seus pensamentos com facilidade, isso é consequência do uso dos poderes internos – e únicos reais - da visão, que não requerem uma retina para ver a teia finamente desenhada que o cérebro vibrante do homem tece em torno dele. Tudo que o *Mahatma* pode fazer é natural ao homem aperfeiçoado; mas se aqueles poderes não são revelados de imediato para nós, é porque nossa Raça ainda é egoísta no geral, e ainda vive para o presente e o transitório.

Eu então repito, que embora a verdadeira doutrina desapareça por um tempo do meio dos homens, ela está compelida a reaparecer porque, primeiro, ela está gravada no imperecível centro da natureza humana; e, segundo, a Loja

a preserva para sempre, não apenas nos registros materiais, mas também nos homens inteligentes e plenamente autoconscientes que, tendo atravessado com sucesso os muitos períodos de evolução que precederam aquele no qual agora nos encontramos, não podem perder as posses preciosas que adquiriram. E em razão dos Irmãos mais Velhos serem o mais elevado resultado da evolução, e que é somente através deles, em cooperação com toda a família humana, que o processo normal e proficiente dos planos do Grande Arquiteto do Universo pude ser continuado, eu considerei conveniente referenciar a Eles e a sua Loja Universal, antes de abordar outras partes do assunto.

CAPÍTULO II

PRINCIPIOS GERAIS

Atualmente, os ensinamentos da Teosofia lidam prioritariamente com 0 nosso planeta, embora seu escopo se estenda a todos os mundos, já que nenhuma parte do Universo manifestado se encontra fora do conjunto único de leis que atuam sobre nós. Pertencendo ao sistema solar, nosso globo está certamente conectado a Vênus, Júpiter e outros planetas porém, como a grande família humana tem que permanecer com o seu veículo material – a Terra – até que todas as unidades da Raça que estejam prontas sejam aperfeiçoadas, a evolução dessa família é da maior importância para seus membros. Algumas particularidades a respeito de outros planetas podem ser fornecidas mais tarde. Vamos começar com uma visão geral das leis que gerem todos.

O Universo evolui do desconhecido, no qual nenhum homem ou inteligência, por mais elevada que seja, pode investigar, em sete planos, ou de sete modos ou meios em todos os mundos, e essa diferenciação sétupla faz com que todos os mundos do Universo, e os seres neles, tenham uma constituição setenária. Conforme foi ensinado antigamente, os pequenos e os grandes mundos são cópias do todo, e tanto o menor dos insetos quanto o ser mais desenvolvido são *réplicas*, em menor ou maior grau, da imensa origem que tudo abrange. Daí nasceu o ditado “como é em cima, assim é embaixo”, que os filósofos herméticos usavam.

As divisões do Universo setenário podem ser definidas de maneira aproximada como: o Absoluto, o Espírito, a Mente, a Matéria, a Vontade, o *Akasha* ou Æther, e a Vida. No lugar de “Absoluto”, podemos usar a palavra “Espaço”. Porque o Espaço é aquilo que sempre é, e dentro do qual toda manifestação deve ocorrer. O termo *Akasha*, tomado do sânscrito, é utilizado no lugar de Æther porque

a língua inglesa ainda não criou uma palavra apropriada para designar adequadamente aquele estado tênue da matéria que agora é, às vezes, chamado de éter pelos cientistas modernos. Quanto ao Absoluto, somente podemos fazer além dizer que AQUILO É. Nenhum dos grandes professores da Escola atribui características ao Absoluto, apesar de todos os atributos existirem Nele. Nosso conhecimento começa a partir da diferenciação, e todos os objetos, poderes ou seres manifestados são apenas diferenciações do Grande Desconhecido. O máximo que se pode dizer é que o Absoluto periodicamente se diferencia, e periodicamente recolhe o diferenciado para dentro de Si.

A primeira diferenciação – metafisicamente falando em relação ao tempo – é o Espírito, com o qual aparecem a Matéria e a Mente. *Akasha* é produzido a partir da Matéria e do Espírito. A Vontade é a força do Espírito em ação e a Vida é resultante da ação do *Akasha*, movida pelo Espírito, sobre a Matéria.

Mas a Matéria aqui mencionada não é aquela comumente conhecida como tal. É a Matéria verdadeira que é sempre invisível e tem sido chamada algumas vezes de Matéria Primordial. No sistema bramânico, é denominada *Mulaprakriti*. O ensinamento antigo sempre sustentou, tal como hoje é reconhecido pela ciência, que nós vemos ou percebemos apenas os fenômenos, mas não a essencial natureza, corpo ou ser da matéria.

A Mente é a parte inteligente do Cosmos, e no conjunto das sete diferenciações esquematicamente esboçadas acima, a Mente é aquilo no qual o plano do Cosmos é gravado ou guardado. Este plano é trazido de um período anterior de manifestação, que avultou sua sempre crescente perfeição, e nenhum limite pode ser colocado a suas possibilidades evolutivas na perfeição. As manifestações periódicas do Absoluto nunca tiveram um começo e nunca haverá um fim, mas continuarão eternamente a surgir e a se recolher dentro do Desconhecido.

Onde quer que um mundo ou sistema de mundos esteja evoluindo, lá o plano foi traçado na mente universal,

a força inicial vem do Espírito, a base é a matéria – a qual é de fato invisível – a Vida sustenta todas as formas que requerem vida, e o *Akasha* é o elo entre a matéria, de um lado, e o espírito-mente, do outro.

Quando um mundo ou um sistema chega ao final de certos grandes ciclos, os homens registram um cataclismo na história ou tradição. Essas tradições são numerosas; entre os judeus com seu dilúvio, entre os babilônios com o seu, nos papiros egípcios, na cosmologia hindu; e nenhuma delas é mera confirmação da modesta tradição judaica, mas todas elas assinalam um ensinamento prévio e uma vaga recordação das periódicas destruições e renovações. A história hebraica não é mais do que um insignificante fragmento arrancado do pavimento do Templo da Verdade. Assim como há cataclismos periódicos menores ou destruições parciais, a doutrina sustenta que existe a evolução e a involução universal. Incessantemente, o Grande Alento surge e volta a retornar. Quando se expande, objetos, mundos e seres humanos aparecem; quando se recolhe, tudo desaparece na fonte original.

Este é a vigília e o sono do Grande Ser; o Dia e a Noite de *Brahma;* o protótipo de nossos dias de vigília e de nossas noites de sono como seres humanos, do nosso desaparecimento de cena ao final de uma curta vida humana, e de nosso retorno, para novamente retomar o trabalho inacabado em uma outra vida, em um novo dia.

A verdadeira idade do mundo há muito tempo tem sido envolta em dúvidas para os investigadores ocidentais, que até o momento têm demonstrado uma notável reticencia em aceitar instruções dos registros dos povos orientais, muito mais antigos do que os povos ocidentais. Contudo, a verdade sobre o assunto está com os Orientais. Admite-se que a civilização egípcia floresceu há muitos séculos, e como não há mais escolas egípcias do ensinamento antigo para ofender o orgulho moderno, e talvez porque os judeus “vieram do Egito” para conectar a mal compreendida tradição mosaica ao progresso moderno, as inscrições gravadas em pedra e os escritos em papiros obtêm hoje um pouco mais

de crédito do que o pensamento e o registro vivos dos hindus. Porque estes últimos ainda vivem entre nós, e nunca se admitiria que uma raça pobre e conquistada pudesse possuir conhecimento a respeito da idade do homem e do seu mundo, sobre o que a fina flor ocidental da cultura, da guerra e da anexação nada sabe. Desde que os monges ignorantes e os teólogos da Ásia Menor e da Europa conseguiram impor o relato mosaico da gênese da Terra e do homem sobre a nascente evolução ocidental, até os mais cultos de nossos homens de ciência têm demonstrado medo dos anos que se passaram desde Adão, ou têm deturpado pensamento e percepção toda vez que seus olhos se voltam para qualquer cronologia diferente da de umas poucas tribos dos filhos de Jacó. Até mesmo a nobre, antiga e silenciosa pirâmide de Gizé, vigiada pela Esfinge e pelo Memnon de pedra, tem sido degradada por Piazzi Smyth e outros e transformada em uma prova de que a polegada britânica deve prevalecer como unidade de medida, e que um "Domingo Continental" controverte a lei do Altíssimo. Todavia, no relato mosaico onde se esperaria encontrar uma referência a alguma prova como a da pirâmide, não descobrimos uma única alusão a ela, apenas o registro da construção, pelo Rei Salomão, de um templo do qual nunca se encontrou um vestígio.

Mas o teosofista sabe por que a tradição hebraica veio a se tornar um evidente entrave na mente ocidental; ele conhece a conexão entre judeus e egípcios, o que é e o que é para ser a ressurreição dos antigos construtores de pirâmides do vale do Nilo, e onde as plantas daqueles antigos mestres pedreiros foram escondidas dos olhares profanos, até que o ciclo volte a girar para possibilitar seu reaparecimento. Os judeus preservaram apenas uma parte do ensinamento do Egito, oculto sob a letra dos livros de Moisés e ele ainda permanece ali, até hoje, naquilo que eles chamam de significado cabalístico ou oculto das escrituras. Mas as Almas egípcias que ajudaram a planejar a pirâmide de Gizé, que fizeram parte do governo, da teologia, da ciência e da civilização egípcia deixaram sua antiga Raça;

a Raça se extinguiu e os antigos egípcios retomaram seu trabalho nas Raças advindas do Ocidente, especialmente naquelas que agora estão repovoando os continentes americanos. Quando o Egito e a Índia eram mais jovens, havia um constante intercâmbio entre eles. Na opinião do teosofista, ambos pensavam similarmente, mas o destino determinou que das duas, somente os hindus preservariam as antigas ideias entre um povo vivo. Tomarei, portanto, dos registros bramânicos do Hindustão a doutrina sobre os dias, noites e anos de vida de *Brahma*, a qual representa o Universo e os mundos.

De imediato, a doutrina abala a interpretação dada há muito tempo à tradição mosaica, mas está plenamente de acordo com o claro relato em Gênesis de outras e anteriores "criações"; com a explicação cabalística do versículo no Antigo Testamento sobre os reis de Edom - que ali representam períodos de evolução anteriores àquele iniciado com Adão –, e também está de acordo com a crença mantida por alguns dos patriarcas cristãos que contaram a seus irmãos acerca de mundos maravilhosos e criações anteriores.

Diz-se que um dia de *Brahma* dura mil anos, e que sua noite tem a mesma duração. Na Bíblia cristã há um versículo dizendo que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e que mil anos são como um dia. Isso tem sido comumente utilizado para engrandecer o poder de Jeová, mas tem uma semelhança suspeita com a antiga doutrina da duração do dia e da noite de *Brahma*. Teria mais valor se fosse interpretado como sendo uma afirmação sobre o surgimento periódico de grandes noites e dias de igual duração do Universo de mundos manifestados.

Um dia dos mortais é calculado pelo Sol e não tem mais do que doze horas de duração. Em Mercúrio seria diferente, e ainda mais em Saturno ou Urano. Mas um dia de *Brahma* é constituído do que é denominado *Manvantara* – ou períodos entre "duas humanidades"-, catorze *Manvantaras* no total. Estes abrangem quatro bilhões, trezentos e vinte

milhões de anos mortais ou terrestres, o que constitui um dia de *Brahma*.

Quando esse dia raia, a evolução cósmica, enquanto relacionada a este Sistema Solar, começa e passa entre um e dois bilhões de anos para desenvolver a matéria etérea primordial, antes que os reinos astrais mineral, vegetal, animal e humano se tornem possíveis. Esse segundo passo demora cerca de trezentos milhões de anos e, depois, processos ainda mais materializados avançam para a produção dos reinos tangíveis da Natureza, incluindo o homem. Isso abrange um bilhão e meio de anos. E o número de anos solares no atual período "humano" é de mais de dezoito milhões de anos.

É exatamente isto que Herbert Spencer chama de gradual aparecimento do conhecido e heterogêneo a partir do desconhecido e homogêneo. Porque os antigos teosofistas egípcios e hindus nunca admitiram uma criação surgida do nada, mas sempre insistiram energicamente na evolução, em etapas graduais, do heterogêneo e do diferenciado a partir do homogêneo e do indiferenciado. Nenhuma mente pode compreender o desconhecido absoluto e infinito, isto é, que não tem nem começo nem terá fim; que é tanto o último quanto o primeiro, porque, seja diferenciado ou reabsorvido em Si mesmo, Ele sempre É. Esse é o Deus, citado na Bíblia cristã, como sendo aquele cuja morada é cercada pela escuridão.

Esta cronologia cósmica e humana dos hindus é ridicularizada pelos orientalistas do Ocidente, muito embora eles não conseguem fornecer nada melhor e estão constantemente em desacordo uns com os outros acerca deste mesmo assunto. Na tradução feita por Wilson do "*Vishnu Purana*", ele chama tudo isso de ficção sem fundamento e de vanglória infantil. Mas os Maçons, que permanecem passivos sobre isto, deveriam ter mais juízo. Eles poderiam encontrar na história da construção do Templo de Salomão com materiais heterogêneos trazidos de toda parte, e da sua edificação feita sem que se ouvisse o barulho de uma ferramenta, o consenso

com essas ideias de seus irmãos egípcios e hindus. Porque o Templo de Salomão representa o homem, cuja estrutura é construída, aperfeiçoada e decorada sem o menor ruído. Mas os materiais tiveram que ser encontrados, reunidos e modelados em outros e distantes lugares. Estes se encontravam nos períodos acima mencionados, muito distantes e muito silenciosos. O homem não poderia ter seu templo físico habitado até que toda a matéria, dentro e ao redor do seu mundo, tivesse sido encontrada pelo Mestre, que é o homem interno, e quando encontrada, os projetos para construí-lo [o corpo] tiveram que ser detalhados. Depois, tiveram que ser executados em variados pormenores até que todas as partes estivessem perfeitamente prontas e ajustadas para a colocação na estrutura final. Assim, no vasto intervalo de tempo, o qual iniciou depois que a primordial matéria quase intangível foi coletada e amalgamada, os reinos vegetal e material tinham aqui a posse exclusiva, com o Mestre – o homem – o qual estava escondido oculto à vista dentro de si, levando adiante os planos para a fundação do templo humano. Tudo isso requer um grande número de eras, pois sabemos que a Natureza nunca dá saltos. E quando o trabalho mais grosseiro estava completado, quando o templo humano estava erigido, muitas outras eras foram necessárias para que todos os servos, sacerdotes e conselheiros aprendessem adequadamente seus papéis, de forma que o homem, o Mestre, pudesse utilizar o templo para seus melhores e mais elevados propósitos.

A doutrina antiga é muito mais nobre do que a da religião cristã ou a da escola puramente científica. O religioso fornece uma teoria que conflita com a razão e os fatos, enquanto a ciência não consegue dar para os fatos que observa, qualquer sentido que, de alguma forma, seja nobre ou enaltecedor. Somente a Teosofia, que abrange todos os sistemas e cada vivência, proporciona a chave, o plano, a doutrina e a verdade.

A Teosofia assevera que a idade real do mundo é quase incalculável, e que a do homem, como é hoje constituído, é de mais de dezoito milhões de anos. O que por fim se tornou o ser humano é de uma idade ainda muito maior, porque antes que os atuais dois sexos aparecessem, a criatura humana era, às vezes, de uma forma e, às vezes,

de outra, até que todo o plano tivesse sido plenamente elaborado, gerando nossa atual forma, função e capacidade. Encontra-se referência a isso nos antigos livros, escritos para os profanos, onde se diz que outrora o homem teria tido uma forma globular. Isso foi numa época quando as condições favoreciam tal forma e, é claro, foi há mais de dezoito milhões de anos. E quando essa forma globular era o padrão, os sexos, tal como os conhecemos, ainda não haviam se diferenciado e, portanto, havia apenas um sexo ou, se preferir, não havia sexo algum.

Durante todas essas eras antes que nosso ser humano viesse a existir, a evolução estava desenvolvendo o trabalho de aperfeiçoar diversos poderes, que agora nos pertencem. Isso foi realizado pelo Ego ou homem real, passando por experiências em incontáveis contextos materiais, todos diferentes uns dos outros, e o mesmo plano geral era e é seguido conforme prevalece no tocante à evolução geral do Universo à qual me referi anteriormente. Isto é, os detalhes foram primeiramente elaborados em esferas de existência muito etéreas, metafísicas na verdade. Depois, o passo seguinte trouxe os mesmos detalhes para serem elaborados em um plano de matéria um pouco mais denso até que, por fim, pôde ser executado em nosso plano atual, o qual nós chamamos erroneamente de matéria bruta. Nesses estados anteriores, os sentidos existiam em germe, por assim dizer, ou em ideia, até chegar ao plano astral, que é o plano seguinte ao nosso, e então foram consolidados de maneira a se tornarem, de fato, os sentidos atuais que agora utilizamos por intermédio dos diferentes órgãos externos. Estes órgãos externos da visão, do tato, da audição e do paladar são, com frequência, erroneamente considerados pelos iletrados ou insensatos como os verdadeiros órgãos e sentidos, mas aquele que parar para pensar, deve perceber que os sentidos são internos e que seus órgãos externos são apenas mediadores entre o Universo visível e o verdadeiro observador interior. E, sendo todos esses vários poderes e potencialidades bem resolvidos nesse processo lento, mas seguro, por fim o homem entra em cena como um ser setenário, assim como o Universo e a própria Terra também são setenários. Cada um dos seus sete princípios é originado

de uma das sete grandes divisões primordiais, e cada um se relaciona a um planeta ou a um cenário de evolução e a uma Raça na qual aquela evolução foi levada a cabo. Assim, é importante manter em mente essa primeira diferenciação setenária, já que é a base de tudo o que se segue. Assim como a evolução universal é setenária, também a evolução da humanidade é setenária em sua constituição e levada adiante sobre uma Terra também setenária. Isso é mencionado na literatura teosófica como a Cadeia Planetária Setenária, e está intimamente conectada com a singular evolução do Homem.

CAPÍTULO III

A CADEIA TERRESTRE

Passando agora ao assunto da nossa Terra, a perspectiva avançada pela Teosofia sobre sua gênese, sua evolução e a evolução das Mônadas humanas, animais e outras é bem diferente das ideias modernas e, em alguns pontos, contrária às teorias prevalecentes. Mas as teorias de hoje não são sólidas. Elas mudam a cada século, enquanto a teosófica nunca se altera porque, na opinião daqueles Irmãos Mais Velhos que propiciaram sua re-promulgação e apontaram para sua confirmação em livros antigos, ela não é senão um registro dos fatos da Natureza. A teoria moderna, ao contrário, é sempre especulativa, mutável e continuamente alterada.

Seguindo o plano geral delineado nas páginas anteriores, a Terra é setenária. Ela é uma entidade e não um mero amontoado de matéria bruta. E por ser uma entidade de natureza setenária, deve haver seis outros globos que giram com ela no espaço. Esse conjunto de sete globos foi denominada "Cadeia Terrestre", "Cadeia Planetária". No livro "*O Budismo Esotérico*" isso é claramente expresso, mas lá é dada uma visão materialista um tanto inflexível, e o leitor é levado a crer que a doutrina fala de sete globos distintos, todos independentes, embora conectados uns aos outros. Se é forçado a concluir que o autor queria dizer que o globo Terra é tão distinto dos outros seis como Vênus é de Marte.

Essa não é a doutrina. A Terra é um dos sete globos somente em relação à consciência do homem, porque quando ele age em um dos sete, ele o percebe como um globo distinto e não vê os outros seis.

Isso está em perfeita correspondência com o próprio homem que também tem outros seis constituintes dos quais apenas o corpo físico lhe é visível, porque agora ele está atuando na Terra – ou quarto globo – e seu corpo representa a Terra. Os sete "globos" constituem uma única massa ou globo maior, e todos se interpenetram uns aos outros. Temos que dizer "globo" porque seu derradeiro formato é globular ou esférico. Se alguém se fiar literalmente à explicação dada pelo Sr. Sinnett, poderá supor que os globos não se interpenetram, mas que estão interligados por correntes ou linhas de força magnéticas. E se demasiada atenção for prestada aos diagramas usados em "*A Doutrina Secreta*" para ilustrar o esquema, sem levar em devida consideração as explicações e alertas dadas por H.P. Blavatsky, pode-se incidir no mesmo erro. Mas tanto ela como seus professores Adeptos dizem que os sete globos de nossa cadeia estão em "*coadunação um com o outro, mas não em consubstanciação*." (*) Isso é posteriormente reforçado por avisos de não confiar em estatísticas ou diagramas bidimensionais, mas para que se examine o aspecto metafísico e espiritual da teoria, conforme é expressa em inglês. Assim, da mesma origem do livro do Sr. Sinnett, nós temos a afirmação de que esses globos estão unidos em uma só massa, embora se diferenciem uns dos outros, em substância, e que essa diferença de substância se deve à mudança do centro de consciência.

A Cadeia Terrestre de sete globos, conforme definida, é a reencarnação direta de uma cadeia anterior de sete globos, e essa precedente família de sete foi a Cadeia Lunar, sendo a própria Lua a representante visível do quarto globo da antiga cadeia. Quando essa vasta entidade anterior composta da Lua e de seis outros globos, todos unidos em uma só massa, chegou ao seu limite de vida, ela morreu, assim como qualquer ser morre. Cada um dos sete globos enviou suas energias ao espaço e deu vida ou vibração similar à poeira cósmica – matéria – e a força de coesão do conjunto manteve as sete energias unidas. Isso resultou

(*) *Doutrina Secreta, Vol. 1, p. 166, primeira edição*

no desenvolvimento da atual Cadeia Terrestre em sete centros de energia ou evolução, reunidos em uma única massa. Como a Lua era o quarto da antiga série, ela está no mesmo plano de percepção da Terra e, como estamos, em nossa consciência, predominantemente confinados à Terra, nós somos capazes de ver apenas um dos antigos sete globos, a saber, a Lua. Quando agirmos em qualquer um dos outros sete globos, iremos discernir em nosso céu o correspondente ao antigo cadáver, que então será uma Lua e não estaremos vendo a Lua atual. Vênus, Marte, Mercúrio e outros planetas visíveis são todos globos do quarto plano, de distintas massas planetárias e, por esse motivo sãos visíveis a nossos olhos, sendo que os seus seis centros de energia e consciência que os acompanham são invisíveis para nós. Todos os diagramas em duas dimensões só vão obscurecer a teoria porque um diagrama necessita de divisões lineares.

A corrente ou massa de Egos que evolui nos sete globos de nossa cadeia é limitada em número, embora a quantidade real seja enorme. Muito embora o Universo seja ilimitado e infinito, em qualquer fração específica do Cosmos onde a manifestação e a evolução tenham começado, há um limite para o grau de manifestação e para o número de egos nela envolvidos. E o número total de Mônadas que evoluem atualmente em nossa Cadeia Terrestre vieram dos antigos sete planetas ou globos que descrevi. O livro "*Budismo Esotérico*" chama essa massa de egos de "onda de vida", ou seja, o fluxo de Mônadas. Ela alcançou essa massa planetária, representada - em nossa consciência - pelo ponto central, a nossa Terra, e começou no Globo A ou número 1, chegando como um exército ou como um rio. O primeiro contingente iniciou no Globo A e lá passou por uma longa evolução em corpos adequados para aquele estado de matéria e, depois passou para o Globo B e assim por diante, através de todos os sete grandes estados de consciência, que foram denominados de globos. Quando o primeiro contingente deixou o Globo A, outros afluíram e seguiram o mesmo curso, prosseguindo todo o exército com regularidade pela rota setenária.

Essa jornada continuou por quatro voltas ao redor do todo, e então todo o fluxo ou exército de egos provenientes da antiga Cadeia Lunar havia chegado e, estando completo, nenhum Ego mais entrou depois da metade da Quarta Ronda. O mesmo processo circulatório dessas classes que chegaram em épocas diferentes prossegue por sete Rondas completas do conjunto dos sete centros planetários de consciência, e quando as sete terminarem, terá sido obtido a maior perfeição possível no imenso período consumido e, então, essa cadeia ou massa de "globos" morrerá, por sua vez, para dar origem a ainda outra série de Cadeias.

Cada um dos globos é usado pela lei evolutiva para o desenvolvimento de sete Raças e dos sentidos, faculdades e poderes apropriados para aquele estado da matéria, sendo necessária a experiência da totalidade dos sete globos para alcançar um desenvolvimento perfeito. Por este motivo temos as Rondas e as Raças. A Ronda é o ato de percorrer os sete centros planetários de consciência; a Raça é o desenvolvimento racial em um daqueles sete. Há sete Raças para cada globo, mas o total de quarenta e nove Raças apenas perfaz sete grandes Raças. O conjunto de sete Raças em cada globo ou centro planetário compõe, na realidade, uma Raça de sete constituintes ou peculiaridades especiais quanto a propósitos e poderes.

E como nenhuma Raça completa poderia evoluir repentinamente em qualquer globo, os processos lentos e ordenados da Natureza, que não permite saltos, devem proceder pelos meios apropriados. Assim as sub-Raças precisam evoluir, uma após a outra, antes que a Raça Raiz perfeita seja formada e, então, a Raça-raiz projeta sua progênie enquanto está em processo de declínio e se preparando para o advento da próxima grande Raça.

Para ilustrar isso, é claramente ensinado que é nas Américas que a nova sexta Raça – a sexta – deverá evoluir ; e aqui todas as raças da Terra estão agora envolvidas numa grande miscigenação da qual resultará uma sub-Raça altamente evoluída, após a qual outras serão

desenvolvidas por processos similares até que a nova Raça esteja completada.

Entre o fim de qualquer grande Raça e o começo de outra há um período de descanso, no que se refere ao globo, porque então o fluxo de egos humanos o deixa por um outro da Cadeia, de modo a continuar lá a ulterior evolução de poderes e faculdades. Mas quando a última, a sétima Raça, tiver aparecido e se aperfeiçoado plenamente, uma grande dissolução ocorre, semelhante à dissolução que descrevi brevemente e que precedeu o nascimento da Cadeia Terrestre. E, então o mundo, como algo tangível, desaparece, e no que concerne o ouvido humano, apenas há silêncio. Essa, se diz, é a origem da crença tão difundida de que o mundo chegará a um fim e que haverá um dia do juízo, ou que houve enchentes e incêndios universais.

Voltando à evolução na Terra, afirma-se que o fluxo de Mônadas começa primeiramente a trabalhar a massa de matéria que está na chamada condição elemental, quando tudo é gasoso ou ígneo. Porque a antiga e verdadeira teoria é que nenhuma evolução é possível sem a Mônada como agente vivificante. Neste primeiro estágio, não há nenhum animal ou vegetal. A seguir, surge o mineral, quando a massa inteira endurece sendo que as Mônadas ficam todas aprisionadas nela. Depois as primeiras Mônadas emergem nas formas vegetais que elas mesmas construíram, e ainda nenhum animal aparece. A seguir, a primeira classe de Mônadas emerge do vegetal e produz o animal, depois o modelo humano - astral e indistinto - e temos minerais, vegetais, animais e os futuros homens, porque a segunda e as subsequentes classes ainda estão evoluindo em reinos inferiores. Quando a metade da Quarta Ronda é alcançada, nenhuma Mônada emerge mais para o estado humano e não o fará até que uma nova massa planetária, reencarnada da nossa, se forme. Esse é todo o processo esboçado em linhas gerais, mas deixando muitos detalhes de fora porque, em uma das Rondas, o homem aparece antes que os animais. Mas esse detalhe não deve levar a confusão alguma.

Para dizer de uma outra forma. O plano surge

primeiro na Mente Universal, após o qual a base ou modelo astral é formado, e quando este modelo astral está finalizado, todo o processo é reiterado de forma a adensar a matéria até a metade da Quarta Ronda. Depois disso, o que virá a ser nosso futuro, toda a massa é espiritualizada, com consciência plena, e todo o conjunto de globos é elevado a um plano mais elevado de desenvolvimento. No processo de adensamento crescente referido acima, há uma alteração em relação ao tempo de aparecimento do homem no planeta. Mas no que se refere a esses detalhes, os professores apenas disseram que: “na Segunda Ronda o plano se altera, mas a alteração não será dada a conhecer a esta geração”. Por isso, me é impossível informá-la. Mas não há ambiguidade no fato de que sete grandes Raças têm que evoluir aqui nesse planeta, e que um conjunto inteiro de Raças tem que percorrer sete vezes a série inteira de sete globos.

Os seres humanos não apareceram aqui de início com os dois sexos diferenciados. Os primeiros eram assexuados, depois eles se tornaram hermafroditas e, por fim, se separaram em macho e fêmea. E essa separação em macho e fêmea, para os seres humanos, ocorreu há mais de dezoito milhões de anos. Por essa razão, é dito nessas antigas escolas que a nossa humanidade tem pouco mais de dezoito milhões de anos.

CAPÍTULO IV

A CONSTITUIÇÃO SETENÁRIA DO HOMEM

Com relação à natureza do homem, existem duas ideias correntes nos círculos religiosos do Cristianismo. Uma é o ensinamento e a outra a sua aceitação popular; a primeira, certamente, não é segredo dentro da Igreja, mas é tão raramente abordada com os leigos a ponto de ser quase um mistério para a pessoa comum. Quase todo mundo diz ter uma Alma e um corpo, e por aí termina. O que a Alma é, se esta é a verdadeira pessoa ou se tem poderes próprios, não são indagados, restringindo-se geralmente os pregadores a tratar da sua salvação ou condenação. E ao falar dela deste modo, como se fosse algo diferente de si próprio, as pessoas têm adquirido uma noção subjacente de que elas não são Almas, visto que elas podem perder a Alma. Disso surgiu uma tendência para o materialismo, fazendo com que as pessoas prestassem mais atenção ao corpo do que à Alma, sendo esta última abandonada à compassiva misericórdia dos sacerdotes Católicos Romanos, e entre os descrentes, o cuidado com ela é frequentemente protelado até o dia da morte. Mas, quando o verdadeiro ensinamento for conhecido, ver-se-á que o cuidado com a Alma, que é o Self Superior, é um assunto vital que requer atenção todo dia, e que não pode ser adiado sem que resulte em prejuízo doloroso para o homem como um todo, tanto Alma quanto corpo.

O ensinamento cristão – segundo São Paulo, já que é nele que, de fato, se baseia o Cristianismo dogmático – é que o homem é composto de corpo, Alma e Espírito. Essa é a constituição trina do homem, na qual os teólogos acreditam, mas mantida em segundo plano porque examiná-la poderia resultar na readoção de pontos de vista outrora ortodoxos, mas que hoje são heréticos. Porque, ao colocarmos

a Alma entre o Espírito e o corpo, nós nos aproximamos muito da necessidade de olhar para a questão da responsabilidade da Alma, já que o simples corpo não pode ter responsabilidade. E para tornar a Alma responsável pelos atos praticados, nós devemos admitir que ela tem poderes e funções. A partir disso, é fácil assumir o ponto de vista de que a Alma possa ser racional ou irracional, conforme, às vezes, os gregos pensavam, e então só falta um passo para aprofundar as proposições teosóficas. Este arranjo tríplice da natureza do homem contém, de fato, o ensinamento teosófico da sua constituição setenária, porque as outras quatro divisões que faltam na série podem ser encontradas nos poderes e funções do corpo e da Alma, como tentarei mostrar mais adiante. Essa convicção de que o homem é setenário e não apenas um díade era sustentada há muito tempo, e era comumente ensinada a todos, com as respectivas demonstrações mas, assim como outros princípios filosóficos, ela desapareceu, pois foi gradualmente recolhida quando, na Europa oriental, a moral estava se degenerando e antes do materialismo ter ganhado pleno domínio, juntamente com seu gêmeo: o ceticismo. A partir da sua recolhida, foi legado ao Cristianismo o atual dogma de corpo, Alma e espírito. As razões para essa ocultação e a sua revitalização nesse século foram bem colocadas pela Madame H.P. Blavatsky em "*A Doutrina Secreta*". Em resposta à afirmação: "nós não podemos entender como qualquer perigo poderia ser causado pela revelação de uma doutrina puramente filosófica como a evolução da Cadeia Planetária", ela diz:

> "O perigo era o seguinte: doutrinas tais como a da Cadeia Planetária ou das sete Raças proporcionam, de imediato, uma pista para a natureza setenária do homem, porque cada princípio está correlacionado com um plano, um planeta e uma Raça. E os princípios humanos estão, em cada plano, correlacionados com as forças sétuplas ocultas – aquelas dos planos mais elevados possuem um poder oculto formidável, cujo abuso poderia causar um mal incalculável à humanidade. Um indício que, talvez, não seja indício algum para a atual geração – especialmente os ocidentais – protegidos como estão por sua própria cegueira e ignorante descrença materialista no oculto, mas um indício que, no entanto, teria sido muito genuíno nos primeiros séculos

> da Era Cristã para povos plenamente convencidas da realidade do ocultismo e, entrando num ciclo de degradação o qual os tornou propícios ao abuso dos poderes ocultos e às feitiçarias da pior espécie".

O Sr. A. P. Sinnett, que já foi um funcionário público no Governo da Índia [*], foi o primeiro a descrever, nesse século, a verdadeira natureza do homem em seu livro "*Budismo Esotérico*" o qual foi elaborado com informações transmitidas para ele por H.P. Blavatsky, diretamente da Grande Loja de Iniciados, à qual já foi feita referência. E, ao colocar assim a antiga doutrina ante a civilização ocidental, ele conferiu um grande benefício para sua geração e ajudou consideravelmente a causa da Teosofia. Sua classificação foi:

1. O Corpo Físico, ou *Rupa;*

2. Vitalidade, ou *Prana-Jiva;*

3. Corpo Astral, ou *Linga Sharira;*

4. Alma Animal, ou *Kama Rupa;*

5. Alma Humana, ou *Manas;*

6. Alma Espiritual, ou *Buddhi;*

7. Espírito, ou *Atma*.

As palavras em itálico são equivalentes no idioma sânscrito, ás adotadas por ele para os termos em inglês. Essa classificação permanece válida até hoje para toda finalidade prática, mas é passível de modificação e ampliação. Por exemplo, um arranjo posterior que coloca o corpo astral na segunda posição ao invés da terceira não a altera substancialmente. De imediato, ela confere uma ideia do que é o homem, muito diferente da descrição vaga das palavras "corpo e Alma", além de desafiar corajosamente a concepção materialista de que a mente é produto do cérebro, ou seja, uma parte do corpo. Não se alega que estes princípios eram desconhecidos até então, porque eram todos compreendidos de diversos modos: não apenas pelos hindus, mas por muitos europeus. Contudo, a apresentação concisa da constituição setenária do homem em íntima conexão com a constituição setenária de uma cadeia de globos através da qual o ser evolui, não havia

[*] O Sr. Sinnett era o editor de *Pioneer* de Allahabad, a publicação oficial do Governo da India.

sido revelada. O abade francês, Eliphas Levi, escreveu sobre o reino astral e o corpo astral mas, evidentemente, não tinha conhecimento do resto da doutrina e, embora os hindus possuíssem os outros termos em sua língua e na sua filosofia, eles não usavam uma classificação setenária, mas dependiam principalmente de uma classificação quaternária e certamente ocultavam (caso a conhecessem) a doutrina de uma cadeia de sete globos que inclui a nossa Terra. De fato, um erudito hindu, Subba Row, já falecido, afirmou que eles sabiam de uma classificação setenária, mas que ela não tinha sido e não seria revelada.

Considerando esses constituintes de outra maneira, diríamos que o homem inferior é um ser composto, mas que em sua verdadeira natureza é uma unidade, ou ser imortal, abrangendo uma trindade de Espírito, Discernimento e Mente, a qual requer quatro instrumentos ou veículos mortais inferiores, por meio dos quais pode atuar na matéria e colher experiência da Natureza. Esta trindade se denomina *Atma-Buddhi-Manas*, em sânscrito, termos difíceis de traduzir para o inglês. *Atma* é Espírito, *Buddhi* é o poder mais elevado do intelecto, aquele que discerne e julga, e *Manas* é a mente. Esse conjunto tríplice é o homem real; e sem dúvida, essa doutrina originou a teológica da trindade de Pai, Filho e Espírito Santo. Os quatro instrumentos ou veículos são mostrados nessa tabela:

- *Atma*, - *Buddhi*, -*Manas*	- As paixões e os Desejos, - Princípio vital, - Corpo Astral, - Corpo Físico

Esses quatro constituintes inferiores e materiais são transitórios e sujeitos à desintegração por si próprio, assim como à separação uns dos outros. Quando chega a hora de iniciar sua separação, a combinação não mais pode ser mantida, o corpo físico morre, os átomos dos quais cada um dos quatro constituintes é composto começam a se separar uns dos outros e, o conjunto todo,

ao ser desmantelada, não é mais apto para servir de instrumento para o homem real. Isso é o que é denominado de “morte” entre nós mortais, mas não é a morte para o homem real, porque ele é imperecível, permanente, imortal. Por isto ele é chamado de Tríade, ou trindade indestrutível, enquanto eles [os quatro instrumentos] são chamados de quaternário ou os quatro mortais.

Esse quaternário, ou homem inferior, é um produto das leis e substâncias cósmicas ou físicas. Como qualquer outra coisa física, ele tem evoluído no decorrer das eras, a partir da substância cósmica e está, portanto, sujeito às leis físicas, fisiológicas e psíquicas que governam a Raça humana como um todo. Assim, o seu período de possível duração pode ser calculado assim como o limite de tensão elástica dos metais usados na construção de uma ponte pode ser deduzido pelo engenheiro. Qualquer agregado sob a forma de um ser humano e feito desses constituintes tem, portanto, sua duração limitada pelas leis do período evolutivo no qual ele existe. Por ora, ela gira geralmente em torno de setenta a cem anos, mas sua duração possível é maior. Assim, há na história exemplos de pessoas comuns que viveram até os duzentos anos de idade e, por meio do conhecimento de leis ocultas da Natureza, o limite possível de duração pode ser estendido até, aproximadamente, quatrocentos anos.

O homem Físico visível é:	Cérebro, Nervos, Sangue, Ossos, Linfa, Músculos, Órgãos de Sensação e Ação, e Pele.
O homem Físico invisível é:	O Corpo Astral, Paixões e Desejos, O Princípio Vital (chamado *Prana* ou *Jiva*)

Poderá perceber-se que a parte física da nossa natureza, por conseguinte, estende-se para um segundo constituinte que, embora invisível ao olho físico, é, todavia, material e sujeito a desintegração. Pelo fato de que as pessoas, em geral, se acostumaram a concebem como sendo real apenas aquilo que podem ver com os olhos físicos, elas acabam supondo que o que é invisível não é real nem material. Mas elas se esquecem que, até no plano terrestre, gases nocivos são invisíveis, embora reais e poderosamente materiais, e que a água pode existir no ar e é mantida suspensa e invisível até que as condições se alterem e causam sua precipitação.

Recapitulemos antes de entrar em detalhes. O Homem Real é a trindade *Atma-Buddhi-Manas*, ou Espírito e Mente, e ele utiliza certos agentes e instrumentos para entrar em contato com a Natureza com a finalidade de conhecer a si mesmo. Estes instrumentos e agentes encontram-se nos quatro princípios inferiores – o quaternário – sendo que cada princípio é de si mesmo um instrumento para a experiência específica pertencente ao seu próprio campo de ação, constituindo-se o corpo o mais inferior, o menos importante e o mais transitório de toda o conjunto. Porque quando chegamos ao corpo procedendo da Mente Superior, pode ser demonstrado que todos os seus órgãos são em si mesmos inanimados e inúteis se privados do ser humano interior. Visão, audição, tato, paladar e olfato não pertencem ao corpo, mas ao segundo homem físico e invisível, sendo que os órgãos reais para o exercício dessas faculdades estão no Corpo Astral, e aqueles no corpo físico são apenas instrumentos mecânicos externos para desempenhar a coordenação entre a Natureza e os órgãos reais internos.

CAPÍTULO V

CORPO FÍSICO E CORPO ASTRAL

O corpo físico, considerado como um agregado de carne, ossos, músculos, nervos, matéria cerebral, bílis, muco, sangue e pele, é objeto de um cuidado exclusivo para muita gente, que fazem dele seu deus porque vieram a se identificar com ele, querendo dizer “ele” quando dizem “eu”. Deixado a sua própria sorte, ele fica desprovido de sensações e age, em tal caso, somente por ação reflexa e automática. Nós observamos isso no sono porque então o corpo assume posturas e faz movimentos que o homem acordado não consente. É como a mãe Terra no sentido que é constituída por uma série de “vidas” infinitesimais. Cada uma dessas vidas é um ponto com sensitividade. Não existem tão somente micróbios, bacilos e bactérias, mas estes são constituídos de outras vidas, e essas por outras vidas ainda mais diminutas. Essas vidas não são as células do corpo, mas compõem as células, mantendo-se sempre dentro dos limites que a evolução atribuiu à célula. Elas estão incessantemente turbilhonando e se movendo juntas por todo o corpo, localizando-se tanto em determinados espaços aparentemente vazios, quanto onde encontram-se carne, membranas, ossos e sangue. Elas também se estendem até uma distância mensurável, além dos próprios limites do corpo.

Um dos mistérios da vida física está escondido em meio a essas “vidas”. Suas ações, impulsionadas adiante pela energia Vital – chamada *Prana* ou *Jiva* – explicará a existência ativa e a morte física. Elas são divididas em duas classes: uma, a dos destruidores, e a outra, a dos preservadores, e estas duas guerreiam entre si, desde o nascimento até que os destruidores vençam. Nessa luta, a própria Energia Vital põe fim à disputa, porque é a vida que mata. Isso pode parecer heterodoxo, mas na filosofia teosófica, é considerado um fato. Pois, segundo é dito,

a criança vive porque a combinação de órgãos saudáveis é capaz de absorver toda a vida no espaço à sua volta e é levada a dormir todos os dias pelo avassalador poder da corrente de vida, já que os preservadores entre as células do corpo jovem ainda não foram dominados pelos da outra classe. Estes processos de adormecer e de novamente despertar são simples e unicamente a restauração do equilíbrio durante o sono e a ação produzida pela perturbação dele, quando desperto. É algo comparável à lâmpada elétrica de arco na qual o arco de luz brilhante no ponto da resistência, é o símbolo do homem ativo desperto. Assim, durante o sono, nós estamos novamente absorvendo e não resistindo à Energia da Vital: quando despertos estamos descartando a Energia. Mas como Ela existe ao nosso redor como um oceano no qual nadamos, nosso poder para descartá-la é necessariamente limitado. Assim que acordamos, estamos em equilíbrio no que se refere aos nossos órgãos e à vida; quando adormecemos estamos ainda mais repletos de vida do que de manhã. Ela nos exauriu; por fim, ela mata o corpo. Tal contenda não poderia ser travado para sempre, visto que o peso da vida de todo o sistema solar se opõe ao poder de resistência concentrado numa pequena estrutura humana.

O corpo é considerado pelos Mestres de Sabedoria como o mais transitório, impermanente e ilusório de todo o conjunto de constituintes do homem. Não é o mesmo, nem por um instante. Sempre mudando, em movimento por toda parte, apesar de tangível, o corpo nunca está de fato completo ou terminado. Os antigos claramente perceberam isso, pois eles elaboraram uma doutrina chamada de *Nytia Pralaya*, ou a contínua mudança nas coisas materiais, a contínua destruição. Isso é hoje conhecido na ciência através da teoria de que o corpo sofre uma alteração e renovação completa a cada sete anos. Ao final dos primeiros sete anos, não é mais o mesmo corpo que era no começo. Ao final das nossas vidas, ele terá mudado sete vezes, talvez mais. E, contudo, ele apresenta a mesma aparência geral da maturidade até a morte; e é uma forma humana desde o nascimento até a maturidade. Este é um mistério que a ciência não explica;

é uma questão pertencente à célula e aos meios pelos quais a forma humana geral é preservada.

A “célula” é uma ilusão. É apenas uma palavra. Ela não tem existência enquanto coisa material, pois toda célula é composta por outras células. O que, então, é uma célula? É a forma ideal dentro da qual os verdadeiros átomos físicos - constituídos pelas “vidas” - se organizam. Já que se admite que as moléculas físicas estão incessantemente saindo do corpo, elas devem estar deixando as células a todo instante. Assim sendo, não há célula física, a não ser os limites próprios de uma, suas membranas e uma forma geral ideal. As moléculas assumem uma posição dentro de uma configuração ideal de acordo com as leis da Natureza, e quase imediatamente a deixam novamente para ceder o lugar para outros átomos. E assim com o ocorre com o corpo, também acontece com a Terra e com o Sistema Solar. Assim também ocorre, embora a um ritmo mais lento, com todos os objetos materiais. Eles estão todos em constante movimento e mudança. Essa é uma sabedoria moderna e também antiga. Essa é a explicação física da clarividência, da clariaudiência, da telepatia e da leitura da mente. Ela ajuda a nos mostrar quão ilusório e insatisfatório é o nosso corpo.

Embora, estritamente falando, o segundo constituinte do homem seja o corpo astral - chamado em sânscrito de *Linga Sharira* -, nós consideraremos a Energia Vital - *Prana* e *Jiva* em sânscrito - conjuntamente com ele, porque para nossa observação, o fenômeno da vida é mais claramente mostrado em conexão com o corpo.

A Vida não é o resultado do funcionamento dos órgãos, nem desaparece quando o corpo se dissolve. Ela é um princípio universalmente difundido. Ela é o oceano no qual a Terra flutua: ela permeia o globo e cada ser e objeto nele. Ela trabalha incessantemente em nós e ao nosso redor, pulsando em contato conosco e através de nós, eternamente. Quando ocupamos um corpo, nós tão somente usamos um instrumento mais especializado do que qualquer outro para lidar tanto com *Prana* quanto com *Jiva*. Estritamente falando, *Prana* é respiração e, como a respiração é necessária para a continuidade da vida na máquina humana, é a melhor palavra. *Jiva* significa

“vida”, e se aplica também à Alma vivente, porque a vida em geral deriva da própria Vida Suprema. *Jiva* é, portanto, aplicável de forma mais ampla, enquanto *Prana* é mais específico. Não se pode dizer que alguém possua uma quantidade determinada dessa *Energia Vital*, a qual regressará de volta à sua fonte caso o corpo seja cremado mas, antes, sim que ela opera com qualquer que seja a massa de matéria nela contida. Nós, por assim dizer, a secretamos ou a usamos à medida que vivemos. Pois, quer estejamos vivos ou mortos, a energia da Vida continua presente; em vida, em meio aos nossos órgãos, sustentando-os, na morte, em meio às inúmeras criaturas que surgem da nossa destruição. Somos tão incapazes de nos livrar dessa vida quanto de fazer desaparecer o ar no qual o pássaro plana e, assim como o ar, ela preenche todos os espaços no planeta, de modo que em nenhum lugar podemos perder seu benefício, nem escapar, no fim, ao seu poder esmagador. Mas ao atuar sobre o corpo físico, essa vida – *Prana* – necessita de um veículo, um meio ou guia, e esse veículo é o corpo astral.

Existem muitas denominações para o corpo astral. Seguem alguns: *Linga Sharira*, em sânscrito, significando corpo-modelo, e o melhor de todos; duplo etérico; fantasma; espectro; aparição; doppelganger; homem pessoal; perispírito; alma irracional; alma animal; *Bhuta*; elementário; assombração; diabo; demônio. Algumas dessas denominações se aplicam somente ao corpo astral quando desprovido do corpo físico depois da morte. *Bhuta*, diabo e elementário são praticamente sinônimos: o primeiro em sânscrito, o segundo em inglês. Para os hindus, *Bhuta* é o corpo astral quando liberado do corpo e da mente pela morte. E estando, desta forma, separado da consciência é um diabo na concepção deles. Eles não estão de todo errados, se abolirmos a antiga noção de que o diabo é um anjo caído do céu, porque este diabo corpóreo é algo que surge da Terra.

Pode-se contestar que o termo corpo astral não é o correto para esta finalidade. A objeção surge da natureza e gênese da língua inglesa, pois como esta cresceu em uma

luta com a natureza e entre um povo mercantil, ainda não cunhou as palavras necessárias para designar a grande variedade de faculdades e órgãos do homem invisível. E como seus filósofos não admitiram a existência desses órgãos internos, não existem termos corretos no idioma. Assim, ao procurar palavras para descrever o corpo interno, a única encontrada em inglês foi “corpo astral”. Este termo se aproxima da realidade já que, em termos gerais, a substância desta constituição procede de matéria cósmica ou matéria estelar. Mas a antiga palavra sânscrita descreve-a exatamente – *Linga Sharira*, o corpo-modelo – porque ele é o projeto ou modelo do corpo físico. É melhor do que “corpo etéreo”, pois poderia ser interpretado como sendo subsequente ao corpo físico, ao passo que, de fato, o corpo astral antecede ao material.

O corpo astral é feito de uma matéria de textura muito delicada quando comparada à do corpo visível, e tem uma grande força tênsil, de modo que muda muito pouco durante uma vida, enquanto o físico se altera a todo instante. E não somente tem uma força imensa, como possui ao mesmo tempo uma elasticidade que lhe permite estender-se a uma distância considerável. Ele é flexível, plástico, extensível e forte. A matéria da qual é composto é elétrica e magnética em sua essência, e é exatamente a de que o mundo inteiro era composto no passado obscuro, quando os processos de evolução ainda não tinham chegado à condição de produzir o corpo material para o homem. Mas não é matéria crua ou bruta. Tendo passado por um longo período de evolução e sofrido um número incalculável de processos de purificação, sua natureza se refinou a um grau muito além dos elementos físicos grosseiros que nós vemos e tocamos com o olho e a com a mão físicos.

O corpo astral é o modelo condutor do físico, e todos os outros reinos têm igualmente um modelo astral. Vegetais, minerais e animais têm o duplo etérico, e essa teoria é a única que responderá à pergunta

de como a semente produz sua própria espécie e todos os seres sencientes dão origem a seus semelhantes. Os biólogos podem apenas dizer que os fatos são como nós os conhecemos, mas não podem dizer o motivo pelo qual uma bolota de carvalho nunca se tornará algo diferente de um carvalho, salvo que nenhum homem jamais soube que isso pudesse ser diferente. Mas nas antigas escolas do passado, a verdadeira doutrina era conhecida e ela tem sido novamente trazida para o Ocidente por meio dos esforços de H. P. Blavatsky e daqueles que encontraram inspiração em suas obras.

Esta doutrina diz que, nos primórdios da evolução deste globo, os vários reinos da Natureza são primeiramente esboçados em um plano ou forma ideal, e que depois a matéria astral começa a trabalhar nesse plano com a ajuda do princípio da Vida até que, após longas eras, a forma astral do homem é desenvolvida e aperfeiçoada. Essa é, então, a primeira forma que a raça humana teve e corresponde, de certa forma, à alegoria da condição do homem no Jardim do Éden. Após outro vasto período, durante o qual o ciclo do contínuo descenso à matéria segue avançando, a forma astral se veste por fim com uma “vestimenta de pele”, e a forma física atual entra em cena. Esta é a explicação do verso no livro de Gênesis que descreve a doação de vestimentas de pele a Adão e Eva. É a queda final na matéria, pois deste ponto em diante, o homem interior lutará para elevar toda a massa de substância física a um patamar mais elevado e a imbuir com uma maior quantidade de influência espiritual, de modo que fique preparada para avançar ainda mais durante o próximo grande período de evolução, depois que o atual período estiver terminado. Atualmente, o modelo para a criança que cresce no ventre da mãe é o corpo astral, já perfeito em sua forma antes que a criança nasça. É sobre este modelo que as moléculas se organizam até que a criança esteja integralmente formada e a existência do corpo-modelo etéreo explicará como a forma cresce nessa configuração, como os olhos se impulsionam de dentro para fora, para a superfície da face, e muitas outras questões misteriosas na embriologia, que são preteridas pelos médicos mediante uma descrição, mas sem uma explicação.

Isso também irá explicar, já que nada mais o pode, os casos de sinais distintivos em crianças ainda no ventre materno, as vezes negadas pelos médicos, mas bem conhecidas por aqueles que se dão ao trabalho de observar, como sendo um fato de ocorrência frequente. A forma física em crescimento está subordinada ao modelo astral; ela está conectada à imaginação da mãe por órgãos físicos e psíquicos; a mãe cria uma imagem intensa de horror, de medo ou o contrário e o modelo astral é então similarmente afetado. No caso da sinalização distintiva consiste em nascer sem pernas, as ideias e forte imaginação materna atuam de forma a cortar ou encolher a perna astral e o resultado é que as moléculas, não tendo modelo de perna sobre o qual trabalhar, não produzem perna física alguma; e semelhantemente em todos os casos assim. Mas ao encontrarmos um homem que ainda sente a perna que o cirurgião amputou, ou percebe os dedos que foram amputados, então o membro astral não sofreu interferência e por isso o homem o sente como se ainda estivesse no seu corpo. Porque nem o bisturi nem um ácido vão ferir o modelo astral, mas nos estágios iniciais de seu desenvolvimento, as ideias e a imaginação têm o poder do ácido e do aço afiado.

No homem comum que não foi treinado no ocultismo prático ou que não traz essa aptidão de nascença, o corpo astral não pode afastar-se mais do que poucos metros de distância do corpo físico. É uma parte daquele corpo físico, ele o sustenta e está incorporado nele tanto como as fibras da manga estão por toda a fruta. Mas existem aqueles que, devido às práticas realizadas em vidas anteriores na Terra, tem o poder inato de, inconscientemente, projetar o corpo astral. Estes são médiuns, alguns videntes e muitas pessoas histéricas, catalépticas ou escrofulosas. Aqueles que treinaram por um prolongado curso de disciplina excessivamente severa, a qual alcança a natureza moral e mental e vai bem além do poder do atual homem comum, podem usar a forma astral à vontade, porque superaram completamente a ilusão de que o corpo físico é uma parte permanente

deles e, além disso, eles aprenderam as leis químicas e elétricas que regem neste assunto. No seu caso, eles agem com conhecimento e conscientemente; nos outros casos, a ação é feita sem o poder de impedi-la ou de realizá-la à vontade, ou de evitar os riscos inerentes a tal uso de poderes da Natureza de característica elevada.

O corpo astral contem em si os reais órgãos dos sentidos externos. Nele se encontram a visão, a audição, o olfato e o tato. Ele tem um sistema completo próprio de nervos e artérias para levar o fluido astral, o qual é para o corpo astral o que o nosso sangue é para o corpo físico. É o homem pessoal real. É lá que estão localizadas a percepção subconsciente e a memória latente, com as quais os hipnotizadores atuais lidam e são iludidos. Assim, quando o corpo morre, o homem astral é libertado, e como na morte o homem imortal – a Tríade – parte para outro estado, o corpo astral torna-se a casca do que um dia foi um homem vivo, e requer tempo para dissolver-se. A casca retém todas as lembranças da vida que o homem viveu e, então, de modo reflexo e automaticamente, pode repetir o que o homem morto sabia, falava, pensava e via. Ela permanece perto do corpo físico abandonado, quase o tempo todo, até que o corpo físico seja completamente dissipado, porque ele tem que passar pelo seu próprio processo de extinguir-se. A casca pode tornar-se visível sob certas condições. É o fantasma das salas de sessões espiritualistas e está lá levado a se passar pelo verdadeiro espírito desse ou daquele indivíduo. Atraído pelos pensamentos do médium e da plateia, flutua confusamente onde eles estão e é então arrebatado para uma vida artificial por toda uma hoste de forças elementais e pelo corpo astral ativo do médium que está realizando a sessão, ou por qualquer outro médium na plateia. Dele (como se fosse a partir de uma fotografia) são, então, refletidas no cérebro do médium todas as alardeadas evidências com que os espiritualistas afirmam que vão provar a identidade do amigo ou parente falecido. Estas evidências são aceitas como prova de que o espírito do falecido está presente porque nem

o médium nem a plateia estão familiarizados com as leis que regem sua própria natureza, nem com a constituição, poder e o papel da matéria astral e do homem astral.

A filosofia teosófica não nega os fatos provados nas *sessões* espiritualistas, mas fornece uma explicação sobre eles inteiramente oposta àquela dada pelos espiritualistas. E, certamente, a absoluta ausência de qualquer explicação lógica científica por esses assim chamados espíritos a respeito dos fenômenos que dizem produzir, embasa a alegação de que eles não possuem conhecimento para transmitir. Eles apenas conseguem causar certos fenômenos, cujo exame e deduções a partir disto só podem ser adequadamente conduzidos por um cérebro treinado, guiado pela trindade viva de espírito, Alma e mente. E aqui uma outra classe de fenômeno espiritualista requer uma breve nota. É o surgimento do que é denominado "espírito materializado".

Três explicações são oferecidas: *Primeiro*, que o corpo astral do médium vivo se desprende de seu corpo e assume a aparência do suposto espírito, porque uma das propriedades da matéria astral é a capacidade de refletir uma imagem invisível que existe no éter. *Segunda*, que a verdadeira casca astral do falecido – totalmente destituída do seu espírito e consciência – torna-se visível e tangível quando as condições do ar e do éter são de tal ordem que alteram a vibração das moléculas da casca astral a ponto dela poder tornar-se visível. Os fenômenos de densidade e de peso aparente são explicados por outras leis. *Terceiro*, que uma massa invisível de matéria elétrica e magnética é coletada, e sobre ela é refletida, a partir da luz astral, uma imagem de qualquer pessoa que se deseje, seja falecida ou viva. Isso se supõe que seja o "espírito" de tais pessoas, mas não o é, e tem sido justificadamente chamado por H. P. Blavatsky de "fraude psicológica" porque finge ser o que não é. E, parece estranho dizer, essa mesma explicação sobre as materializações foi dada por um "espírito" numa *sessão* rotineira, mas nunca foi aceita pelos espiritualistas justamente

porque perturba seu conceito sobre o retorno dos espíritos das pessoas falecidas.

Por fim, o corpo astral explicará quase todas as coisas psíquicas estranhas que acontecem na vida cotidiana e nos tratos com médiuns genuínos; mostra o que uma aparição pode ser e a possibilidade dela ser vista, impedindo, assim, o descrente cientista de violar o bom senso ao afirmar que você não viu o que você sabe que viu; a superstição é suprimida ao mostrar a real natureza desses fenômenos e destrói o medo irracional do desconhecido o qual faz um homem ter medo de ver um “fantasma”. Pelo corpo astral também podemos explicar o aparecimento de objetos sem contato físico, pois a mão astral pode ser projetada e forçada a agarrar um objeto, trazendo-o para perto do corpo. Quando é demonstrado que isso é possível, então os viajantes não serão mais motivo de riso ao contarem ter visto iogues hindus fazerem xícaras de café voar pelo ar e objetos distantes se aproximarem, aparentemente por vontade própria, sem serem tocados por eles ou por qualquer outra pessoa. Todos os exemplos de clarividência e de clariaudiência também devem ser explicados por efeito do corpo astral e da luz astral. Os órgãos astrais – que são os verdadeiros órgãos – realizam a visão e a audição, e assim como todos os objetos materiais estão constantemente em movimento, entre seus próprios átomos a visão e audição astral não são impedidas, mas operam a uma distância tão grande quanto a extensão da luz astral ou matéria astral ao redor ou sobre a Terra. Foi desse modo que o grande vidente Swedenborg viu casas queimando na cidade de Estocolmo enquanto se encontrava em outra cidade, a muitos quilômetros de distância e, pelos mesmos meios, qualquer clarividente hodierno vê e ouve à distância.

CAPÍTULO VI

KAMA-DESEJO

O autor de "*Esoteric Buddhism*" – um livro que deveria ser consultado por todos os estudantes de Teosofia já que foi feito a partir de sugestões dadas por alguns dos próprios Adeptos - deu o nome de *Kama Rupa* ao quarto princípio da constituição humana. O motivo foi que a palavra *Kama*, em sânscrito, significa "desejo" e, como a ideia que se pretendia transmitir era de que o quarto princípio era "o corpo ou conjunto de desejos e paixões", o Sr. Sinnett adicionou a palavra sânscrita *Rupa, que significa* corpo ou forma, formando assim a palavra composta *Kama Rupa*. Irei chamá-lo pelo equivalente em inglês – paixões e desejos – porque estes termos expressam exatamente a sua natureza. Faço isso também para ressaltar o agudo problema que existe, de fato, entre a psicologia e a filosofia mental do Ocidente e do Oriente. O Ocidente divide o homem em intelecto, vontade e sensação, mas não está claro se as paixões e os desejos constituem um princípio por si mesmo ou se são inteiramente por efeito do corpo. De fato, a maioria das pessoas considera-os como sendo resultado da influência da carne, pois são frequentemente denominadas com as expressões "desejos da carne" e "apetites da carne". Entretanto, os antigos e os teosofistas os conhecem como um princípio em si, e não apenas como impulsos do corpo. Nenhuma ajuda pode ser obtida da psicologia ocidental neste assunto - agora na sua infância e completamente destituída de conhecimento sobre a natureza interior do homem, que é a natureza psíquica do homem - e a partir deste ponto, existe a maior divergência entre ela e a Teosofia.

As paixões e os desejos não são produzidos pelo

corpo, mas, ao contrário, o corpo é originado por eles. São o desejo e a paixão que causaram o nosso nascimento, e nos farão renascer repetidamente, em algum corpo nesta Terra ou em algum outro globo. (*) É através da paixão e do desejo que somos levados a evoluir através das mansões da morte, chamadas de vidas na Terra. Foi pelo surgimento do desejo, na desconhecida causa primordial, a una existência absoluta, que todo o conjunto de mundos foi manifestado e é através da influência do desejo no agora manifestado mundo que este é mantido em existência.

Este quarto princípio é o princípio do equilíbrio entre os sete. Ele se situa no meio, e dele os caminhos seguem para cima ou para baixo. É o fundamento da ação e a força motriz da vontade. Como diziam os antigos herméticos: "Por trás da vontade está o desejo". Quer desejarmos fazer o bem ou o mal, temos primeiro que despertar dentro de nós o desejo por qualquer uma desses cursos de ação. O homem bom que finalmente se torna um sábio teve de despertar, em algum momento de suas muitas vidas, o desejo pela companhia de homens santos e de manter vivo seu desejo pelo progresso, de modo a prosseguir no seu caminho. Até mesmo um Buda, ou um Jesus, teve primeiro que fazer um voto, que é um desejo, em alguma vida, de que salvaria o mundo ou uma parte dele, e persistiria com o desejo vivo em seu coração por incontáveis vidas. E, por outro lado, assim também o homem mau tomou para si, vida após vida, desejos baixos, egoístas, perversos, aviltando em vez de purificar esse princípio. No lado material e científico do ocultismo – o uso dos poderes internos ocultos da nossa natureza – se este princípio do desejo não for forte, o poder-mor da imaginação não pode realizar seu trabalho, porque, apesar de produzir um molde ou matriz, a vontade não pode agir a não ser que seja movida, dirigida e mantida afinada pelo desejo.

Os desejos e paixões têm, portanto, dois aspectos, um inferior e o outro superior. O inferior é evidenciado pelo constante posicionamento da

(*) Como corrigido por W.Q.J. no *The Theosophical Forum*, junho de 1894.

consciência inteiramente embaixo, no corpo físico e no corpo astral; o superior advém da influência e da aspiração à trindade acima, de Mente, *Buddhi* e Espírito. Esse quarto princípio é como o signo de Libra no caminho do Sol através do Zodíaco; quando o Sol (que é o homem real) alcança aquele signo, ele estremece na balança. Caso fosse voltar, os mundos seriam destruídos; indo para frente, toda a raça humana é elevada em direção à perfeição.

Durante a vida, as paixões e os desejos estão, assim como ocorre com o corpo astral, permeados por todo o homem inferior e, assim como aquela contraparte etérea do nosso corpo físico, eles pode ser aumentado ou diminuído, enfraquecido ou fortalecido, aviltado ou purificado.

No momento da morte, o corpo de desejo anima o corpo astral que, então, se torna uma mera casca, pois quando um homem morre, seu corpo astral e o princípio da paixão e do desejo abandonam juntos o corpo físico e se fundem. É neste momento que o termo *Kama Rupa* pode ser aplicado já que *Kama Rupa* é, de fato, formado pela união do corpo astral e de *Kama*, e a junção dos dois constitui um modelo ou forma que, embora normalmente invisível, é material e pode ser tornado visível. Apesar de destituído de mente e de consciência, ele tem poderes próprios que podem ser exercidos sempre que as condições o permitam. Essas condições são proporcionadas pelo médium dos espiritualistas e, em todas as salas de *sessão*, as cascas astrais de pessoas falecidas estão sempre presentes para iludir os participantes cujos poderes de discernimento foram destruídos pelo deslumbramento. É o “demônio” dos hindus, e um médium não poderia ter um inimigo pior. Porque o fantasma astral – ou *Kama Rupa* - nada mais é do que a massa de desejos e paixões abandonada pela pessoa real, que foi para o “paraíso” e não tem preocupação alguma com as pessoas deixadas para trás, muito menos com sessões e médiuns. Assim, desprovidos de Alma mais nobre, esses desejos e paixões atuam apenas na parte mais inferior da natureza do médium e não incitam

aspectos bons, mas sempre as tendências inferiores do ser. É por isso que, mesmo os próprios espiritualistas admitem que há muita fraude na esfera dos médiuns e médiuns têm frequentemente confessado que: “os espíritos me induziram e cometi fraudes conforme os desejos deles”.

Esse fantasma *Kama Rupa* é também o inimigo da nossa civilização, a qual nos permite executar homens pelos crimes cometidos e, assim, lançar ao éter a massa de paixões e desejos livres do peso do corpo e passível de ser atraída por alguma pessoa sensitiva a qualquer momento. Sendo assim atraídas, as deploráveis imagens dos crimes cometidos e também a cena da execução, acompanhada de todas as maldições e desejos de vingança, são implantadas em pessoas vivas que, não percebendo o mal, são incapazes de desfazer-se delas. Dessa forma, todos os dias, crimes e novas idealizações de crimes são deliberadamente propagados por aqueles países onde vigora a pena capital.

As cascas astrais, em conjunto com o corpo astral ainda vivo do médium, ajudados por certas forças da Natureza que os teosofistas denominam “elementais”, produzem quase todos os fenômenos espiritualistas não-fraudulentos. Tendo o corpo astral do médium o poder de expansão e consubstanciação, ele forma o arcabouço para os assim chamados “espíritos materializados” que fazem objetos se moverem sem contato físico, fornecem relatos de parentes falecidos, não sendo nenhum destes relatos outra coisa que recordações e imagens provenientes da luz astral e, para tudo isso, usando e sendo usado por cascas de suicidas, de assassinos executados e todos os fantasmas deste tipo que estão naturalmente gravitam próximos desse plano de vida. O número de casos em que alguma comunicação vem de um verdadeiro espírito fora do corpo é tão pequeno que quase pode ser contado nos dedos de uma mão. Mas, as vezes, os espíritos de homens vivos vêm a *sessões* e delas participam enquanto seus corpos dormem. Mas eles não conseguem se lembrar, não sabem como fazem isso e os médiuns não os diferenciam da massa de cadáveres astrais.

O fato de que tais coisas possam ser feitas pelo homem interno sem que sejam recordadas, nada prova contra essas teorias, porque a criança pode enxergar sem saber como o olho funciona, e o selvagem que não tem nenhum conhecimento do complexo maquinário que trabalha em seu corpo, contudo, prossegue perfeitamente com o processo de digestão. E que este processo ocorre inconscientemente nele está rigorosamente de acordo com a teoria, pois esses atos e feitos do homem interno são as ações inconscientes da mente subconsciente. Estas palavras, “consciente” e “subconsciente”, são obviamente usadas de maneira relativa, sendo a inconsciência somente a do cérebro. E experiências hipnóticas têm conclusivamente comprovado todas essas teorias, o que será plenamente reconhecido em um futuro não muito distante. Além disso, entre todas as sombras de Hades, as cascas astrais de suicidas e de criminosos executados são as mais coesas, mais longevas e as mais próximas de nós, e por isso e por exigência do caso, devem ser os verdadeiros “guias” na sala de *sessões*.

Paixão e desejo associados ao corpo-modelo astral, são comuns aos homens e aos animais, assim como ao reino vegetal, embora minimamente desenvolvidos neste último. E num determinado período da evolução, nenhum outro princípio material adicional havia se desenvolvido ainda, e os três princípios superiores, Mente, Alma e Espírito, estavam apenas latentes. Até esse ponto, homens e animais eram análogos, porque o bruto em nós é composto das paixões e do corpo astral. O desenvolvimento do germe da Mente produziu o homem, porque a Mente constituiu a grande diferenciação. O Deus interno começa com *Manas*, ou mente, e é a luta entre esse Deus e o animal inferior sobre o que a Teosofia fala e adverte. O princípio inferior é qualificado de mau porque ele o é em comparação com o mais elevado, mas ainda assim ele é a base da ação. Nós não podemos elevar-nos a não ser que o self inferior primeiramente se afirme no desejo de melhorar. Nesse aspecto, ele é chamado de *rajas*, isto é a qualidade ativa ou má, distinguindo-a de *tamas*, a qualidade da escuridão e da indiferença. Elevar-se não é possível a não ser que

rajas esteja presente para fornecer o impulso e, pelo uso desse princípio da paixão, todas as qualidades superiores são trazidas para, por fim, depurar e elevar nossos desejos a tal ponto que eles possam estar continuamente estabelecidos na Verdade e no Espírito. Com isso, a Teosofia não ensina que se deva ceder às paixões ou saciá-las, pois jamais se ensinou doutrina tão perniciosa, mas o preceito é que se faça uso da ação proporcionada pelo quarto princípio de modo a sempre elevar-se, e não cair sob o domínio do atributo obscuro que termina em aniquilação, após ter iniciado no egoísmo e na indiferença.

Tendo então repassado o assunto e demonstrado quais são os princípios inferiores, nós vemos que a Teosofia ensina que, no atual momento da evolução do homem, ele é um quaternário plenamente desenvolvido com os princípios superiores parcialmente desenvolvidos. Por conseguinte, é ensinado que o homem contemporâneo se demonstra estar movido pela paixão e pelo desejo. Uma olhada dada sobre civilizações da Terra comprova isso, porque todas são movidas por esse princípio e, em países como a França, Inglaterra e Estados Unidos, a glorificação desse princípio é revelado pela atenção dada à ostentação, à arte sensual, à luta por poder e posição e em todos os hábitos e modos de vida onde a gratificação dos sentidos é, às vezes, prezada como o supremo bem. Mas, à medida que a Mente continua evoluindo vai cada vez mais, ao prosseguirmos em nosso curso ao longo da linha do desenvolvimento da Raça, pode-se perceber subjacentemente, em todos os países, por subjacente, o começo da transição do animal que possui o germe da verdadeira mente para o homem de mente completa. Por isso, esse dia já é conhecido pelos Mestres - que revelaram algumas das antigas verdades - como o “período de transição”. A orgulhosa ciência e a ainda mais orgulhosa religião não admitem isso, e pensam que nós somos o que sempre seremos. Mas, confiando em seu professor, o teosofista percebe por toda sua volta a evidência de que a mente da Raça humana está mudando por expansão, que os velhos tempos de dogmatismo se foram e que a “era do questionamento” chegou, que as indagações crescerão ano a ano e que respostas serão exigidas

para satisfazer a mente à medida que ela cresce a cada vez mais, até que, por fim, tendo acabado qualquer dogmatismo, a Raça humana estará pronta para enfrentar todos os problemas, cada um por si mesmo, todos trabalhando pelo bem do todo, e que a finalidade será o aperfeiçoamento daqueles que lutam para superar a animalidade. Por essas razões, as antigas doutrinas estão sendo novamente reveladas e a Teosofia convida cada um a refletir sobre se vai ceder ao animal inferior ou alçar a vista para e ser governado pelo Deus interno.

Um tratamento mais completo do quarto princípio da nossa constituição nos levaria a considerar questões tais como as apresentadas pelos “fazedores de milagres” do Oriente, pelos fenômenos espiritualistas, o hipnotismo, as aparições, a insanidade e questões afins, mas estas devem ser reservadas para uma abordagem posterior.

CAPÍTULO VII

MANAS - A MENTE

Em nossa análise da natureza do ser humano, consideramos até agora apenas os elementos perecíveis que constituem o homem inferior, e chegamos ao quarto princípio ou plano – o do desejo – sem ter abordado a questão da Mente. Mas, mesmo tendo chegado tão longe como chegamos, deve ser evidente que há uma vasta diferença entre as ideias comuns sobre a Mente e aquelas encontradas na Teosofia. Comumente acha-se que a Mente é imaterial ou que é apenas o nome dado à ação do cérebro no desenvolver do pensamento, um processo totalmente desconhecido a não ser por inferência; ou que se não houvesse um cérebro não poderia existir uma mente. Muita atenção tem sido prestada para catalogar algumas funções e características mentais, mas carecem os termos no idioma para descrever os verdadeiros fatos metafísicos e espirituais acerca do homem. Essa confusão e pobreza de palavras para estes usos se deve quase que inteiramente, primeiro, à religião dogmática, que tem afirmado e reforçado durante muitos séculos dogmas e doutrinas que a razão não poderia aceitar e, segundo, ao conflito natural que se criou entre a ciência e a religião tão logo foram removidos os entraves colocados pela religião na ciência e a esta foi permitido lidar com os fatos na Natureza. A reação contra a religião naturalmente impediu a ciência de assumir qualquer visão do homem e da Natureza outra que materialista. Assim, ainda não obtivemos de nenhuma das duas as palavras necessárias para descrever o quinto, o sexto e o sétimo princípios, aqueles que constituem a Trindade, o homem real, o peregrino imortal.

O quinto princípio é *Manas*, na classificação adotada pelo Sr. Sinnett, e é geralmente traduzido

como Mente. Outros nomes o têm sido dados, porém, ele é o conhecedor, o percebedor, o pensador. O sexto é *Buddhi*, ou discernimento espiritual, e o sétimo é *Atma*, ou Espírito, o raio emanado do Ser Absoluto. A língua inglesa servirá para descrever em parte o que é *Manas*, mas não *Buddhi*, nem *Atma*, e deixará sem descrição muitas coisas relativas a *Manas*.

O curso da evolução desenvolveu os princípios inferiores e, por fim, produziu a forma do homem com um cérebro com melhor e mais complexa capacidade do que a de qualquer outro animal. Mas este homem na forma não era homem na mente e precisava do quinto princípio, o do pensamento, da percepção, para diferenciá-lo do reino animal e para conferir-lhe o poder de tornar-se autoconsciente. A Mônada, composta de *Atma* e *Buddhi*, estava aprisionada nessas formas porque, sem a presença da Mônada, a evolução não poderia prosseguir. Voltando por um instante para a época em que as raças eram destituídas de mente, surge a questão: “quem forneceu a mente, de onde veio e o que é?”. Ela é o elo entre o Espírito de Deus no alto e o espírito pessoal abaixo; ela foi fornecida às Mônadas sem mente por outras que tinham passado por todo este processo, eras após eras antes, em outros mundos e sistemas de mundos e ela veio, portanto, de outros períodos evolutivos concretizados e completado muito antes que o Sistema Solar tivesse iniciado. Esta é a teoria, estranha e inaceitável hoje, mas que deve ser afirmada se formos contar a verdade acerca da Teosofia: e isto é apenas transmitir o que outros disseram antes.

A maneira pela qual a luz mental foi dada aos Homens Sem Mente pode ser entendida através da imagem de uma vela acendendo muitas outras. Dada uma vela acesa e muitas outras apagadas, segue-se que, a partir de uma chama as outras podem ser acesas. O mesmo ocorre no caso de *Manas*. Ele é a vela acesa. Os Homens Sem Mente, tendo os quatro princípios básicos de corpo, corpo astral, vida e desejo,

são as velas apagadas que não podem acender a si mesmas. Os Filhos da Sabedoria, que são os Irmãos Mais Velhos de cada família humana em qualquer globo, possuem a luz, obtida por eles de outros mais antigos, que a obtiveram de outros ainda mais antigos, numa sequência interminável sem começo nem fim. Eles acenderam o fogo na conjunção dos princípios inferiores e a Mônada, acendendo, assim, *Manas* nos novos homens e preparando uma outra grande Raça para a iniciação final. Esse acender de *Manas* é simbolizado em todas as grandes religiões e na Maçonaria. No Oriente, um sacerdote aparece segurando uma vela acesa no altar e milhares de outros acendem sua vela a partir desta. Os Parsis também têm seu fogo sagrado que é aceso por alguma outra chama sagrada.

Manas, ou o Pensador, é o ser reencarnante, o imortal que carrega as consequências e os valores de todas as diversas existências vividas na Terra ou em algum outro lugar. Sua natureza se torna dual tão logo estiver unida a um corpo. Porque o cérebro humano é um organismo superior e *Manas* o usa para raciocinar, das premissas até as conclusões. Isso também diferencia o homem do animal, porque o animal age através de impulsos automáticos e assim chamados instintivos, enquanto o homem consegue usar a razão. Esse é o aspecto inferior do Pensador, ou *Manas*, e não, como alguns supuseram, o mais elevado e melhor dom pertencente ao homem. Seu outro aspecto, e para a Teosofia o mais elevado, é o intuitivo, que sabe sem depender da razão. O aspecto inferior e puramente intelectual está mais próximo do princípio do desejo, e assim se distingue do seu outro lado, o qual tem afinidade com os princípios espirituais superiores. Então, se o Pensador se torna totalmente intelectual, sua natureza inteira começa a tender para baixo, porque o intelecto sozinho é frio, sem coração, egoísta, por não ser iluminado pelos dois outros princípios, *Buddhi* e *Atma*.

Em *Manas,* estão guardados os pensamentos de todas as vidas. Isso significa que, em qualquer vida, a somatória dos pensamentos subjacentes a todas as ações daquela existência será de uma personalidade de modo geral, mas elas podem ser classificadas em uma ou mais

categorias. Ou seja, o homem de negócios de hoje é um perfil específico; os pensamentos de toda sua vida representam apenas uma só linha de raciocínio. O artista é outro perfil. O homem que se dedicou aos negócios, mas que também pensou muito na fama e no poder os quais ele nunca alcançou é ainda outro. A grande massa de pessoas pobres, abnegadas, corajosas e fortes, que têm muito pouco tempo para pensar, constitui ainda outro perfil distinto. Em todos eles, a totalidade dos pensamentos da vida compõe o fluxo ou fio da meditação de uma vida – "aquilo em que o coração estava centrada" – e é armazenada em *Manas*, para ser exteriorizada novamente a qualquer momento, em qualquer vida em que os contextos de cérebro e corpo sejam similares àqueles usados para engendrar essa classe de pensamentos.

É *Manas* que vê os objetos apresentados a ele pelos órgãos do corpo e pelos verdadeiros órgãos internos. Quando o olho aberto recebe uma imagem na retina, a cena toda é transformada em vibrações nos nervos óticos, as quais desaparecem dentro do cérebro, onde *Manas* é capaz de percebê-las como uma ideia. E o mesmo ocorre com cada um dos demais órgãos e sentidos. Se a conexão entre *Manas* e o cérebro for rompida, a inteligência não se manifestará a não ser que *Manas* tenha descoberto, através de treinamento, como projetar o corpo astral a partir do físico e manter, desse modo, a comunicação com seus semelhantes. Que os órgãos e os sentidos não reconhecem objetos, o hipnotismo, o mesmerismo e o espiritualismo agora já comprovaram. Porque, conforme vemos em experimentações mesméricas e hipnóticas, o objeto visto ou sentido, e do qual todas as propriedades de objetos sólidos podem ser percebidas, é frequentemente apenas uma ideia que existe no cérebro do condutor. Da mesma forma, *Manas*, usando o corpo astral, tem apenas que infundir uma ideia na outra pessoa para fazer com que esta pessoa capte a ideia e a transforme em um corpo visível, o qual parece repetir os efeitos usuais de densidade e peso. E no hipnotismo existem muitos experimentos, todos eles demostram que a assim chamada matéria não é *per se* sólida ou densa, que a visão nem sempre depende do olho e dos raios

de luz provenientes de um objeto, que o que é intangível para um cérebro e para órgãos normais pode ser perfeitamente tangível para um outro, e que efeitos físicos no corpo podem ser produzidos apenas a partir de uma ideia. Os bem conhecidos experimentos de produzir uma bolha com um simples pedaço de papel, ou de impedir que um emplastro real produza uma bolha, pela força de sugestão transmitida a um sujeito, seja que deveria ou que não deveria se formar uma bolha, comprova conclusivamente o poder de produzir um impulso sobre a matéria pelo uso do que é chamado de *Manas*. No entanto, todos esses fenômenos são a demonstração dos poderes de *Manas Inferior*, atuando no corpo astral e no quarto princípio - o desejo, e usando o corpo físico como campo para a demonstração dos poderes.

É este *Manas Inferior* que retém todas as impressões de uma vida inteira e algumas vezes, estranhamente, as exibe em transes ou sonhos, em delírios, em estados induzidos, de vez em quando em condições normais aqui e ali, e muito frequentemente no momento da morte física. Mas *Manas* fica tão ocupado com o cérebro, com a memória e com a sensação, que geralmente apresenta apenas algumas recordações da massa de acontecimentos que os anos lhe trouxeram. Isso interfere com a ação de *Manas Superior* porque exatamente no estágio atual da evolução, o desejo e todos os poderes, faculdades e sentidos correspondentes são os mais altamente desenvolvidos, obscurecendo, por assim dizer, a luz branca do lado espiritual de *Manas*. Ele é tingido por todo objeto que lhe é apresentado, seja um objeto de pensamento ou um objeto material. Isso quer dizer que, operando através do cérebro, é imediatamente transformado na forma e em outras características de qualquer objeto, mental ou outro. Isso lhe confere quatro peculiaridades: *primeira*, de naturalmente sair voando de qualquer lugar, objeto ou assunto; *segunda*, de voar para uma ideia agradável; *terceira*, de voar para uma ideia desagradável; *quarta*, de manter-se passiva sem considerar nada. A *primeira* se deve à memória e ao movimento natural de *Manas*; a *segunda* e a *terceira* se devem

somente à memória; a *quarta*, quando não anormal, significa o sono, e quando anormal caminha para a insanidade. Todas essas características mentais pertencentes a *Manas Inferior* são aquelas que *Manas Superior*, ajudado por *Buddhi* e *Atma*, deve combater e conquistar. Se *Manas Superior* consegue atuar, se torna o que às vezes chamamos de gênio; se dominar completamente, então o indivíduo pode tornar-se um deus. Mas a memória apresenta continuamente imagens a *Manas Inferior*, o que resulta no obscurecimento do *Superior*. Algumas vezes, porém, ao longo da estrada da vida nós vemos ocasionalmente homens que são gênios ou grandes videntes ou profetas. Neles, os poderes superiores de *Manas* estão ativos e a pessoa está iluminada. Assim eram os grandes Sábios do passado, homens como Buda, Jesus, Confúcio, Zoroastro e outros. Poetas também, tais como Tennyson, Longfellow e outros, são homens nos quais *Manas Superior*, vez por outra, lança um brilhante raio de luz sobre o homem abaixo sendo, entretanto, logo obscurecido em consequência da educação religiosa dogmática a qual dotou a memória de determinadas imagens que sempre impedem *Manas* de atingir plena atividade.

Nessa Trindade Superior, nós temos Deus acima de cada um; esse é *Atma*, e pode ser denominado de Self Superior.

Em seguida, vem a parte espiritual da Alma, chamada de *Buddhi*; quando profundamente unida a *Manas*, ele pode ser chamada de Ego Divino.

O ego interior, que reencarna e assume um corpo após o outro, armazenando as impressões de vida após vida, adquirindo experiência e adicionando-a ao Eu divino, sofrendo e desfrutando por um imenso período de tempo, é o quinto princípio – *Manas* – não unido a *Buddhi*. Essa é a individualidade permanente que dá a cada homem a sensação de ser ele mesmo e não outra pessoa; o que, através de todas as mudanças de dias e noites, da juventude até o final da vida, nos faz discernir ter uma só identidade ao longo de todo esse período; ela preenche a lacuna criado pelo sono e, de modo semelhante, preenche a lacuna trazido pelo sono

da morte. É isto, e não o cérebro, que nos eleve acima do animal. A profundidade e a variedade da complexidade do cérebro no homem são causadas pela presença de *Manas* e não são a origem da mente. E quando nós nos tornamos conscientemente unidos a *Buddhi*, a Alma Espiritual, seja inteiramente ou ocasionalmente, nós contemplamos Deus, por assim dizer. Isto era o que todos os antigos desejavam ver, mas em que os modernos não creem, preferindo antes descartar seu próprio direito à grandeza serem grandes por natureza para adorar um deus imaginário, criado exclusivamente por suas próprias fantasias, e não muito diferente da fraca natureza humana.

Esta individualidade permanente na atual Raça tem, por consequência, passado por todo tipo de experiência, pois a Teosofia insiste em sua permanência e na necessidade dela continuar fazendo parte da evolução. Ela tem um dever a cumprir, que consiste em elevar a um patamar mais alto toda a matéria envolvida na cadeia de globos à qual a Terra pertence. Todos nós temos vivido e participado de civilização após civilização, de Raça após Raça, na Terra, e assim continuaremos por todas as Rondas e Raças até que a sétima seja completada. Ao mesmo tempo, deve ser lembrado que a matéria deste globo e tudo conexo com este também tem passado por todo tipo de formas, com algumas possíveis exceções em planos muito inferiores da formação mineral. Mas em geral, toda a matéria visível, ou suspensa no espaço e ainda não precipitada, foi moldada em algum momento em toda uma variedade de formas, muitas das quais são tais que atualmente não fazemos ideia. Os processos da evolução, portanto, seguem agora em algumas áreas com maior rapidez do que em eras anteriores porque, tanto *Manas* quanto a matéria, adquiriram destreza de ação. Isso é especialmente verdadeiro em relação ao homem, que é o mais adiantado de todas as coisas ou seres nesta evolução. Ele agora encarna e é projetado na vida mais rapidamente que em períodos anteriores, quando levava muitos anos para obter uma “vestimenta de pele”. Este vir à vida

repetidas vezes não pode ser evitado pelo homem comum porque nele *Manas Inferior* ainda está atado ao desejo, que é o princípio preponderante no período atual. Por ser tão influenciado pelo desejo, *Manas* é continuamente iludido enquanto está no corpo e, sendo assim iludido, é incapaz de evitar a ação sobre si mesmo das forças constituídas numa vida. Estas forças são geradas por *Manas*, isto é, pelo pensar ao longo de uma vida. Cada pensamento estabelece um elo, tanto físico como mental, com o desejo no qual está enraizado. A vida inteira é repleta de tais pensamentos, e quando o período de repouso após a morte termina, *Manas* está vinculado à Terra por inúmeros fios eletromagnéticos em razão dos pensamentos da última vida e, portanto, pelo desejo, porque foi o desejo que causou tantos pensamentos e a ignorância da verdadeira natureza das coisas. Uma compreensão desta doutrina de que o homem interno é de fato um pensador e feito de pensamentos clarificará todo o mais relacionado à encarnação e reencarnação. O corpo do homem interno é feito de pensamentos e, sendo assim, deve-se deduzir que, caso os pensamentos tenham mais afinidade com a vida terrena que noutro lugar, um retorno à vida é inevitável.

Atualmente, *Manas* não está plenamente ativo na Raça humana já que o desejo ainda predomina. No próximo ciclo do período humano, *Manas* estará completamente ativo e desenvolvido em toda a Raça. Assim, os homens da Terra ainda não chegaram ao ponto de fazer uma escolha consciente acerca do caminho que tomarão, mas quando estiveram no ciclo acima referido, *Manas* estará ativo, todos serão então compelidos, a fazer conscientemente a escolha para a direita ou para a esquerda, o primeiro caminho levando à união consciente com *Atma*, o outro à aniquilação daqueles seres que preferem aquele caminho.

CAPÍTULO VIII

DA REENCARNAÇÃO

Como o homem se tornou o ser complexo que é e por que razão, são perguntas para as quais nem a ciência nem a religião têm respostas conclusivas. Possuindo esse pensador imortal poderes e possibilidades tão amplos, todos seus devido a sua conexão íntima com cada parte secreta da Natureza a partir da qual ele foi construído, encontra-se no auge de uma evolução imensa e silenciosa. Ele pergunta por que a Natureza existe, qual a finalidade do drama da vida e como essa finalidade pode ser alcançada. Mas tanto a ciência como a religião falham em dar uma resposta razoável. A ciência não finge ser capaz de dar a solução, dizendo que a análise das coisas tal como elas são já é tarefa suficiente; a religião oferece uma explicação tanto ilógica quanto sem sentido e aceitável apenas para o fanático, já que exige que consideremos toda a Natureza um mistério e que procuremos o sentido e significado da vida, com todo o seu sofrimento, no deleite de um Deus que não pode ser encontrado. A mente instruída e inquisitiva sabe que a religião dogmática pode tão somente dar uma resposta inventada pelo homem enquanto finge que vem de Deus.

Então, para que serve o Universo e para que propósito derradeiro está aqui o homem em evolução, o pensador imortal? Tudo isso é para a experiência e para a emancipação da Alma, com o propósito de elevar toda a massa de matéria manifestada à estatura, natureza e dignidade do estado de divindade consciente. O grande objetivo é alcançar a autoconsciência; não por meio de uma Raça, ou tribo, ou de alguma nação favorecida, mas por e através do aperfeiçoamento, depois da transformação, de toda a massa de matéria, bem como daquilo que agora denominamos de Alma. Nada é, nem deve ser excluído. O objetivo para o homem atual é

a sua iniciação no conhecimento completo e, para os demais reinos abaixo dele, que eles possam ser gradualmente elevados, de estágio em estágio, para também serem iniciados no devido tempo. Isto é a evolução levada à sua mais alta potência; é uma perspectiva magnífica; faz do homem um deus, proporcionando a cada componente da Natureza a possibilidade de algum dia ser como ele; há força e nobreza nisso, porque nela nenhum homem é apequenado e depreciado, já que ninguém é tão originalmente pecador que não possa erguer-se acima de todo pecado. Abordada a partir da posição materialista da ciência, a evolução assimila apenas metade da vida; enquanto a concepção religiosa dela é uma mistura de insensatez e medo. As religiões atuais mantêm o componente do medo e, ao mesmo tempo, imaginam que um ser Todo-Poderoso não consiga pensar em nenhum outro globo que não este, e que deve governá-lo de modo bastante imperfeito. Mas a antiga visão teosófica faz do Universo um todo vasto, completo e perfeito.

A partir do momento em que postulamos uma dupla evolução, física e espiritual, nós temos que admitir, ao mesmo tempo, que ela só pode ser proporcionada por via da reencarnação. Isto é, de fato, demonstrado pela ciência. É demonstrado que a matéria da Terra e de todas as coisas físicas que existem nela estiveram, em algum momento, em estado gasoso ou liquefeito, que ela esfriou, que se modificou; que de suas alterações e evoluções foram, por fim, produzidas toda a grande variedade de coisas e seres. Isto, no plano físico, é a transformação ou mudança de uma forma para outra. A massa total de matéria é mais ou menos a mesma do início desse planeta, com um acréscimo diminuto de alguma poeira estelar. Ela deve, portanto, ter mudado repetidas vezes e, portanto, ter sido fisicamente reformada e reincorporada. Claro que, para sermos estritamente precisos, não podemos usar a palavra “reencarnação” porque “encarnar” se refere à carne. Digamos “reincorporar”, e então vemos que tanto para a matéria como para o homem tem havido uma mudança constante de forma e isso, em termos gerais, é “reencarnação”. Quanto à massa total de matéria, diz a doutrina que toda ela

será elevada ao estágio humano quando o homem tiver se adiantado mais. Depois da salvação final do homem, não há resíduo que tenha, de algum modo misterioso, de ser jogado fora ou eliminado em algum aterro da Natureza. A verdadeira doutrina não admite nada parecido e, ao mesmo tempo, ela não teme revelar a real disposição do que poderia parecer um resíduo. Ele é todo processado em outros estados porque, segundo declara a filosofia, não existe matéria inorgânica alguma mas que todo átomo é vivo e tem o germe da autoconsciência, deve-se concluir que um dia tudo terá sido transformado. Assim, o que agora é chamado de carne humana é tão matéria que um dia foi inteiramente mineral, depois vegetal e hoje está refinada em átomos humanos. Em algum momento muito distante do presente, a atual matéria vegetal terá sido elevada ao estágio animal e o que agora usamos como nossa matéria orgânica ou carnal terá mudado, por transformação através da evolução, em pensadores autoconscientes, e assim sucessivamente, ao longo de toda a escala, até que chegue o tempo em que aquilo que hoje é conhecido como matéria mineral terá avançado para o estágio humano e depois para o de pensador. E então, no advento de outro grande período de evolução, a matéria mineral daquele tempo será a que está agora passando por suas transformações inferiores em outros planetas e em outros sistemas de mundos. Isso talvez pareça um sistema “fantasioso” para os homens atuais que estão tão acostumados, desde seu nascimento, a serem tratados de maus, pecadores, fracos e completamente tolos, que temem acreditar na verdade sobre si mesmos, mas para os discípulos dos antigos teosofistas não é impossível ou fantasioso, mas sim, lógico e grandioso. E, sem dúvida, isso um dia será admitido por todos, quando a mente dos povos ocidentais tiver rompido com a cronologia e as ideias mosaicas sobre o homem e a Natureza. Por isto, quanto à reencarnação e à metempsicose, dizemos que elas têm que ser primeiramente aplicadas a todo o Cosmo e não somente ao homem. Mas como o homem é

o objeto de conhecimento mais interessante para si mesmo, consideraremos em detalhes sua aplicação a ele.

Esta é a mais antiga das doutrinas, e hoje é acreditada por mais mentes humanas do que por aquelas que a rejeitam. Quase todos os milhões no Oriente a aceitam; era ensinada pelos gregos; um grande número de chineses acredita nela agora assim como seus antepassados antes deles; os judeus acharam-na verdadeira, e ela não desapareceu de sua religião; e Jesus, que é chamado de fundador do Cristianismo, também acreditava nela e a ensinava. Na Igreja cristã primitiva, ela era conhecida e ensinada, e os mais notáveis da Igreja acreditavam nela e a divulgavam.

Os cristãos deveriam lembrar que Jesus era um judeu que acreditava que sua missão era para com os judeus, pois ele diz em Mateus: “Não fui enviado senão para as ovelhas perdidas da casa de Israel”. Ele deve ter conhecido muito bem as doutrinas defendidas por eles. Todos eles acreditavam na reencarnação. Para eles, Moisés, Adão, Noé, Set e outros haviam retornado à Terra, e no tempo de Jesus, era crença comum que o antigo profeta Elias ainda estava para retornar. Assim vemos que Jesus nunca negou a doutrina, e que em várias ocasiões concordou com ela como quando ele disse que João Batista era, na verdade, o antigo Elias por quem as pessoas estavam esperando. Tudo isso pode ser confirmado consultando Mateus nos capítulos XVII, XI e outros.

Nesses evangelhos fica muito claro que Jesus é mostrado aprovando a doutrina da reencarnação. E, seguindo Jesus, nós encontramos S. Paulo, em Romanos IX, falando de Esaú e Jacó terem existido de fato antes de terem nascido e, mais tarde, notórios padres da Igreja como Orígenes, Sinésio e outros acreditando e ensinando a teoria. Em Provérbios VIII, 22, nós temos Salomão dizendo que quando a Terra foi formada ele estava presente e que, muito antes que ele pudesse ter nascido como Salomão, regozijava-se nas partes habitáveis da Terra na companhia dos filhos dos homens. S. João Evangelista afirma no Apocalipse III, 12 que lhe foi dito em uma visão

que remete à voz de Deus ou à voz de alguém falando por Deus, que qualquer um que se superasse não teria mais a necessidade de “sair”, isto é, não precisaria mais reencarnar. Durante quinhentos anos depois de Jesus, a doutrina foi ensinada pela Igreja, até o Concílio de Constantinopla. Então, foi aprovada uma rejeição sobre uma parte da questão que tem sido considerada por muitos como contrária à reencarnação, mas se esta rejeição vai contra as palavras de Jesus, não tem efeito algum. Ela, de fato, vai contra Ele e deste modo a Igreja se coloca na posição de afirmar que, na realidade, Jesus não sabia o suficiente para condenar, como a Igreja o fez, uma doutrina conhecida e ensinada em sua época e que foi notoriamente trazida ao seu conhecimento e nunca condenada, e sim aprovada por Ele. O Cristianismo é uma religião judaica, e essa doutrina da reencarnação pertence a ela historicamente por herança dos judeus, e também pelo fato de ter sido ensinada por Jesus e pelos patriarcas da Igreja. Havendo alguma maneira autêntica ou lógica para a Igreja cristã sair dessa posição – excluindo, é claro, os dogmas da Igreja – os teosofistas gostariam de vê-la demonstrada. Em realidade, os teosofistas sustentam que sempre que um cristão declarado nega a teoria, ele estabelece, desse modo, sua convicção contra a de Jesus, que deve ter sabido mais sobre esse assunto do que aqueles que o seguem. É o anátema lançado pelo concílio da Igreja e a ausência da doutrina no ensinamento atual que tem prejudicado o Cristianismo e transformado todas as nações cristãs em povos que fingem ser seguidores de Jesus e da lei do amor, mas que na verdade, como nações, seguem a lei mosaica da retaliação. Porque é somente na reencarnação que está a resposta para todos os problemas da vida, e nela e no Carma encontra-se a força que fará os seres humanos seguirem, de fato, a ética que eles preconizam em teoria. É objetivo da filosofia antiga o de restaurar esta doutrina em qualquer religião que a tenha perdido; e por isso a chamamos de “o acorde perdido do Cristianismo”.

Mas quem ou o quê reencarna? Não é

o corpo físico, pois este morre e se desintegra e só poucos de nós gostariam de estar acorrentados para sempre aos corpos que temos hoje, reconhecidos serem infestados por doenças, exceto no caso dos selvagens. Não é o corpo astral, porque, conforme demostrado, aquele também tem seu prazo, e deve se desintegrar depois que o físico desapareceu. Nem são as paixões e desejos. Estes, certamente, têm um prazo muito longo, porque possuem o poder de se recriar a cada vida, enquanto nós não os erradiquemos. E a reencarnação possibilita isso, já que ela nos proporciona muitas oportunidades de ir eliminando, lentamente, um por um, os desejos e paixões que danificam a imagem celeste do homem espiritual.

Já foi mostrado que nossa parte emocional se funde com a astral após a morte e forma um ser aparente que tem uma curta vida enquanto está se desintegrando. Quando a separação está completa entre o corpo que morreu, o corpo astral e as paixões e desejos – tendo a vida começado a ocupar-se com outras formas – a Tríade Superior, *Manas*, *Buddhi* e *Atma*, que constituem o homem real, entra imediatamente em um outro estado e, quando termina aquele estado, que é chamado de *Devachan* ou céu, ela é atraída de volta à Terra para a reencarnação. A Tríade é nossa parte imortal; somos, de fato, a Tríade, e nada mais além. Isso deveria ser firmemente apreendido pela mente, porque de seu claro entendimento depende a compreensão de toda a doutrina. O que impede o homem ocidental moderno de enxergar isto com clareza é o extenso treinamento que todos nós tivemos na ciência materialista e na religião materializante, as quais fizeram do simples corpo físico algo demasiadamente proeminente. A primeira ensinou somente sobre a matéria e a segunda pregou a ressurreição do corpo, uma doutrina contrária ao bom senso, aos fatos, à lógica e à evidência. Mas não há dúvida de que a teoria da ressurreição do corpo surgiu da corrupção do antigo e verdadeiro ensinamento. A ressurreição é fundamentada naquilo que Jó diz sobre ver o seu redentor em carne e osso, e

na observação de S. Paulo de que o corpo foi ressuscitado incólume. Mas Jó era um egípcio que falava em ver seu instrutor ou iniciador, que era o redentor, e Jesus e Paulo se referiam apenas ao corpo espiritual.

Embora a reencarnação seja a lei da Natureza, a trindade completa de *Atma-Buddhi-Manas* ainda não encarna integralmente nesta Raça. Eles usam e ocupam o corpo mediante o acesso de *Manas*, o mais inferior dos três, e os outros dois brilham do alto sobre ele, constituindo o "Deus no Céu". Isso era simbolizado no antigo ensinamento judaico pelo Homem Celestial, que tem a sua cabeça no céu e seus pés no inferno. Isto é, a cabeça, *Atma* e *Buddhi*, ainda está no céu, e os pés, *Manas*, andam pelo inferno, que é o corpo e a vida física. Por essa razão, o homem ainda não é plenamente consciente, e reencarnações são necessárias para, ao fim, completar a encarnação de toda a Trindade no corpo. Quando isso for cumprido, a Raça terá se tornado como deuses e, estando a trindade divina em pleno controle, a inteira massa de matéria terá sido aperfeiçoada e elevada ao próximo estágio. Este é o significado real da expressão "a palavra feita carne". Era uma coisa tão grandiosa no caso de qualquer pessoa, como Jesus ou Buda, a ponto de ser considerado como uma encarnação divina. E disso também vem a ideia da crucificação, pois *Manas* é, dessa forma, crucificado com o propósito de elevar o ladrão ao Paraíso.

É porque a Trindade ainda não está encarnada na Raça que a vida tem tantos mistérios, alguns dos quais estão se revelando dia após dia, em todas as várias experiências feitas no homem e com o homem.

O médico não sabe o que a vida é e nem por que o corpo se move como o faz, porque a porção espiritual ainda está velada nas nuvens do céu; o cientista está vagando na escuridão, confundido e confuso por tudo o que o hipnotismo e outras coisas estranhas trazen diante dele, porque o homem consciente está fora de alcance, bem no topo da montanha divina,

compelindo, assim, o erudito a falar da “mente subconsciente” da “personalidade latente” e de coisas semelhantes; e o sacerdote não pode nos dar esclarecimento algum porque ele nega a natureza divina do homem, reduz tudo ao nível do pecado original e sobrepõe à nossa concepção de Deus a marca negra da inabilidade de controlar ou gerenciar a criação sem a invenção de expedientes para remediar supostos erros. Mas esta antiga verdade resolve o enigma e pinta Deus e a Natureza em cores harmoniosas.

A reencarnação não significa que nós encarnamos em formas animais depois da morte, como acreditam alguns povos orientais. “Uma vez humano, sempre humano” é o ditado da Grande Loja. Mas não seria uma punição exagerada para alguns homens, caso fosse possível condená-los a renascer em corpos animais; entretanto, a Natureza não se guia pelo sentimento, mas pela lei, e nós, não sendo habilitados a enxergar o todo, não podemos dizer que o homem animalesco é bruto em toda a sua natureza. E a evolução tendo trazido a este plano *Manas*, o Pensador e a Pessoa Imortal, não pode enviá-lo de volta ao animal que não tem *Manas*.

Examinando duas explicações para a aceitação literal, por alguns povos no oriente, daquelas leis do *Manu* que parecem ensinar a transmigração para animais, insetos e assim por diante, nós podemos ver como o estudante verdadeiro da doutrina não irá cair no mesmo erro.

A primeira explicação é que os vários versos e livros que ensinam tal transmigração está relacionado com o verdadeiro método de reencarnação, isto é, com a explicação sobre os processos físicos efetivos aos quais o ego se submete ao passar do estado incorpóreo para o corpóreo, e também com as vias, caminhos ou meios de descida do plano invisível ao plano visível. Isso ainda não foi totalmente explicado nos livros teosóficos porque, por um lado, é um assunto delicado e, por outro, os detalhes ainda não seriam recebidos com credibilidade, nem mesmo pelos teosofistas, mas um dia o serão. E como esses

detalhes não são da maior importância, não serão explicados agora. Mas, humano é formado sem a união sexual, e que os gérmenes para tal produção estão encerrados nos sexos e devem vir da comida que é ingerida pelo corpo, é óbvio que o alimento tem algo a ver com a encarnação do Ego. Agora, se o caminho para a reencarnação é originado por determinados alimentos e não por outros, é possível que, se o ego se prende em alimentos que não levarão ao germe da reprodução física, uma penalidade é indicada quando *Manu* diz que tais e quais práticas levarão à transmigração o que, então, é um obstáculo. Eu lanço este assunto aqui em benefício de certos teosofistas que me leem e cujas próprias teorias a respeito deste assunto são atualmente bem vagas e, em alguns casos, baseadas em hipóteses bem diferentes.

A segunda explicação é que, na medida em que a Natureza pretende que usemos a matéria que entra em nossos corpos físico e astral com o propósito, entre outros, de beneficiar a matéria através da impressão que ela recebe ao se associar ao Ego humano, se nós a usarmos de forma a dar-lhe apenas uma impressão animal, ela deve retornar ao reino animal para ali ser absorvida em vez de ser refinada e mantida no plano humano. E como toda a matéria que o ego humano juntou retém a marca ou impressão fotográfica do ser humano, a matéria transmigra para o nível inferior quando lhe é dada uma impressão animalizada pelo Ego. Esse fato real do grande laboratório químico da Natureza poderia facilmente ser mal interpretado pelo ignorante. Mas os estudantes de hoje sabem que uma vez que *Manas*, o Pensador, entrou em cena, ele não retorna mais às formas inferiores; primeiro, porque não o deseja, e segundo, porque não pode. Porque assim como o sangue no corpo é impedido por válvulas de refluir e de congestionar o coração, igualmente no maior sistema de circulação universal a porta se fecha atrás do Pensador e

impede o seu retrocesso. A reencarnação como doutrina aplicada ao ser humano real não ensina a transmigração para reinos da Natureza inferiores ao humano.

CAPÍTULO IX

DA REENCARNAÇÃO - CONTINUAÇÃO

No Ocidente, onde a finalidade da vida é o sucesso comercial, financeiro, social ou científico, isto é, lucro pessoal, engrandecimento e poder, a vida real do ser humano recebe pouca atenção e nós, ao contrário dos orientais, damos reduzida importância à doutrina da preexistência e da reencarnação. O fato de que a Igreja a negue já é o suficiente para muitos, para os quais argumentação alguma tem utilidade. Confiando na Igreja, eles não querem perturbar a serenidade de sua fé em dogmas que podem ser ilógicos; e como lhes foi ensinado que a Igreja pode prende-los no inferno, um medo cego do anátema lançado sobre a reencarnação no concílio de Constantinopla, por volta do ano de 500 D.C., seria por si suficiente para impedi-los de aceitar a teoria amaldiçoada. E a Igreja, ao argumentar sobre a doutrina, insiste na objeção de que se os homens estivessem convencidos de que terão muitas vidas, a tentação de aceitar a atual e fazer o mal sem refreamento seria demasiadamente forte. Absurda como possa parecer, isto é avançado por Jesuítas instruídos, que dizem que os homens irão preferir usar a oportunidade atual a esperar por outras. Se não houvesse retribuição alguma, esse seria um bom argumento, mas como a Natureza também tem uma Nêmesis para cada malfeitor e como cada um, sob a lei do Carma – que é a lei de causa e de efeito e da perfeita justiça – deve receber ele mesmo, em cada vida, as exatas consequências de quaisquer bons ou maus atos ou pensamentos que ele cometeu nesta e em outras vidas, o fundamento para a conduta moral é assegurada. É assegurada sob esse sistema, já que nenhum homem pode, em hipótese, favor, decreto ou crença alguma escapar das consequências, e cada um que apreenda essa doutrina será movido pela consciência e por todo o poder da Natureza a fazer o bem de maneira que ele possa receber o bem e tornar-se feliz.

Afirma-se que a ideia do renascimento é inclemente e desagradável porque, por um lado, ela é fria, não permitindo que algum sentimento interfira, proibindo-nos de renunciar à vontade a uma vida que consideramos ser pesarosa e, por outro lado, porque parece não haver nela oportunidade alguma de revermos nossos entes queridos e que morreram antes de nós. Mas, quer gostemos disso ou não, as leis da Natureza prosseguem infalivelmente, e sentimentos ou emoções não podem, de modo algum, evitar a consequência que deve se seguir à causa. Se ingerirmos comida ruim, consequências ruins devem ocorrer. O comilão gostaria que a Natureza lhe permitisse empanturrar-se sem a indigestão que haverá de vir, mas as leis da Natureza não podem ser assim deixadas de lado. Agora, a objeção à reencarnação de que não veremos nossos entes queridos no paraíso, conforme prometido pela religião dogmática, pressupõe uma parada completa na evolução e no desenvolvimento daqueles que deixaram a Terra antes de nós, e também assume que o reconhecimento depende da aparência física. Mas assim como progredimos nessa vida, assim também devemos progredir ao deixá-la, e seria injusto obrigar os outros a esperar nossa chegada para que pudéssemos reconhecê-los. E se alguém refletir sobre as consequências naturais de elevar-se ao céu onde as restrições são descartadas, deve ser evidente que aqueles que lá estiveram, digamos, vinte anos terrestres antes de nós, devem, pela natureza das coisas mentais e espirituais, ter feito um progresso equivalente a muitas centenas de anos daqui, sob condições variadas e muito favoráveis. Como poderíamos, então, chegando mais tarde e ainda imperfeitos, ser capaz de reconhecer aqueles que estiveram aperfeiçoando-se no céu com tais vantagens? E como sabemos que o corpo é deixado para trás para que se desintegre, então, é evidente que na vida espiritual e mental o reconhecimento não pode depender da aparência física. Porque isso não somente é evidente, quanto estamos cientes de que um corpo feio ou deformado frequentemente encerra uma mente grandiosa e uma Alma pura, e que uma aparência belamente formada – tal como no caso dos Bórgias – pode

ocultar um demônio encarnado em natureza, a forma física não fornece garantia de reconhecimento naquele mundo onde o corpo está ausente. E a mãe que perdeu um filho que já tinha alcançado a maturidade deve saber que ela amava o filho quando bebê tanto quanto depois, quando a grande alteração na vida adulta já tinha varrido completamente a forma e as feições da infância. Os teosofistas enxergam que essa objeção não pode existir diante da vida eterna e pura da Alma. E a Teosofia também ensina que aqueles que são semelhantes entre si e que se amam, reencarnarão juntos sempre que as condições o permitirem. Sempre que um de nós tiver avançado mais no caminho para a perfeição, ele sempre será motivado a ajudar e confortar aqueles que pertençam à mesma família. Mas quando alguém se torna bruto, egoísta e malvado, ninguém desejará sua companhia em qualquer vida. O reconhecimento depende da visão interna e não da aparência externa, por isso, não há embasamento nessa objeção. E o outro aspecto relativa à perda de pais, de um filho ou de um parente é baseada na noção errônea de que, como os pais fornecem à criança o seu corpo, também lhe fornecem a Alma. Mas a Alma é imortal e não tem pais; portanto, essa objeção é sem fundamento.

Alguns sustentam que a hereditariedade invalida a reencarnação. Nós sustentamos que ela a comprova. A hereditariedade, ao nos proporcionar um corpo em qualquer família, provê o ambiente apropriado para o Ego. O Ego só entra em uma família que corresponda completamente à sua natureza ou que proporcione uma oportunidade para o exercício de sua evolução, a qual também está ligada ao Ego em função de encarnações passadas ou por motivos mutuamente acertados. Assim, a criança má pode vir para uma família atualmente boa porque os pais e a criança estão indissoluvelmente conectados por ações passadas. É uma oportunidade de redenção para a criança e um contexto de punição para os pais. Isso aponta para a hereditariedade corporal como sendo uma regra natural regendo os corpos que devemos habitar, assim como as casas em uma cidade revelarão a mentalidade dos seus construtores. E, uma vez

que nós e nossos pais fomos os construtores e influenciadores dos corpos, que tomamos parte e fomos responsáveis pelas condições sociais nas quais o desenvolvimento de corpos e cérebros físicos foi ou retardado ou favorecido, degradado ou o contrário, somos responsáveis nesta vida pela civilização na qual agora surgimos. Mas quando olhamos para as personalidades nos corpos humanos, encontramos grandes diferenças inerentes. Isto se deve à Alma interior, que está sofrendo ou desfrutando na família, nação e Raça seus próprios pensamentos e atos, que vidas passadas tornaram inevitável que com eles reencarnassem.

A hereditariedade providencia a moradia, e também impõe aquelas limitações de capacidade cerebral ou corporal que frequentemente são uma punição e às vezes uma ajuda, mas isso não afeta o Ego real. A transmissão de características é um assunto material e nada mais que a resultante, numa nação, das consequências das vidas anteriores de todos os Egos que devem estar naquele povo. As limitações impostas ao ego por qualquer hereditariedade familiar são consequências exatas das vidas anteriores daquele Ego. O fato de que tais características físicas e peculiaridades mentais sejam transmitidas não refuta a reencarnação, já que sabemos que a mente condutora e a verdadeira personalidade de cada um não são o resultado de um corpo e de um cérebro, mas são próprios do Ego em sua vida essencial. A transmissão de características e tendências por meio dos pais e do corpo é exatamente o modo selecionado pela Natureza para prover ao ego que encarna a moradia adequada na qual prosseguir seu trabalho. Um outro método seria impossível e subversiva à ordem.

Novamente, aqueles que se alongam na objeção da hereditariedade à reencarnação se esquecem de que estão enfatizando as semelhanças e ignorando as divergências. Pois embora as investigações acerca da linhagem da hereditariedade registraram muitas características transmitidas, não fizeram o mesmo com as muito mais numerosas divergências da hereditariedade. Toda mãe sabe que as crianças de uma família são tão diferentes em personalidade quanto os dedos em uma

Mão; eles vêm todos dos mesmos pais, mas variam em caráter e capacidade.

Mas a hereditariedade, como grande regra e explicação completa, é totalmente superada pela história, a qual não demonstra transferência continuada de aprendizado, poder e capacidade. Por exemplo, no caso dos antigos egípcios desaparecidos há muito tempo e cuja linhagem de transferência foi despedaçada, não há nenhuma transferência para seus descendentes. Se a hereditariedade física esclarece a questão do caráter, como se perdeu o grande caráter egípcio? A mesma questão vale a respeito de outras nações antigas e extintas. E tomando um exemplo individual, temos o grande músico Bach cujos descendentes diretos demonstraram uma diminuição na habilidade musical, levando ao seu desaparecimento final da linhagem familiar. Mas a Teosofia ensina que em ambos os casos – e em todos os casos semelhantes – a real capacidade e habilidade desapareceram somente de um corpo de família e de uma nação, mas estão preservadas nos Egos que então as ostentavam, que agora estão encarnados em alguma outra nação e família da era presente.

O sofrimento alcança praticamente todos os homens, e muitos levam vidas de aflição do berço até o túmulo, e então contrapõe-se que a reencarnação é injusta porque sofremos pelo mal cometido por alguma outra pessoa em uma outra vida. Essa objeção se baseia na falsa noção de que a pessoa na outra vida era outra. Mas, em todas as vidas, é a mesma pessoa. Quando retornamos, não assumimos o corpo de outra pessoa, nem os feitos de outra pessoa, mas somos como um ator que representa muitos papéis, o mesmo ator internamente, apesar dos trajes e das falas declamadas serem diferentes em cada nova peça. Shakespeare estava certo ao dizer que a vida é uma peça de teatro, porque a grande Vida da Alma é um drama e cada nova vida e o renascimento é um outro ato no qual assumimos outro papel e vestimos outro vestuário, mas somos o tempo todo a mesma pessoa. Assim, ao invés de ser injusta, a reencarnação é perfeita justiça, e de nenhuma outra maneira a justiça poderia ser mantida.

Mas, diz-se, se nós reencarnamos, como não nos lembramos da outra vida; além disso, já que não conseguimos lembrar dos atos pelos quais estamos sofrendo, não seria injusta por essa razão? Aqueles que perguntam isto ignoram sempre o fato de que eles também experimentam prazeres e recompensas durante a vida e estão contentes em aceitá-los sem questionar. Porque se é injusto sermos punidos por atos dos quais não nos lembramos, também é injusto sermos recompensados por outros atos que foram esquecidos. O mero ingresso na vida não é fundamento apropriado para qualquer recompensa ou punição. Recompensa e punição devem ser o justo merecimento por uma conduta anterior. A lei de justiça da Natureza não é imperfeita, e é somente a imperfeição da justiça humana que requer que o infrator saiba e se lembre nesta vida de uma ação à qual uma penalidade lhe é atribuída. Na vida anterior o causador estava, então, bem ciente do que fez, e a Natureza determina as consequências dos seus atos, sendo portanto justa. Nós bem sabemos que ela fará com que o efeito siga a causa, qualquer que seja nosso deseja, quer lembramos ou esquecemos o que fizemos. Se nos seus primeiros anos um bebê é ferido pela babá de forma que se crie a condição para uma doença incapacitante após esta vida, como é frequentemente o caso, a doença incapacitante virá, muito embora a criança não tenha provocado a causa em questão, nem se lembre de qualquer coisa sobre isso. Mas, corretamente entendida, a reencarnação mostra – com sua doutrina conexa do Carma – como todo o plano da Natureza é perfeitamente justo.

A lembrança de uma vida pregressa não é necessária para provar que nós passamos por aquela existência, tampouco é uma boa objeção o fato de não nos recordarmos. Nós nos esquecemos da maior parte dos acontecimentos dos anos e dias desta vida, mas ninguém diria, por essa razão, que não vivemos todos esses anos. Eles foram vividos e nós retemos muito pouco dos detalhes no cérebro mas, todo o seu efeito sobre a personalidade é retido e se torna parte de nós mesmos. Toda a massa de detalhes de uma vida é preservada no homem interno para ser um dia integralmente trazida de volta para a memória consciente,

em alguma outra vida, quando estivermos aperfeiçoados. E, mesmo agora, imperfeitos como somos e sabendo tão pouco, os experimentos com hipnotismo demonstram que todos os mínimos detalhes estão registrados no que atualmente se conhece por mente subconsciente. A doutrina teosófica diz que nenhum desses acontecimentos é esquecido de fato, e que mesmo ao final da vida quando os olhos se fecham e aqueles que estão por perto dizem que estamos mortos, cada pensamento e circunstância de vida reluzem nitidamente na mente e por toda ela.

Muitas pessoas, no entanto, se lembram que viveram antes. Poetas têm cantado sobre isto; crianças bem o sabem, até que a vivência contínua na atmosfera da descrença impele, temporariamente, a recordação de suas mentes, mas todos estão sujeitos às limitações impostas pelo novo cérebro ao Ego, a cada vida. É por isso que não somos capazes de reter as imagens do passado, seja desta vida ou das anteriores. O cérebro é o instrumento para a memória da Alma e, sendo novo e com apenas uma determinada capacidade a cada vida, o ego só pode usá-lo, na nova vida, até o limite de sua capacidade. Essa capacidade será plenamente aproveitada ou não, de acordo com o próprio desejo do Ego e com sua conduta pregressa, porque tais vidas passadas terão aumentado ou diminuído seu poder para superar as forças da existência material.

Ao viver de acordo com os imperativos da Alma, o cérebro pode, por fim, tornar-se permeável às recordações da Alma; porém, se levar um tipo de vida oposta, então mais e mais nuvens escurecerão aquela reminiscência. Mas como o cérebro não fez parte da existência anterior, ele é, geralmente, incapaz de se lembrar. E essa é uma lei sábia, porque nós seríamos bastante infelizes se os atos e as cenas de nossas vidas anteriores não ficassem ocultados da nossa visão, até que, pela disciplina, nós nos tornemos capazes de aguentar o conhecimento sobre elas.

Outra objeção mencionada é que, sob a doutrina da reencarnação, não é possível explicar o aumento da população mundial. Isso presume

que sabemos com certeza que a população mundial tem aumentado e que estamos sendo mantidos informados de suas flutuações. Mas não está assegurado que a população mundial tem aumentado e, além do mais, grandes quantidades de pessoas são mortas anualmente sem que o saibamos. Na China, ano após ano, muitos milhares têm sido levados por inundações. Estatísticas sobre a fome não foram feitas. Não sabemos em quantos milhares as mortes na África excedem os nascimentos em qualquer ano. A objeção é baseada em tabelas imperfeitas que têm somente concernam os países ocidentais. Ela também pressupõe que há menos Egos fora da encarnação e aguardando para encarnar do que o número daqueles que estão habitando corpos, e isso está incorreto. Annie Besant explicou isso bem em *"Reencarnação"* ao dizer que o globo habitado se assemelha a um salão em uma cidade tomado de gente a partir de uma população bem maior da cidade, fora deste; o número de pessoas no salão pode variar, mas há uma fonte supridora constante da cidade. É verdade que, no que diz respeito a esse globo, o número de egos que lhe pertencem é determinado; mas ninguém sabe qual é este número nem qual é a capacidade total da Terra para sustentá-los. Os estatísticos da atualidade estão, em sua maior parte, no Ocidente, e as suas tabelas abrangem apenas uma pequena parte da história humana. Eles não podem dizer quantas pessoas estavam encarnadas na Terra em qualquer data anterior, quando todas as regiões do globo estavam repletas, portanto, a quantidade de egos que desejam ou esperam reencarnar é desconhecida pelos homens de hoje. Os Mestres do conhecimento teosófico dizem que o número total de egos é vasto e, por essa razão, a provisão daqueles para a ocupação dos corpos que vão nascer, que excedem o número dos que morrem, é suficiente. Também deve se manter em mente que cada Ego, por si, varia o tempo de permanência nos estados *post-mortem* . Eles não reencarnam no mesmo intervalo de tempo, mas voltam do estado após a morte a hiatos diferentes e, sempre que ocorre um grande número de mortes por motivo de guerra, pragas ou fome, há, de imediato, um afluxo

de Almas para a encarnação, seja no mesmo lugar ou em outros lugares ou raças. A Terra é um globo tão pequeno, no vasto conjunto de planetas habitáveis, que há um suprimento suficiente de egos para a encarnação aqui. Mas com o devido respeito por aqueles que levantaram essa objeção, eu não vejo que ela tenha a menor autoridade ou qualquer relação com a Verdade sobre doutrina da reencarnação.

CAPÍTULO X

ARGUMENTOS QUE SUSTENTAM A REENCARNAÇÃO

A menos que neguemos a imortalidade do homem e a existência da Alma, não há argumentos sólidos contra a doutrina da preexistência e do renascimento, exceto a que se baseia no ditame da Igreja de que cada Alma é uma nova criação. Este ditame pode ser defendido unicamente por dogmatismo cego porque, assumida [a existência de] a Alma, nós devemos cedo ou tarde chegar à teoria do renascimento porque, mesmo que cada Alma fosse nova nesta Terra, ela deve continuar a viver em algum lugar depois do falecimento e, devido à ordem conhecida da Natureza, existirão outros seres em outros planetas ou esferas. A Teosofia adota para o self - o pensador - as mesmas leis que são vistas em operação por toda a Natureza e estas são todas variantes da grande lei de que os efeitos sucedem as causas, e que não há efeito sem uma causa. A imortalidade da Alma – aceita por grande parte da humanidade – demanda a corporificação aqui ou em outro lugar, e ser incorporado significa reencarnação. Se viermos para esta Terra por apenas poucos anos e depois formos para alguma outra, a Alma precisa estar encarnada lá da mesma forma que aqui e, se tivermos viajado de algum outro mundo para cá, nós devemos ter tido uma “vestimenta” adequada lá também. Os poderes da mente e as leis que governam sua ação, o seu apego e o seu desapego tal como consta na filosofia teosófica, demonstram que sua reincorporação deve ser aqui, onde ela agiu e trabalhou, até o momento em que a mente seja apta a superar as forças que a acorrentam a este globo. Permitir que a entidade envolvida se transfira para outra cena de ação antes que tenha debelado todas as causas que a atraem aqui e sem ter resolvido suas obrigações para com outros seres na mesma corrente de evolução, seria injusto e

contrário às poderosas leis e forças ocultas que operam continuamente sobre ela. Os primeiros padres cristãos entenderam isso, e ensinaram que a Alma tinha caído na matéria e era obrigada, pela lei da sua natureza, a labutar para elevar-se novamente à fonte de onde veio. Eles usavam um antigo hino grego que versejava:

> "Mente Eterna, a Tua jovem centelha
>
> Por esse frágil vaso de barro,
>
> Através das ondas do escuro caos
>
> Emite um raio tênue.
>
> Essa Alma que envolve a mente é semeada
>
> Encarna um gérmen na Terra:
>
> Por piedade, ó Mestre Abençoado, toma posse
>
> Daquilo que reivindica nascer em Ti.
>
> Muito longe de Ti, ó fogo central,
>
> Atirado no triste cativeiro da Terra,
>
> Não deixe que a trêmula centelha se extinga;
>
> Absorva, por fim, o que é Teu".

Cada ser humano tem um caráter específico, diferente de cada outro ser humano, e multidões de seres agrupados em nações mostram, enquanto conjuntos, como a força nacional e as peculiaridades diferenciadoras formam um caráter nacional específico e distinto. Estas diferenças, tanto individuais como nacionais, são devidas ao caráter essencial e não à educação. Mesmo a doutrina da sobrevivência do mais apto deveria mostrar isso, porque a aptidão não pode vir do nada mas deve, por fim, mostrar-se a partir da emersão do verdadeiro caráter interior. E como tanto indivíduos quanto nações, entre aqueles que estão à frente na luta com a natureza mostram ter uma força imensa de caráter, devemos encontrar um lugar e uma época em que essa força foi desenvolvida. São estes, diz a Teosofia, esta Terra e todo o período durante o qual a Raça humana tem existido sobre o planeta.

Assim sendo, embora a hereditariedade tenha algo a ver com as diferenças de caráter quanto à força e à moral, influenciando um pouco a Alma e a mente e fornecendo também o lugar apropriado para o recebimento de recompensa e

castigo, a hereditariedade não é a causa da natureza essencial que cada qual demonstra.

Mas todas essas diferenças, tais como aquelas demonstradas por crianças desde o nascimento, por adultos, à medida que o caráter se revela cada vez mais, e por nações através das sua história, se devem à longa experiência adquirida durante muitas vidas na Terra e são o resultado da própria evolução da Alma. O apanhado de uma curta vida humana não fornece base suficiente para a geração da sua natureza interior. É necessário que cada Alma adquira toda experiência possível, e uma só vida não pode fornecer isso nem mesmo sob as condições mais favoráveis. Seria uma insensatez do Todo Poderoso colocar-nos aqui por tão curto tempo, apenas para nos remover justamente quando estivéssemos começando a enxergar o objetivo da vida e as possibilidades nela existentes. O mero desejo egoísta de uma pessoa de escapar das provações e do rigor da vida não é suficiente para pôr de lado as leis da Natureza, então a Alma deve renascer até que tenha cessado de colocar em movimento as causas do renascimento, depois de ter desenvolvido o seu caráter até o limite possível, conforme sinalizado por todas as variedades da natureza humana, quando cada experiência tiver sido vivido, e não antes que toda verdade que possa ser conhecida tiver sido adquirida. A ampla disparidade entre os homens, no que diz respeito à capacidade nos obriga, caso desejemos atribuir justiça à Natureza ou a Deus, a admitir a reencarnação e a rastrear a origem da disparidade nas vidas passadas de cada Ego. Porque as pessoas são tanto prejudicadas e limitadas, abusadas e feitas vítimas de aparentes injustiças devido a sua limitada capacidade, quanto o são pelas circunstâncias de nascimento ou educação. Vemos pessoas sem escolaridade erguendo-se acima das circunstâncias da família e da instrução e, frequentemente, os que nascem em boas famílias têm capacidade muito pequena; mas as dificuldades das nações e das famílias surgem mais da falta de capacidade do que de qualquer outra causa. E se considerarmos apenas as raças silvícolas, nelas a aparente injustiça é enorme. Porque muitos silvícolas têm de fato boa capacidade intelectual, mas ainda assim são silvícolas. Isso se deve ao fato de que o Ego naquele corpo ainda é selvagem e subdesenvolvido,

porque em contraste com os silvícolas, existem muitos homens civilizados com efetivo limitado vigor cerebral que não são selvagens por natureza porque o Ego que os habita teve demorada experiência com a civilização durante outras vidas e, sendo uma Alma mais desenvolvida, tem o poder de usar o instrumento cerebral ao seu limite mais elevado.

Cada homem sente e sabe que ele possui uma individualidade própria, uma identidade pessoal que transpõe não só os intervalos causados pelo sono, mas, às vezes, também aqueles provenientes de lesões temporárias no cérebro. Esta identidade nunca se interrompe, do começo ao fim da vida na pessoa normal, e isso somente a persistência e o caráter eterno da Alma irá explicar.

Assim, desde que começamos a nos lembrar, sabemos que nossa identidade pessoal não nos falhou, independentemente de quão ruim nossa memória possa estar. Isso descarta o argumento de que a identidade depende da recordação, porque se de fato dependesse somente da recordação, nós teríamos de começar de novo a cada dia já que não conseguimos nos lembrar detalhadamente dos acontecimentos do passado e algumas mentes se lembram de muito pouco, porém, percebem a sua identidade pessoal. E como é observado com frequência que algumas pessoas que menos se recordam, insistem tão fortemente quanto os outros, em sua identidade pessoal, essa persistência da sensação deve originar-se na antiga e imortal Alma.

Observando a vida e sua provável finalidade, com toda a variedade de experiência que é possível ao homem, a pessoa é forçada a concluir que uma só vida não é suficiente para desenvolver tudo o que é pretendido pela Natureza, sem falar no que o próprio homem deseja realizar. O leque de experiências possíveis é enorme. Percebemos que há uma vasta gama de poderes latentes no homem que podem ser desenvolvidos se for facultada a oportunidade. O conhecimento infinito em amplitude e diversidade está diante de nós e especialmente nesses tempos em que a investigação especializada é a regra. Percebemos que temos elevadas aspirações sem ter o tempo para alcançar suas magnitudes, enquanto a grande tropa de paixões e desejos, de motivações e

Ambições egoístas guerreiam contra nós e entre eles próprios, perseguindo-nos até a porta do túmulo. Todos devem ser experimentados, conquistados, usados, subjugados. Uma vida não é suficiente para tudo isso. Dizer que nós temos apenas uma vida aqui com tais possibilidades colocadas diante de nós e sem poderem ser desenvolvidas é fazer do Universo e da vida uma enorme e cruel piada de mau gosto, perpetrada por um Deus poderoso que é então acusado, por aqueles que acreditam em uma criação especial de Almas, de triunfar e de brincar com o insignificante ser humano somente porque este homem é pequeno e é uma criatura deste Todo-Poderoso. Uma vida humana dura, no máximo, setenta anos; as estatísticas reduzem isso para aproximadamente quarenta anos; e dentro desse pouco que resta, uma grande parte é passada dormindo e outra parte na infância. Assim sendo, em uma vida, é completamente impossível atingir sequer uma fração daquilo que a Natureza evidentemente tem como objetivo. Percebemos vagamente muitas verdades que uma só existência não nos proporciona tempo para apreender, especialmente quando os homens têm que lutar tanto para sobreviver. Nossas aptidões são restritas, diminutas ou fracas; uma só vida não nos dá a possibilidade de alterar isso; percebemos outros poderes latentes em nós que, de modo algum, podem desabrochar em um espaço de tempo tão curto; e temos muito mais do que uma suspeita de que a dimensão do campo da Verdade é imensamente maior de que o restrito círculo no qual estamos confinados. Não é razoável supor que Deus ou a Natureza nos projete para dentro de um corpo tão somente para nos encher de amargura, porque não podemos ter outra oportunidade aqui, mas devemos antes concluir que uma série de encarnações levou à situação atual, e que o processo de repetidas vindas para cá deve prosseguir com o objetivo de nos proporcionar a oportunidade necessária.

O mero fato de morrer não é, por si só, o suficiente para suscitar o desenvolvimento de aptidões ou a eliminação de tendências e inclinações errôneas. Se presumirmos que, ao entrar no céu, adquirimos de imediato todo o conhecimento e toda pureza, então o estado pós-morte é reduzido à monotonia e a própria vida, com todo o seu rigor, é destituída de qualquer significado. Algumas

igrejas ensinam que existe uma escola de disciplina após a morte, onde é descaradamente afirmado que os próprios apóstolos, sabidamente homens ignorantes, seriam os professores. Isso é absurdo e desprovido de qualquer base ou de razão na ordem natural. Além do mais, havendo tal disciplina após a vida, por que então seríamos lançados à vida? E por que, depois do sofrimento e dos erros cometidos, somos retirados do lugar onde nós cometemos nossos atos? A única solução que subsiste é a reencarnação. Nós retornamos à Terra porque é nela e com os seres nela que realizamos nossos atos; porque é o único lugar onde a punição e a recompensa podem ser aplicadas com justiça; porque aqui é o único lugar natural onde continuar a luta rumo à perfeição, rumo ao desenvolvimento das aptidões que temos e à destruição da maldade em nós. A justiça para conosco e para todos os outros seres exige isso, porque não podemos viver por nós mesmos, e seria injusto permitir que alguns de nós escapassem, deixando que aqueles que foram coparticipantes em nossos atos permanecessem ou fossem mergulhados num inferno de eterna duração.

A persistência da selvageria, a ascensão e queda de nações e civilizações, a total extinção de nações, tudo isso requer uma explicação encontrada em lugar algum a não ser na reencarnação. A selvageria permanece porque ainda há egos cuja experiência é tão limitada que eles ainda são selvagens; quando estiverem preparados, eles surgirão nas raças superiores. Raças morrem porque os Egos já tiveram experiência suficiente do tipo que a Raça proporciona. Assim, encontramos os índios de pele vermelha, os Hotentotes, os nativos da Ilha da Páscoa e outros como exemplos de raças abandonadas por Egos avançados e, à medida que se extinguem, outras Almas, que não tiveram vida mais elevada no passado, encarnam nos corpos da raça para prosseguir, usando-os com o objetivo de adquirir tanta experiência quanto aquele corpo da raça possa fornecer. Uma raça não poderia surgir e depois subitamente desaparecer. Vemos que não é esse o caso, mas a ciência não tem explicação; ela simplesmente diz que isto é fato, que as nações decaem. Mas nessa explicação não se leva em conta

o homem interno, nem as leis misteriosas, sutis e ocultas que se unem para formar uma Raça. A Teosofia mostra que a energia reunida tem que se consumir gradualmente e, por isso, a reprodução de corpos com a natureza daquela raça prosseguirá, apesar dos Egos não serem compelidos a ocupar corpos físicos daquele tipo por mais tempo do que enquanto tiverem um desenvolvimento equivalente ao daquela raça. Assim, chega um momento em que toda a massa de egos que constituíram a raça a abandona em troca de outro ambiente físico mais semelhante com eles mesmos. A economia da Natureza não permitirá que a Raça física desvaneça de repente e, assim, de acordo com a ordem real da evolução, outros Egos menos evoluídos ingressam e usam as formas disponibilizadas, mantendo a produção de novos corpos mas em número cada vez menor a cada século. Estes egos inferiores não são capazes de manter-se no limite de capacidade do agregado de energias deixadas pelos outros Egos, e então, enquanto o novo conjunto ganha tanta experiência quanto possível, a Raça vai definhando após passar por seu processo de decadência. Essa é a explicação daquilo que podemos denominar de declínio da barbárie, e nenhuma outra teoria irá harmonizar com os fatos. Algumas vezes, etnólogos imaginaram que as raças mais civilizadas matam as outras, mas o fato é que, em consequência da grande diferença entre os Egos que habitam o corpo da raça antiga e a própria energia daquele corpo, as mulheres começam a ficar estéreis, e então lenta, mas seguramente, o número de mortes excede o de nascimentos. A própria China está em processo de declínio e, neste momento, no estágio quase estacionário que antecede a derrocada. Grandes civilizações como as do Egito e da Babilônia desapareceram porque as Almas que as criaram reencarnaram, há muito tempo, nas principais nações conquistadoras da Europa e nos atuais continentes americanos. Como nações e raças, elas reencarnaram integralmente e renasceram para propósitos maiores e mais elevados do que antes. De todas as Raças antigas, somente a indo-ariana ainda permanece como preservadora

das antigas doutrinas. Um dia, ela vai novamente se erguer aos seus antigos patamares de glória.

O surgimento de gênios e de grandes mentes em famílias destituídas dessas qualidades, assim como a extinção dentro de uma família da genialidade demonstrada por algum ancestral, só podem ser explicados pela lei do renascimento. Napoleão I veio em uma família completamente diferente dele quanto ao poder e à força. Nada na sua hereditariedade explicará seu caráter. Ele mesmo disse, segundo contado em "*Memórias do Príncipe Talleyrand*", que ele foi Carlos Magno. Somente assumindo para ele uma longa série de vidas proporcionando-lhe a correta linha de evolução ou a causa para que surgissem sua mente, natureza e força, é que podemos ter a mínima ideia do motivo pelo qual, afinal, ele ou qualquer outro grande gênio apareceram. Mozart, quando era criança, podia compor partituras de orquestra. Isso não era devido à hereditariedade, pois tal partitura não é natural, mas forçada, mecânica, e totalmente convencional, mas ainda assim ele as compreendia sem ter sido ensinado. Como? Porque ele era um músico reencarnado, com um cérebro musical fornecido por sua família e, portanto, não impedido em seus esforços para manifestar seu conhecimento musical. Mas ainda mais impressionante é o caso de Blind Tom, um negro cuja família não podia, de modo algum, ter conhecimento do piano, um instrumento moderno, para transmitir aquele conhecimento aos átomos de seu corpo, ainda assim, ele tinha um grande poder musical e conhecia a atual escala musical mecânica no piano. Há centenas de exemplos como esses entre os muitos prodígios que apareceram para assombro do mundo. Na Índia há muitas histórias de sábios nascidos com conhecimento completo de filosofia e de temas afins e, sem dúvida, o mesmo pode ser encontrado em todas as nações. Este avivar do conhecimento também explica o instinto, pois este não é mais do que a recordação divisível em memória física e memória mental. É visto na criança e no animal e nada mais é do que o resultado de experiência prévia. E se observamos o recém-nascido estendendo os braços por autoproteção, ou o animal com

Um poder instintivo muito forte, ou a abelha construindo uma célula segundo as regras da Geometria, é tudo efeito da reencarnação que atua ou na mente ou na célula física, pois, conforme já foi exposto, nenhum átomo é desprovido de vida, de consciência e de inteligência próprias.

No caso do músico Bach, nós temos a prova de que a hereditariedade não significa nada se o Ego não é avançado, porque seu gênio não foi transmitido à sua linhagem familiar; gradualmente se desvaneceu e, por fim, deixou a família por completo. Assim também se explica a vinda de crianças mentalmente deficientes, ou de crianças maldosas, para pais que são bons, puros ou altamente intelectuais. Estes são casos em que a hereditariedade é reduzida a zero por um ego inteiramente ruim ou deficiente.

E, por fim, o fato de que certas ideias inerentes sejam comuns a toda a Raça é explicado pelos sábios como devido à lembrança de tais ideias, as quais foram implantadas na mente humana bem no começo de sua trajetória evolutiva neste planeta por aqueles irmãos e sábios que aprenderam suas lições e que se aperfeiçoaram em eras anteriores, muito antes do início do desenvolvimento desse globo. A ciência não oferece explicação para ideias inerentes e não fará mais do que dizer que “elas existem”. Estas ideias foram, de fato, ensinadas à massa de Egos que estão engajados na evolução dessa Terra; elas foram impressas ou registradas em suas naturezas, e sempre recordadas; elas acompanham o Ego através da sua longa peregrinação.

Muitas vezes se pensou que a oposição à reencarnação tem sido unicamente baseada no preconceito, quando não devido a algum dogma que só pode sustentar-se quando a mente está subjugada e impedida de usar os seus próprios poderes. A doutrina é a mais nobre de todas e com sua doutrina conexa, a lei do Carma, a próxima a ser examinada, e somente ela estabelece a base da ética. Não tenho dúvida alguma de que o fundador do Cristianismo considerava a reencarnação como um fato e que a sua atual ausência nesta religião é o motivo da contradição

entre as éticas preconizadas pelas nações cristãs e suas efetivas práticas, que são tão contrárias à moral fornecida por Jesus.

CAPÍTULO XI

CARMA

Carma é uma palavra desconhecida aos ouvidos ocidentais. É o nome adotado pelos teosofistas do século XIX para designar uma das leis mais importantes da Natureza. Operando incessantemente, ela atua semelhantemente sobre planetas, sistemas planetários, Raças, nações, famílias e indivíduos. É a doutrina gêmea da reencarnação. Estas duas leis estão tão inextricavelmente entrelaçadas que é quase impossível estudar corretamente uma delas sem a outra. Nenhum ponto ou ser no Universo está isento da atuação do Carma, mas todos estão sob sua influência, punidos por ele pelos erros cometidos, no entanto, beneficamente conduzidos pelo Carma, através da disciplina, do trabalho de base e da recompensa, até os distantes cumes da perfeição. É uma lei tão abrangente no seu alcance, que abarca ao mesmo tempo nosso ser físico e moral e que que alguém pode transmitir seu significado em inglês somente através de explicações e longas explicações. Por este motivo, foi adotado o termo sânscrito Carma para designá-la.

Aplicada à vida moral do homem, é a lei da causalidade ética, justiça, recompensa e punição; é a causa do nascimento e do renascimento, mas também dos meios para libertar-se da reencarnação. Vista por outro lado, é meramente o efeito fluindo de uma causa, ação e reação, o certeiro resultado para cada pensamento e ação. É ato e resultado do ato, pois o significado literal da palavra Carma é “ação”. A Teosofia considera o Universo como um todo inteligente e cada movimento no Universo é, portanto, uma ação desse todo levando a efeitos que, por sua vez, se tornam causas de resultados posteriores. Vendo de modo abrangente, os antigos hindus diziam que todos os seres, até *Brahma*, estão sob a lei do Carma.

Carma não é um ser, mas uma lei, a lei universal da

harmonia, que restabelece infalivelmente todo distúrbio ao equilíbrio. Nisso a teoria difere da concepção comum sobre Deus, elaborada a partir do sistema judaico, o qual concebe o Todo-Poderoso como sendo uma entidade pensante, externa ao Cosmos, que constrói, considera sua construção desarmônica, fora de proporção, errática e conturbada e que, então, tem que derrubar, destruir ou punir aquilo que Ele criou. Ou isto tem feito com que que milhares de pessoas vivam com medo de Deus – de acordo com suas supostas ordens - com o objetivo egoísta de obter recompensa e de garantir a escapatória da sua ira, ou as tem feito mergulhar na escuridão que advém da negação de toda vida espiritual. Mas como está claramente, de fato dolorosamente, evidente para todo ser humano que está acontecendo uma constante destruição dentro e ao redor de nós, uma guerra permanente não apenas entre os homens, mas em todos os lugares por todo o Sistema Solar, causando tristeza em todas as partes, a razão requer uma solução para o enigma. Os pobres que não veem refúgio nem esperança, clamam em voz alta por um Deus que não responde e, então, a inveja surge neles ao observar as comodidades e as oportunidades dos ricos. Eles veem os ricos perdulários, os tolos abastados, deleitando-se impunemente. Voltando-se ao instrutor de religião, para seu questionamento sobre a justiça que permite tanta miséria para aqueles que não fizeram nada que demandasse eles nascerem sem recursos, sem oportunidade de educação, sem capacidade para superar obstáculos sociais, raciais ou circunstanciais, eles recebem a resposta: “É a vontade de Deus”. Pais geram filhos amados que são prematuramente ceifados pela morte, justamente quando tudo parecia bem. Eles também não têm resposta à pergunta: “Por que estou assim atormentado desta forma?”, a não ser a mesma referência insensata a um Deus inacessível, cuja arbitrariedade causa seus sofrimentos. Assim, em todos as camadas sociais, a perda, o prejuízo, a perseguição, a privação de oportunidades, as próprias forças da Natureza trabalhando para destruir a felicidade do homem, a morte, os reveses e as decepções assolam continuamente tanto os homens bons quanto os maus. Mas em nenhum lugar há qualquer resposta

ou alívio, salvo nas antigas verdades que cada homem é o causador e modelador do seu próprio destino, o único que coloca em movimento as causas de sua própria felicidade e miséria. Numa vida ele semeia, na seguinte ele colhe. Assim e para sempre a lei do Carma o conduz.

O Carma é uma lei benéfica, totalmente misericordiosa e impecavelmente justa, porque a verdadeira compaixão não consiste em favorecimento, mas em justiça imparcial.

> "Meus irmãos! A vida de cada homem
>
> É consequência de sua existência anterior;
>
> Os erros do passado trazem sofrimentos e aflição;
>
> As ações corretas do passado trazem bem-aventuranças ....
>
> Esta é a doutrina do Carma".
>
> "A luz da Ásia" - Edwin Arnold

Como a vida atual é afetada pelos atos passados, certos e errados e será sempre através de punição? Será o Carma apenas o destino sob outro nome, um destino já definido e enunciado, do qual não há escapatória possível e que, portanto, pode nos tornar negligentes, em ato ou em pensamento, já que não pode impactar o destino? Carma não é fatalismo. Tudo que é feito em um corpo anterior tem consequências que, no nova encarnação, o Ego deve desfrutar ou sofrer, porque, como disse São Paulo: "Irmãos, não se iludam, Deus não é enganado, pois tudo o que o homem semear ele deverá também colher". Porque o efeito está dentro da causa, e o Carma produz a sua manifestação no corpo, no cérebro e na mente propiciados pela reencarnação. E assim como uma causa criada por um homem tem uma relação característica com ele, sendo o centro da qual ela surgiu, cada indivíduo vivencia os resultados de seus próprios atos. Às vezes, pode parecer que só recebemos efeitos dos atos de outros, mas este é o resultado de nossos próprios atos e pensamentos nessa ou em uma vida anterior. Nós sempre realizamos nossas ações em associação com outros e as ações, junto com seus pensamentos subjacentes, têm sempre relação com outras pessoas e conosco.

Nenhuma ação é realizada sem um pensamento na sua origem, seja no momento de sua realização ou no processo que leva à ação.

Esses pensamentos são alojados naquela parte do homem a que chamamos de *Manas*, a mente, e lá permanecem como elos sutis, mas poderosos, com fios magnéticos que entretecem o Sistema Solar e, através dos quais vários efeitos são externalizados. A teoria avançada nas páginas anteriores de que todo o sistema ao qual esse globo pertence é vivo e consciente em cada plano, não obstante mostrar autoconsciência apenas no homem, entra aqui em campo para explicar como o pensamento subjacente à ação nesta vida pode causar consequência neste ou na próximo encarnação. Os maravilhosos experimentos modernos em hipnotismo demonstram que a menor impressão mental, por mais longínqua no passado da pessoa, pode ser despertada à vida, provando, portanto, que ela não está perdida, mas apenas latente. Tome, por exemplo, o caso de uma criança que nasce corcunda e com estatura reduzida, sua cabeça afundada entre os ombros, os braços longos e as pernas encurtadas. Por que isto? É seu Carma por pensamentos e atos em uma vida anterior. Ele ofendeu, perseguiu ou senão feriu uma pessoa deformada tão persistente ou violentamente a ponto de imprimir em sua própria mente imortal a imagem deformada de sua vítima. Porque a intensidade e a profundidade da imagem serão proporcionais à intensidade de seu pensamento. É exatamente similar à exposição da placa fotográfica sensível em que, dependendo da exposição longa ou curta, a impressão na placa será fraca ou profunda. Assim, este pensador ou ator - o Ego – traz consigo ao renascer essa imagem, e se a família para a qual ele é atraído para nascer tiver tendências físicas similares em sua ascendência, a imagem mental faz o corpo astral em formação assumir uma conformação deformada por osmose elétrica e magnética pela mãe da criança. E como todos os seres da Terra estão indissoluvelmente unidos, a criança disforme é também o Carma dos pais, uma exata consequência por similares atos e pensamentos da parte deles em outras vidas. Aqui temos um rigor de justiça que nenhuma outra teoria fornecerá.

Prosseguindo com este caso a título de esclarecimento, podemos frequentemente observar um ser humano deformado tendo uma disposição feliz, um intelecto excelente, um discernimento sadio, e todas as boas qualidades morais, esse mesmo caso nos leva à conclusão de que o Carma deve ser de vários tipos diferentes em cada caso individual e, evidentemente, também opera em mais de um aspecto do nosso ser, com a possibilidade de proporcionar um efeito agradável para uma parte da nossa natureza e desagradável para outra.

Há três tipos de Carma:

Primeiro – Aquele que não começou a produzir nenhum efeito em nossas vidas devido à atuação sobre nós de algumas outras causas cármicas. Isto segue uma lei bem conhecida pelos físicos, segundo a qual duas forças opostas tendem se neutralizar, e uma das forças pode ser forte o suficiente para impedir temporariamente a ação da outra. Essa lei opera tanto nos planos invisíveis ou esferas cármicas e mentais do ser quanto nos planos materiais. A força de um determinado conjunto de faculdades físicas, mentais e psíquicas com suas [respectivas] tendências pode inibir inteiramente a ação sobre nós de causas com as quais estamos conectados, porque a natureza inteira de cada pessoa é usada no cumprimento dessa lei. Por conseguinte, os fracos e medíocres fornecem um foco fraco para o Carma, e neles o resultado geral de uma vida é limitado, embora possam experimentá-lo como sendo muito pesado. Mas aquela pessoa que tem uma personalidade abrangente e profunda e muito vigor experimentará a ação de uma maior quantidade de Carma do que a pessoa mais fraca.

Segundo - Aquele Carma que estamos gerando agora ou armazenando por nossos pensamentos e ações, e que virá a agir no futuro quando o corpo, a mente e o ambiente apropriados forem assumidos pelo Ego encarnando em alguma outra vida ou sempre que algum Carma obstrutivo for removido.

Isso se aplica tanto à vida atual como à próxima. Porque alguém pode chegar nessa vida a um ponto em que,

tendo esgotado todas as causas prévias, um novo Carma, ou aquele que é residual, deve começar a agir.

Sob este aspecto encontram-se aqueles casos em que homens têm súbitos reveses de sorte ou mudanças repentinas para melhor, seja nas circunstâncias ou no caráter. Uma grande influência nisso está em nossa conduta atual. Enquanto o Carma antigo precisa ser resolvido e não pode ser detido, é sábio para o homem pensar e agir nas circunstâncias atuais, não importa quais sejam, de uma forma que não vá produzir causas nocivas ou prejudiciais para o próximo renascimento ou para anos ulteriores nesta vida. A revolta é inútil, pois a lei procede, quer nos lamentemos ou nos alegremos. O grande engenheiro francês, De Lesseps, é um bom exemplo desse tipo de Carma. Elevado a um alto pico de glória e realizações durante muitos anos em sua vida, ele subitamente caiu, coberto de vergonha, pelo escândalo do Canal do Panamá. Quer ele seja inocente ou culpado, ele carrega a vergonha da conexão do seu nome com um empreendimento nacional todo manchado por corrupção e suborno, que envolveu altos funcionários. Isto foi a ação sobre ele de antigas causas cármicas, no exato momento em que aquelas que haviam dirigido seus anos anteriores se exauriram. Napoleão I é outro exemplo, pois ele também ascendeu à uma enorme fama e depois, subitamente, caiu e morreu no exílio e em desgraça. Muitos outros exemplos irão surgir à lembrança do leitor atento.

Terceiro – O Carma que começou a produzir resultados. É a ação sobre nós, agora nessa vida, de causas iniciadas em vidas prévias em companhia de outros egos. E está agindo agora porque, estando mais adaptado à descendência da família, ao corpo físico, corpo astral e tendências de Raça da atual encarnação, ele expressa-se plenamente, enquanto outro Carma, ainda não manifestado, aguarda sua vez.

Estas três categorias de Carma governam os homens, os animais, os mundos e os períodos de evolução. Todo efeito flui de uma causa anterior e, como todos os seres estão constantemente renascendo, eles estão constantemente vivenciando os efeitos dos seus pensamentos e ações (dos quais

eles mesmo são as causas) em uma encarnação anterior. E assim, como disse S. Mateus, cada um responde por cada palavra e pensamento; ninguém pode escapar nem por meio de oração, favor ou força ou por qualquer outro fator de intermediação.

Agora, como as causas cármicas podem ser divididas em três categorias, elas devem ter vários campos nos quais agir. Elas agem sobre o homem em sua natureza mental e intelectual, em sua natureza psíquica ou da Alma, e em seu corpo e circunstâncias. A natureza espiritual do homem nunca é afetada ou sofre a ação do Carma.

Um tipo de Carma pode agir nos três planos de nossa natureza mencionados, ao mesmo tempo e com a mesma intensidade, ou pode haver uma mistura das causas, algumas em um plano e outras em outro. Considere, por exemplo, uma pessoa fisicamente deformada que tem uma boa mente e uma deficiência na natureza de sua Alma. Neste caso, o Carma punitivo ou desagradável está operando no seu corpo físico, enquanto em sua natureza mental e intelectual um bom Carma está sendo experimentado mas, mas psiquicamente o Carma, ou causa, sendo de um tipo indiferente, o resultado será indiferente. Em outra pessoa, surgem outras combinações. A pessoa tem um belo corpo e circunstâncias favoráveis, mas sua personalidade é melancólica, ranzinza, irritável, vingativa, mórbida e desagradável para ela mesma e para os outros. Neste caso, o bom Carma físico está operando junto com um Carma mental, intelectual e psíquico muito ruim. Os leitores vão lembrar de casos de pessoas nascidas em alta posição, tendo todas as oportunidades e poder e que, não obstante, são imbecis ou tornam-se subitamente insanas.

E assim, como todas essas fases da lei do Carma têm influência sobre o homem individual, elas agem similarmente sobre raças, nações e famílias. Cada Raça tem seu Carma como um todo. Se for bom, a Raça progride. Se for ruim, ela se extingue – aniquilada como Raça – embora as Almas em questão retomem seu Carma em outras Raças e corpos. As nações não podem escapar do seu Carma nacional e, qualquer nação que tenha agido de maneira perversa, deverá sofrer algum dia, mais cedo ou mais tarde. O Carma do século XIX no Ocidente é o Carma de Israel, pois qualquer principiante pode

ver que a influência mosaica é a mais forte nas nações europeias e americanas. Os antigos astecas e outros antigos povos americanos desapareceram porque o seu próprio Carma– o resultado de sua própria vida como nações no passado longínquo – caiu sobre eles e os destruiu. Com as nações, esta ação pesada do Carma ocorre sempre através da fome, guerra, convulsões da Natureza e da esterilidade das mulheres da nação. Esta última causa chega próximo ao fim e elimina o remanescente da população. E o indivíduo pertencente a uma Raça ou nação é alertado por essa grande doutrina de que se ele cai na indiferença de pensamento e de ação, moldando-se assim à média cármica geral de sua Raça ou nação, esse Carma nacional e racial o levará, por fim, para o destino geral. É por isso que os instrutores na antiguidade exclamaram: “Saiam do meio deles e apartai-vos”.

Juntamente com a reencarnação, a doutrina do Carma explica a miséria e o sofrimento do mundo, sem deixar espaço para acusar a Natureza de ser injusta.

O sofrimento de qualquer nação ou Raça é o resultado direto dos pensamentos e das ações dos Egos que constituem a Raça ou nação. No passado remoto eles agiram perversamente e agora sofrem. Eles violaram as leis da harmonia. A lei imutável é que a harmonia deve ser restaurada se for rompida. Assim, esses Egos sofrem ao fazer as compensações e ao estabelecer o equilíbrio do Cosmos oculto. Toda a massa de Egos deve continuar encarnando e reencarnando na nação ou Raça até que todos tenham esgotado até o fim as causas originadas. Embora a nação possa desaparecer como coisa física por algum tempo, os egos que a criaram não abandonam o mundo, mas surgem como os construtores de alguma nova nação, na qual devem continuar a tarefa e receber ou a punição ou a recompensa em conformidade com seu Carma. Os antigos egípcios são um exemplo dessa lei. Eles certamente alcançaram um elevado grau de desenvolvimento, e tão certamente se extinguiram como nação. Mas as Almas – os antigos Egos – continuam vivendo e estão agora cumprindo o seu autocriado destino em alguma

outra nação em nossa época. Eles podem ser a nova nação norte-americana, ou os judeus fadados a perambular de um canto ao outro no mundo e a sofrer muito na mão de outros. Este processo é perfeitamente justo. Tome, por exemplo, os Estados Unidos e os índios de pele vermelha. Esses últimos foram tratados de forma vergonhosa pela nação. Os Egos desses índios vão renascer na nova e conquistadora nação, e como membros daquela grande família, serão eles mesmos os meios para trazer as consequências devidas por aquelas ações feitas contra eles quando tinham pele vermelha. Assim aconteceu antes, e assim sucederá novamente.

A infelicidade individual em qualquer vida é explicada desta maneira: (a) ela constitui a punição por um mal feito em vidas passadas; ou (b) é a disciplina retomada pelo Ego com o propósito de eliminar defeitos ou adquirir coragem e compaixão. Quando defeitos são eliminados, é como remover a obstrução em um canal de irrigação, o que então permite que a água flua. A felicidade é explicada do mesmo modo: o resultado de vidas anteriores de bondade.

A base científica e auto convincente para a ética correta encontra-se nessas doutrinas e em nenhuma outra. Porque se a ética correta deve ser praticada tão somente por ela mesma, os homens não verão porquê, e nunca estiveram aptos a ver o porquê, deveriam fazer o certo por este motivo. Se a ética tiver de ser seguida por medo, o homem se degradará e certamente se absterá; se o motivo for obter a proteção do Todo-Poderoso, sem embasamento na lei ou na justiça, então nós teremos exatamente o que prevalece hoje – um código dado por Jesus ao Ocidente e professado pelas nações, mas não praticado a não ser pelos poucos que, de qualquer maneira, já seriam virtuosos.

Sobre este assunto os Adeptos escreveram o seguinte, que pode ser encontrado em "*A Doutrina Secreta*" (*):

> "Não seriam os caminhos do Carma inescrutáveis se os homens trabalhassem em união e harmonia, ao invés de desunião e disputa. Porque nossa ignorância sobre aqueles caminhos da Providência – que uma parte da humanidade chama de intricada e obscura enquanto outra vê neles a ação de fatalismo cego e uma terceira

(*) *D.S., Vol. I, pág. 643.)*

vê simples acaso, sem deuses ou demônios para guiá-los – certamente desapareceria, se atribuíssemos a todos os caminhos somente a sua causa correta. Com conhecimento certo, ou pelo menos com a convicção confiante de que nossos vizinhos não mais agirão para nos causar mais dano de que nós pensaríamos em lhes causar, dois terços do mal do mundo se desmanchariam no ar. Se nenhum homem ferisse seu irmão, Carma-Nemesis não teria nem motivos para atuar, nem armas por meio das quais agir....Nós talhamos diariamente esses numerosos meandros em nossos destinos com nossas próprias mãos, enquanto imaginamos que estamos seguindo uma trilha na estrada real da respeitabilidade e do dever, e depois reclamamos do fato de que aqueles caminhos são tão intrincados e obscuros. Ficamos desnorteados diante do mistério de nossa própria criação e das charadas da vida que *não iremos resolver*, e então acusamos a grande Esfinge de nos devorar. Mas, em verdade, não há um só acidente em nossas vidas, nenhum dia ruim nem um infortúnio que não possa ser rastreado de volta a nossas próprias ações, nesta ou em outra vida .... O conhecimento do Carma dá a convicção de que se ...

> "a virtude agoniza e o vício triunfa
> Tornam a humanidade ateia",

é apenas porque a humanidade sempre fechou seus olhos para a grande verdade de que o homem é ele mesmo seu próprio salvador e seu próprio destruidor; que ele não precisa acusar o céu nem os deuses, o destino nem a providência, da aparente injustiça que reina no meio da humanidade. Mas é preferível deixá-lo lembrar e repetir aquele fragmento de sabedoria grega, que adverte o homem de abster-se de acusar *Aquilo* que

> "Justo, apesar de misterioso, nos conduz infalivelmente por caminhos despercebidos, da culpa até a punição"

– os quais são agora os meios e a estrada por onde avançam as grandes nações europeias. Cada nação e tribo dos arianos ocidentais tiveram, assim como seus irmãos orientais da quinta Raça, sua Idade de Ouro e sua Idade de Ferro, seu período de relativa irresponsabilidade, ou sua Idade Satya de pureza, enquanto agora, vários deles atingiram sua Idade de Ferro, o *Kali Yuga*, uma idade *negra de horrores*. Esta condição irá durar... até que comecemos a agir a partir de dentro, ao invés de seguirmos sempre os impulsos vindos de fora ... Até lá, o único paliativo é a união e a harmonia – uma Fraternidade *in actu*, e o *altruísmo* não apenas no nome".

CAPÍTULO XII

KAMA LOKA

Tendo examinado todo o campo da evolução das coisas e seres de uma maneira geral, consideremos agora os estados do homem após a morte do corpo físico e antes do nascimento. Isso levanta, de imediato, as seguintes questões: existe algum paraíso ou inferno, e o que são? São estados ou lugares? Há um ponto no espaço onde eles possam ser encontrados e para os quais nós vamos, ou de onde nós viemos? Também devemos voltar ao assunto do quarto princípio da constituição humana, aquele denominado *Kama* em sânscrito, e desejo ou paixão em inglês. Tendo em mente o que foi dito sobre aquele princípio, bem como o ensinamento sobre o corpo astral e a Luz Astral, será mais fácil entender o que é ensinado sobre os dois estados, *ante mortem* e *post mortem*. Em ordem cronológica, nós vamos para *Kama-Loka* - ou plano do desejo - primeiro no falecimento do corpo e, em seguida, os princípios mais elevados, o homem real, que entram no estado de *Devachan*. Depois de tratar do *Kama-Loka*, será mais fácil estudar a questão do *Devachan*.

A respiração deixa o corpo e dizemos que o homem está morto, mas isso é apenas o começo da morte; ela prossegue em outros planos. Quando a estrutura física está fria e os olhos fechados, todas as forças do corpo e da mente se precipitam através do cérebro, e através de uma série de imagens, toda a vida recém-terminada é indelevelmente impressa no homem interno, não apenas em linhas gerais, mas até o mínimo detalhe da mais minúscula e fugaz impressão. Neste momento, apesar de todas as indicações levar o médico a declarar o óbito e embora, para todos os efeitos, a pessoa esteja morta para essa vida, o homem real está ativo no cérebro e, só depois do seu trabalho ali estar concluído é que

a pessoa está efetivamente morta. Quando essa solene atividade estiver terminada, o corpo astral se desconecta do físico e, como a energia vital se retirou, os cinco princípios remanescentes ficam no plano de *Kama-Loka*.

A separação natural dos princípios, trazida pela morte, divide o homem integral em três partes:

Primeiro, o corpo visível com todos os seus elementos, é deixado para a posterior desintegração no plano terrestre, onde tudo que o compõe será, a seu devido tempo, dissolvido nos vários departamentos físicos da Natureza;

Segundo, o *Kama Rupa*, constituído do corpo astral e das paixões e desejos, também começa imediatamente a se desintegrar no plano astral;

Terceiro, o homem real, a tríade superior, *Atma-Buddhi-Manas*, imortal, mas agora fora das condições terrestres e desprovido do corpo físico, começa a operar em *Devachan*, apenas como mente coberta por uma veste muito etérea, que ele descartará quando chegar a hora dele retornar à Terra.

Kama-loka - ou lugar dos desejos - é a região astral que penetra e circunda a Terra. Como localidade, ele está sobre, dentro e ao redor da Terra. Sua extensão vai até uma distância definida da Terra, mas as leis comuns que prevalecem aqui não prevalecem lá, e as entidades lá não estão sob as mesmas condições de espaço e tempo em que nós estamos. Como um estado, ele é metafísico, embora essa metafísica se refira ao plano astral. É chamado de plano do desejo porque se refere ao quarto princípio, e nele a força dominante é a do desejo destituído e divorciado da inteligência. É uma esfera astral intermediária entre a vida terrestre e a celeste. Esta é, sem sombra de dúvida, a origem da teoria cristã do purgatório, onde a Alma sofre penitência pelo mal cometido e da qual ela pode ser redimida por meio de oração e outras cerimônias ou oferendas. O fato subjacente a esta superstição é que a Alma pode ficar detida em *Kama-Loka* pela enorme força de algum desejo insatisfeito, e não pode

se livrar das vestimentas astral e kâmica até que aquele desejo tenha sido satisfeito por alguém na Terra ou pela própria Alma. Mas se a pessoa tinha mente pura e aspirações elevadas, a separação dos princípios naquele plano é logo completada, permitindo que a tríade superior siga para o *Devachan*. Sendo o plano [de *Kama-Loka*] puramente astral, ele compartilha da natureza da matéria astral que é essencialmente terrestre e diabólica, e nela todas as forças agem sem direcionamento da Alma ou da consciência. É, por assim dizer, o fosso da escória da grande fornalha da Vida, onde a Natureza proporciona o descarte de elementos que não têm lugar no *Devachan* e, por esse motivo, deve existir vários níveis, cada um dos quais foi observado pelos antigos. Esses estágios são conhecidos em sânscrito como *Lokas*, ou lugares no sentido metafísico. A vida humana é muito variada quanto a traços de personalidade e outras potencialidades e, para cada uma dessas, é providenciado um lugar apropriado após a morte, o que faz de *Kama-Loka* uma esfera infinitamente variada. Em vida, algumas das diferenças entre os homens são modificadas e algumas são inibidas por uma similaridade de corpo e de hereditariedade, mas em *Kama-Loka* todas as paixões e desejos ocultos estão libertos em consequência da ausência de corpo físico e, por essa razão, o estado é imensamente mais diversificado que o plano da vida física. Não apenas é necessário considerar as variedades e diferenças naturais, mas também aquelas ocasionadas pelo tipo de morte, sobre a qual algo será aludido. E todas essas várias divisões são apenas o resultado natural dos pensamentos em vida e dos últimos pensamentos das pessoas que morrem na Terra. Está além do âmbito deste trabalho entrar na descrição de todos esses estágios, na medida em que volumes seriam necessários para descrevê-los e, ainda assim, poucos entenderiam.

Lidar com o assunto *Kama-Loka* nos obriga a também lidar com o quarto princípio na classificação da constituição do homem, e desperta um conflito com as ideias e a educação modernas quanto ao assunto de desejos e paixões. Supõe-se geralmente que os desejos e as paixões são tendências inerentes ao indivíduo, e eles

têm uma impressão inteiramente irreal e nebuloso para o estudante comum. Mas nesse sistema filosófico, eles não são apenas inerentes ao indivíduo, nem são devidos ao corpo em si. Enquanto o homem está vivendo no mundo, os desejos e as paixões - o princípio *Kama* - não têm vida separada do homem astral e do homem interno, estando, por assim dizer, disseminados por todo o seu ser. Mas quando, depois da morte, se amalgamam com o corpo astral e, desse modo, formam uma entidade com seu próprio prazo de vida embora sem Alma, surgem questões muito importantes. Durante a vida mortal, os desejos e as paixões são guiados pela mente e pela Alma; após a morte eles funcionam sem o direcionamento do mestre anterior; enquanto vivemos, somos responsáveis por eles [desejos e paixões] e por seus efeitos, e quando deixamos essa vida ainda somos responsáveis, embora eles continuem funcionando e provocando efeitos em outros seres enquanto durarem como o tipo de entidade que eu descrevi, e sem o nosso direcionamento direto. Nisso se percebe a continuidade da responsabilidade. Eles formam parte dos *Skandhas* – bem conhecidos na filosofia oriental – que são os agregados que compõem o homem. O corpo físico inclui um conjunto de *Skandhas*, o homem astral outro, o princípio *Kama* é outro conjunto, e ainda outros pertencem a outras partes. Em *Kama* encontram-se aqueles realmente ativos e importantes, que controlam os renascimentos e levam a todas as variedades de vida e circunstâncias a cada renascimento. Eles estão sendo formados dia após dia de acordo com a lei segundo a qual todo pensamento combina-se instantaneamente com uma das forças elementais da Natureza, tornando-se, assim, uma entidade que perdurará de acordo com a força do pensamento quando deixa o cérebro, e todos eles estão inseparavelmente conectados com o ser que os criou. Não há modo de escapar; tudo o que podemos fazer é originar pensamentos de boa qualidade, pois mesmo os maiores Mestres não estão isentos desta Lei, mas eles “povoam seu curso no espaço” com entidades poderosas apenas para [fazer] o bem.

Agora, em *Kama-loka*, esta massa de desejos e pensamentos existe de modo muito inequívoco até o término de sua desintegração e, então, o resíduo consiste na essência desses *Skandhas*, conectados, é claro, com o ser que os produziu e os tinha. Eles não podem ser eliminados, assim como não podemos apagar o Universo. Daí se diz que eles permanecem até que o ser saia de *Devachan*, e então, imediatamente e pela lei da atração, eles são trazidos para o ser que a partir deles, como germe ou base, constrói um novo conjunto de *Skandhas* para a próxima vida. Assim, *Kama-Loka* diferencia-se do plano terrestre pela existência ali da massa de paixões e desejos, sem controle e sem direcionamento; mas ao mesmo tempo, a vida terrestre é também um *Kama-Loka*, já que é amplamente governada pelo princípio *Kama*, e assim será até uma época distante no curso da evolução em que as raças dos homens terão desenvolvido o quinto e o sexto princípios, lançando desta forma *Kama* em sua própria esfera e livrando a vida terrestre da sua influência.

O homem astral em *Kama-Loka* é apenas uma casca desprovida de Alma e mente, sem consciência, e incapaz de agir a menos que seja vivificado por forças externas a ele mesmo. Ele tem o que se parece com uma consciência animal ou automática apenas devido à sua muito recente associação com um Ego humano. Pois, de acordo com o princípio exposto em outro capítulo, todo átomo que vai integrar o homem tem uma memória própria a qual é capaz de durar um período de tempo proporcional à intensidade dada a ele. No caso de uma pessoa muito materialista e bruta ou egoísta, a força dura mais do que em qualquer outra, e assim, naquele caso, a consciência automática será mais decisiva e desconcertante para alguém sem conhecimento que se envolva com necromancia. Sua porção puramente astral contém e carrega o registro de tudo que se passou com a pessoa enquanto vivia, pois uma das funções da substância astral é absorver todas as cenas, imagens e impressões de todos os pensamentos,

para retê-las, e lançá-las adiante por reflexo, quando as condições o permitirem. Esta casca astral, descartada por cada homem ao morrer, seria uma ameaça a todos os homens se não fosse, em todos os casos, exceto em um que será mencionado, desprovido de todos os princípios superiores, que são os que dão o direcionamento. Mas como aqueles constituintes que direcionam estão separados da casca, ela tremula e flutua de um lugar ao outro sem qualquer vontade própria, mas totalmente governado pelas atrações dos campos astrais e magnéticos.

É possível ao homem real - chamado de espírito por alguns - comunicar-se conosco imediatamente após a morte por alguns breves instantes, mas, uma vez passados, a Alma nada mais tem a ver com a Terra até reencarnar. O que pode e de fato influencia o sensitivo e o médium além desta esfera, são as cascas que eu descrevi. Sem Alma e sem consciência, eles não são, em sentido algum, os espíritos dos nossos falecidos. Eles são os trajes jogados fora pelo homem interno, a porção terrena grosseira descartada no voo para o *Devachan*, e assim sempre foram considerados pelos antigos como demônios - nossos demônios pessoais - porque são essencialmente astrais, terrestres e passionais. Seria de fato estranho se esta casca, depois de ter sido por tanto tempo o veículo do homem verdadeiro na Terra, não retivesse uma memória e consciência automáticas. Vemos o corpo decapitado de uma rã ou de um galo se movendo e atuando por um tempo com uma aparente inteligência, e por que não é possível para a mais fina e sútil forma astral agir e mover-se com um grau muito maior de aparente direcionamento mental?

Na esfera de *Kama-Loka* como, de fato, também em todas as partes do globo e do sistema solar, encontram-se os elementais ou forças da Natureza. Eles são inumeráveis e suas classes são quase infinitas, na medida em que são, em certo sentido, os nervos da Natureza. Cada classe tem seu próprio trabalho assim como cada coisa ou elemento natural. Assim como o fogo queima e a água escorre para baixo e não para cima de acordo com sua lei geral, os elementais agem igualmente sob a lei, mas

estando mais acima na escala [evolutiva] do que o fogo e a água comum, sua ação parece guiada pela mente. Alguns deles têm uma relação especial com as atividades mentais e com os processos dos órgãos astrais, quer estes estejam ligados ou não a um corpo físico. Quando um médium cria o canal, e também por outros processos naturais, esses elementais estabelecem uma conexão artificial com a casca de uma pessoa falecida, com o auxílio do fluido nervoso do médium e de outros que estão por perto e, então, a casca é energizada para uma vida artificial. Através do médium, uma conexão com as forças físicas e psíquicas de todos os presentes é estabelecida. As antigas impressões do corpo astral cedem suas imagens à mente do médium e as antigas paixões são acendidas. Várias mensagens e relatos são então obtidos dele, mas nenhum é genuíno, nenhum é do espírito. Por sua singularidade, e em consequência da ignorância daqueles que mexem com isso, é confundido com obra do espírito, mas tudo vem dos vivos, quando não é uma mera coleta, da luz astral, das imagens do que ocorreu no passado. Importa salientar que, em certos casos, há uma inteligência trabalhando que é total e intensamente má, à qual todo médium está sujeito, e isso explica por que tantos deles sucumbiram ao mal, conforme eles têm confessado.

Uma classificação aproximada dessas cascas que visitam os médiuns seria a seguinte:

(1) aquelas cascas das pessoas recentemente falecidas, cujo local de sepultamento não está muito longe. Esta classe é bem coerente de acordo com a vida e com o pensamento do dono anterior. Uma pessoa não-materialista, boa e espiritualizada deixa uma casca que logo irá se desintegrar. A casca de uma pessoa rude, malvada, egoísta e materialista será pesado, sólida e duradoura, e assim por diante com todas as variações;

(2) aquelas cascas de pessoas que morreram longe do lugar onde o médium está. O lapso de tempo permite a aqueles que escapem das cercanias de seus antigos corpos e, ao mesmo tempo, ocasionam um grau maior

de desintegração a qual, no plano astral, corresponde à putrefação no plano físico. Estes são difusos, sombrios, dispersos; respondem apenas brevemente a estímulos psíquicos, e são dispersos por qualquer corrente magnética. Eles são momentaneamente vivificadas pelas correntes astrais do médium e por aquelas pessoas presentes que eram relacionadas com o falecido;

(3) vestígios puramente sombrios aos quais mal se pode atribuir uma classificação. Não há uma palavra no inglês para descrevê-los, embora sejam fatos nessa esfera. Poderia se dizer que são o mero molde ou impressão deixada na substância astral pela casca anteriormente consistente e há muito tempo desintegrada. Eles estão, por conseguinte, tão perto de serem fictícios que quase merecem essa designação. Como fotografias sombrias, es lesão ampliados, decorados e lhes é dada uma vida imaginária pelos pensamentos, desejos, esperanças e imaginações do médium e dos participantes das *sessões*;

(4) entidades definidas e coerentes, Almas humanas destituídas do vínculo espiritual, tendem a descer para o pior estado de todos, o *Avichi*, onde o fim é a aniquilação da personalidade. Também são conhecidas como magos negros. Tendo concentrado a consciência no princípio *Kama*, preservaram o intelecto, divorciaram-se do Espírito e são os únicos seres condenados que conhecemos. Em vida, tiveram corpos humanos e alcançaram seu estado terrível através de persistentes vidas na maldade pela maldade; alguns já fadados a tornar-se no que descrevi, estão hoje entre nós na Terra. Estas não são cascas comuns, porque centraram toda a sua força em *Kama*, jogaram fora cada fagulha de pensamento ou aspiração virtuosos e têm maestria completa da esfera astral. Eu os coloco na classificação de cascas porque o são no sentido que são condenados à desintegração consciente enquanto os outros são condenados ao mesmo fim, só que de modo mecânico. Estas cascas podem perdurar e efetivamente perduram por muitos séculos, satisfazendo suas luxúrias por intermédio de qualquer sensitivo de quem possam se apoderar e onde o mau pensamento lhes abre uma brecha. Eles presidem a quase todas as *sessões* espiritualistas, adotando nomes importantes e tomando a direção para assim

manter o controle e perdurar a ilusão do médium, possibilitando-lhes ter um canal conveniente para seus próprios objetivos malignos. De fato, com as cascas dos suicidas, daqueles pobres miseráveis que morrem pela mão da lei, dos bêbados e de glutões, esses magos negros que vivem no mundo astral se apoderam do campo da mediunidade física e são suscetíveis de invadir a esfera de qualquer médium, por melhor que ele seja. A porta, uma vez aberta, permanece aberta para todos. Esta classe de casca perdeu o *Manas Superior*, mas na luta não somente após a morte, mas também em vida, a porção inferior de *Manas*, que deveria ter sido elevada à excelência divina, foi arrancada do seu senhor e agora proporciona inteligência a essa entidade, a qual é desprovida de Espírito, mas tem a capacidade de sofrer, e sofrerá quando seu último dia chegar.

No estado de *Kama-Loka*, os suicidas e aqueles que são subitamente expulsos da vida por acidente ou assassinato, legal ou ilegalmente, passam um período quase igual à duração da vida que teriam, não fosse a súbita interrupção. Estes não estão mortos de verdade. Para haver uma morte normal, um fator não reconhecido pela ciência médica deve estar presente. Isto é, os princípios do ser, conforme descritos em outros capítulos, têm seus próprios prazos de coesão, ao fim natural dos quais se separam uns dos outros, de acordo com suas próprias leis. Isso envolve o grande tema das forças coesivas no indivíduo humano, o que necessitaria um livro à parte. Eu devo me contentar, portanto, com a afirmação de que essa lei de coesão existe entre os princípios humanos. Antes daquele fim natural, os princípios são incapazes de se separar. Obviamente, a destruição normal da força coesiva não pode ser ocasionada por processos mecânicos, com exceção do corpo físico. Assim, um suicida, ou um indivíduo morto por acidente ou assassinado por outro homem ou por determinação da lei humana, não chegou ao término natural da coesão entre os outros constituintes, e é lançado ao *Kama-Loka* apenas parcialmente morto. Lá, os princípios remanescentes devem esperar

até que o fim do efetivo período natural da vida seja alcançado, seja um mês ou sessenta anos.

Mas os graus de *Kama-Loka* acomodam as muitas variedades das cascas acima mencionadas. Alguns passam o período em grande sofrimento, outros em um tipo de sono com sonhos, cada um de acordo com sua responsabilidade moral. Mas os criminosos executados são, em geral, lançados para fora da vida cheios de ódio e vingança, ressentindo-se de uma penalidade da qual não reconhecem a justiça. Em *Kama-Loka* eles estão sempre reencenando o seu crime, seu julgamento, sua execução e sua vingança. E sempre que conseguem ter contato com uma pessoa viva sensitiva, médium ou não, eles tentam injetar pensamentos de assassinato e outros crimes no cérebro de tal infeliz. E que eles obtêm sucesso em tais tentativas é bem sabido pelos estudantes mais avançados de Teosofia.

Chegamos agora ao assunto de *Devachan*. Depois de certo tempo em *Kama-Loka*, o indivíduo se precipita num estado de inconsciência que precede a mudança para o próximo estado. É como o nascimento para a vida, precedido por um período de escuridão e sono pesado. Ele, então, desperta para as alegrias de *Devachan*.

CAPÍTULO XIII

DEVACHAN

Tendo mostrado que logo além do limiar da vida humana há um lugar de desagregação onde a parte superior do homem é separada dos seus constituintes inferiores e grosseiros, passamos a examinar qual é o estado após a morte do ser real, do ser imortal que viaja de vida em vida. Lutando para sair do corpo físico, o homem todo vai entra no *Kama Loka*, no purgatório, onde ele novamente luta e se desprende dos *Skandhas* inferiores; passado esse período de nascimento, os princípios superiores, *Atma-Buddhi-Manas*, começam a pensar de uma maneira diferente da que o corpo e a mente permitiam durante a vida. Este é o estado do *Devachan*, uma palavra sânscrita que significa literalmente "o lugar dos deuses", onde a Alma desfruta da felicidade; mas como os deuses não possuem corpos semelhantes aos nossos, o Self no *Devachan* está desprovido de um corpo mortal. Nos livros antigos, é dito que esse estado dura "um número infinito de anos" ou "por um período proporcional ao mérito do ser"; e quando as forças mentais peculiares a esse estado se exaurem, "o ser é novamente puxado para baixo, para renascer no mundo dos mortais". O *Devachan* é, portanto, um interlúdio entre os nascimentos no mundo. A lei do Carma que força todos nós a reencarnar no mundo, sendo incessante em sua atuação e universal em seu âmbito, age igualmente sobre o ser que está em *Devachan*, porque somente pela força ou ação do Carma é que somos retirados de *Devachan*. É algo como a pressão da atmosfera que, sendo contínua e uniforme, irá empurrar para fora ou esmagar aquilo que está sujeito a ela, a menos que haja uma quantidade compensadora de atmosfera para neutralizar a pressão. Neste caso, o Carma do ser é a atmosfera que sempre compele o ser

para dentro ou para fora de um estado ou de outro; a força atmosférica neutralizante é a força das reflexões sobre a vida e aspirações do ser, a qual impede sua saída do *Devachan* até que aquela força tenha se esgotado, mas que uma vez gasta, não tem mais poder para conter o decreto do nosso autocriado destino mortal.

A necessidade deste estado pós-morte é um dos imperativos da evolução, que emerge da natureza da mente e da Alma. A verdadeira natureza de *Manas* requer um estado devachânico tão logo o corpo esteja eliminado, e isto é apenas o efeito do afrouxamento das amarras colocadas sobre a mente pelos invólucros físico e astral. Em vida, só podemos encenar uma parcela mínima dos pensamentos que temos a cada momento; e menos ainda conseguimos esgotar as energias psíquicas engendradas pelas aspirações e sonhos de cada dia. A energia assim gerada não é perdida ou aniquilada, mas é armazenada em *Manas*; mas o corpo físico, o cérebro e o corpo astral não permitem o pleno desenvolvimento dessa energia. Assim, mantida latente até a morte, ela irrompe dos laços enfraquecidos e lança *Manas*, o pensador, em um processo de expansão, uso e desenvolvimento da força-pensamento criada em vida. A impossibilidade de escapar deste estado necessário reside na ignorância do homem acerca dos seus próprios poderes e faculdades. Dessa ignorância surge a ilusão, e como *Manas* não está totalmente livre, é carregado por sua própria força no pensar em *Devachan*. Mas apesar da ignorância ser a causa de entrar nesse estado, o processo todo é reparador, repousante e curativo. Pois se o homem comum retornasse de imediato para outro corpo na mesma civilização que ele acabara de deixar, sua Alma estaria completamente desgastada e privada da necessária oportunidade para o desenvolvimento da parte mais elevada de sua natureza.

Agora que o Ego está sem o corpo mortal e sem *Kama*, ele se cobre no *Devachan* com uma vestimenta que não pode ser chamada de corpo, mas que pode ser denominada de meio ou de veículo, e nele o Ego atua no estado devachânico, inteiramente nos planos da mente e da Alma. Ali, tudo é,

tão real para o ser, assim como este mundo parece ser real para nós. Ele simplesmente tem, agora, a oportunidade de construir seu mundo para si, desimpedido dos obstáculos da vida física. Seu estado pode ser comparado ao do poeta ou artista que, enlevado pelo êxtase da composição ou da disposição de cores, não se importa e não percebe nem o tempo nem os objetos do mundo.

A todo momento estamos produzindo causas, mas existem somente dois campos para a manifestação dos efeitos dessas causas. São eles: o objetivo, como o mundo físico é chamado, e o subjetivo, que existe tanto aqui como depois de termos deixado esta vida. O campo objetivo diz respeito a vida na Terra e a parte mais grosseira do homem, com suas ações físicas corporais e seus pensamentos cerebrais e, às vezes, também com seu corpo astral. O subjetivo diz respeito a suas partes mais elevadas e espirituais. No campo objetivo, os impulsos psíquicos não podem se desenvolver e tampouco o podem as elevadas tendências e aspirações de sua Alma; assim, essas devem ser a base, a causa, o substrato e o suporte ao estado de *Devachan*. Então, medido em anos mortais, qual é o tempo que alguém permanecerá no *Devachan*?

Ao lidar com o que o homem terreno chama de tempo, esta pergunta não aborda, é claro, o real significado do tempo em si, isto é, o que pode ser de fato para este sistema solar, a derradeira sequência, precedência, sucessão e duração de momentos. É uma pergunta que pode ser respondida em relação ao nosso tempo, mas certamente não em relação ao tempo no planeta Mercúrio, por exemplo, onde o tempo não é o mesmo que o nosso nem, de fato, em relação ao tempo concebido pela Alma. Quanto a este último, qualquer homem pode ver que, depois de muitos anos transcorridos, ele não tem percepção direta do tempo que passou, mas é capaz apenas de selecionar algumas ocorrências que marcaram sua passagem e quanto a alguns instantes ou horas dolorosos ou felizes, parecem para ele ter acontecido apenas ontem. E é assim para o ser que está em *Devachan*. Ali não existe tempo. A Alma tem todo o benefício do que acontece nela mesma naquele estado, mas

não envereda por especulações quanto à passagem dos momentos; tudo é constituído de eventos, enquanto o tempo todo o orbe solar continua marcando os anos para nós no plano terrestre. Isso não pode ser considerado como uma impossibilidade se lembrarmos, como é bem sabido na vida, que os acontecimentos, os cenários, os pensamentos, as discussões e as sensações introspectivas virão para nós num instante e em detalhes perfeitos, ou, como é sabido por aqueles que estavam se afogando, os acontecimentos de toda uma vida passam em um relance ante a visão da mente. Mas, conforme foi dito, o Ego permanece no *Devachan* pela duração de tempo exatamente proporcional aos impulsos psíquicos gerados durante a vida. Agora, sendo este um assunto que lida com a matemática da Alma, ninguém a não ser um Mestre pode dizer qual seria a duração para um homem comum deste século em cada nação. Desta forma, temos que confiar nos Mestres da Sabedoria para conhecer essa média, pois ela deve estar baseada em um cálculo. Eles disseram, como é bem colocado pelo Sr. A. P. Sinnett em seu "*Esoteric Buddhism*" que o período é, em geral, de 1.500 anos. A partir de uma leitura de seu livro, o qual foi escrito a partir de cartas dos Mestres, deve-se deduzir que ele deseja que seja entendido que o período devachânico é, em cada um dos casos, de quinze séculos; mas para desfazer esse mal-entendido, seus instrutores escreveram em uma data posterior que se trata de um período médio e não um período fixo. Tal deve ser a verdade pois, como vemos que os homens diferem em relação aos períodos de tempo que permanecem em qualquer estado mental durante a vida, devido às variadas intensidades dos seus pensamentos, assim deve ser no *Devachan*, onde o pensamento tem maior força, embora sempre devido ao ser que gerou os pensamentos.

O que o Mestre disse a respeito disso: "O "sono do *Devachan*" dura até que o Carma esteja saciado nesse sentido. Em *Devachan* ocorre uma "gradual exaustão da força". A permanência em *Devachan* é proporcional aos impulsos psíquicos não exauridos, provenientes da vida terrena: aqueles cujos atividades foram preponderantemente

De ordem material, serão trazidos de volta mais rapidamente ao renascimento pela força de *Tanha*". *Tanha* é a sede de viver. Aquele, portanto, que não originou em vida muitos impulsos psíquicos terá pouco alicerce ou força na sua natureza essencial para manter seus princípios superiores em *Devachan*. Quase tudo o que terá serão aqueles impulsos originados na infância, antes que ele começasse a firmar seus pensamentos em raciocínios materialistas. A sede pela vida denominada *Tanha* é a força de atração ou magnética alojada nos *Skandhas* que é inerente a todos os seres. Em um caso como este, a regra geral não se aplica, já que de qualquer maneira todo o efeito é devido a um equilíbrio de forças e é a resultante de ação e reação. E este tipo de pensador materialista pode emergir de *Devachan* em um outro corpo aqui em um mês, tendo em conta as forças psíquicas não utilizadas, originadas na vida pregressa. Mas como cada uma dessas pessoas varia quanto à categoria, intensidade e ao volume de pensamentos e de impulsos psíquicos, cada uma pode variar em relação ao tempo de permanência em *Devachan*. Pensadores desesperadamente materialistas permanecerão na condição devachânica entorpecidos ou adormecidos, por assim dizer, já que eles não têm em si mesmos forças apropriadas àquele estado a não ser de uma maneira muito vaga e, em relação a eles pode ser dito, com muita veracidade, que não há estado algum após a morte no que diz respeito à mente; eles ficam dormentes por um período e depois voltam a viver na Terra. Esta média geral de permanência no *Devachan* nos dá a duração de um ciclo humano muito importante, o Ciclo da Reencarnação. Porque, sob esta lei, se verificará que o desenvolvimento de nações se repete, e se verificará que os tempos passados retornarão novamente.

As últimas sequências de pensamentos poderosos e profundamente impressos são aquelas que proporcionam o colorido e a tendência de toda a duração em *Devachan*. O momento derradeiro irá colorir cada momento subsequente. Nesses [pensamentos], a Alma e a mente se fixam, e tecem a partir deles todo um conjunto de eventos e experiências, desenvolvendo-os ao limite máximo,

realizando tudo o que não foi possível durante a vida. Assim, desenvolvendo e tecendo esses pensamentos, a entidade tem sua juventude, crescimento e envelhecimento, isto é, a irrupção da força, sua expansão e o seu apagar até a exaustão final. Se a pessoa levou uma vida enfadonha, o *Devachan* será enfadonho; uma vida rica, será um *Devachan* rico em variedade e efeito. A existência lá não é um sonho, a não ser em um sentido convencional, pois é um estágio da vida do homem e, quando nós estamos ali, esta vida atual parece um sonho. Ela não é monótona de forma alguma. Somos demasiadamente propensos a medir todos os possíveis modos de vida e locais de experiência pelos nossos atuais padrões terrestres e a imaginar que isto é a realidade. Mas a vida da Alma é sem fim e não cessa por um instante. Abandonar nosso corpo físico é apenas uma transição para viver em outro lugar ou plano. Mas, como as vestimentas etéreas de *Devachan* são mais duradouras que as que usamos aqui, as causas espirituais, morais e psíquicas demoram mais tempo para se expandir e exaurir naquele estado do que na Terra. Se as moléculas que formam o corpo físico não estivessem submetidas às leis químicas gerais que governam a Terra física, viveríamos tanto tempo nestes corpos quanto no estado devachânico. Mas uma vida assim, de interminável tensão e sofrimento, seria suficiente para destruir a Alma obrigada a se submeter a ela. O prazer seria, então, dor, e o excesso só terminaria em insanidade imortal. A Natureza, sempre benévola, logo nos leva de novo ao paraíso para um descanso, para o florescimento do melhor e do mais elevado em nossas naturezas.

O *Devachan*, então, nem é sem sentido, nem inútil. “Nele repousamos; aquela parte de nós que não pode florescer sob os céus assustadores da vida terrena, eclode em flor e retorna conosco mais forte para uma outra vida e fazendo mais parte da nossa natureza do que antes. Por que vamos nos queixar que a Natureza bondosamente nos auxilia na luta interminável; por que então manter a mente remoendo

sobre esta mesquinha personalidade e suas boas e más sortes?” (*)

Mas, às vezes, se pergunta quanto àqueles que deixamos para trás: nós os vemos ali? Nós não os vemos ali de fato, mas construímos para nós mesmos imagens tão plenas, completas e objetivas deles quanto na vida, destituídas de tudo o que, então, achávamos que era um defeito. Nós vivemos com eles e os vemos crescendo ótimos e bons, ao invés de medianos ou maus. A mãe que deixou um filho alcoólatra para trás, o encontra diante dela em *Devachan* como um homem sóbrio e bom e, assim como em todos os casos possíveis, pais, filho, marido e mulher têm lá seus entes queridos perfeitos e cheios de sabedoria. Isso é em benefício da Alma. Pode chamar a isso de ilusão, se quiser, mas a ilusão é necessária para a felicidade assim como muitas vezes ocorre na vida. E como é a mente que produz a ilusão, não é uma trapaça. Certamente a ideia de um paraíso construído à margem do inferno onde você deve saber, se é que algum cérebro ou memória lhe restar sob o esquema ortodoxo moderno, que seus amigos e parentes falíveis estão sofrendo a tortura eterna, não encontrará comparação com a doutrina de *Devachan*. Mas as entidades em *Devachan* não estão totalmente destituídos de poder para ajudar aqueles que ficaram na Terra. O amor, o mestre da vida, quando é verdadeiro, puro e profundo, algumas vezes fará com que o bem-aventurado Ego que está em *Devachan* influencie, para o bem deles, os que foram deixados na Terra, não apenas no campo moral, mas também no da circunstância material. Isso é possível sob uma lei do Universo oculto, que não poderá ser proveitosamente explicada agora, mas o fato pode ser afirmado. Isto foi trazido a nós anteriormente por H.P. Blavatsky, sem que, no entanto, muita atenção tenha sido chamada para o assunto.

A última questão a considerar é se nós daqui podemos alcançar aqueles no *Devachan*, ou se eles vêm aqui. Nós não podemos alcançá-los ou influenciá-los a não ser que sejamos Adeptos. A pretensão dos médiuns de que eles mantém comunicação com os espíritos dos mortos é sem base, e ainda menos

(*) *Carta do Mahatma K. H. Vide Path, p. 192, Vol. 5*

válida é a suposta capacidade de ajudar aqueles que foram para *Devachan*. *O Mahatma*, um ser que desenvolveu todos os seus poderes e que está liberto de ilusões, pode entrar no estado devachânico e comunicar-se então com os Egos lá. Essa é uma de suas funções e é a única escola dos Apóstolos que existe depois da morte. Eles lidam com certas entidades no *Devachan* com o propósito de tirá-las daquele estado para que retornem à Terra em benefício da Raça. Os egos com os quais eles assim lidam são aqueles cuja natureza é elevada e profunda, mas que ainda não são sábios o suficiente para serem capazes de superar as ilusões naturais de *Devachan*. Às vezes também, o médium puro e com hipersensibilidade entra neste estado e então se comunica com os Egos, mas isso é raro e, certamente, não ocorrerá com a maioria dos médiuns que trabalha por dinheiro. Mas a Alma nunca desce aqui até o médium. E o abismo entre a consciência em *Devachan* e a consciência na Terra é tão profundo e amplo que, ao retornar, raramente o médium consegue se lembrar e relatar aqui, o que viu ou quem ele encontrou ou escutou em *Devachan*. Esse abismo é similar ao que separa o *Devachan* do renascimento; é um abismo no qual toda memória do que antecedeu é apagado.

Quando tiver concluído todo o período atribuído pelas forças da Alma no *Devachan*, os fios magnéticos que a ligam à Terra começam a fazer valer seus direitos. O self acorda do sonho, é conduzido rapidamente para um novo corpo e então, logo antes do nascimento, ele vê por um instante todas as causas que o levaram para o *Devachan* e de volta à vida que está prestes a iniciar, e sabendo que tudo é justo por ser efeito da sua vida passada, ele não se lamenta, mas retoma a cruz – e uma outra Alma retorna à Terra.

CAPÍTULO XIV

OS CICLOS

A doutrina dos ciclos é uma das mais importantes de todo o sistema teosófico, embora a menos conhecida e, de todas, a que com menor frequência se alude. Os investigadores ocidentais têm suspeitado por alguns séculos que os eventos ocorrem em ciclos, e uns poucos escritores no campo da literatura europeia têm tratado do assunto, mas todos de modo muito incompleto. Essa insuficiência e falta de conhecimento preciso se devem à falta de crença nas coisas espirituais e ao desejo de enquadrar tudo à ciência materialista. Também não pretendo fornecer a lei dos ciclos na íntegra, pois é uma lei que não é tornada pública em detalhes pelos Mestres de Sabedoria. Mas já foi divulgado o suficiente e há muito tempo esse suficiente era conhecido pelos Antigos para acrescentar consideravelmente ao nosso conhecimento.

Um ciclo é um círculo ou uma volta, conforme a etimologia da palavra indica. As palavras correspondentes em sânscrito são *Yuga*, *Kalpa* e *Manvântara*, mas destas, *Yuga* é a que mais se aproxima de “ciclo” por ter menor duração que as outras. O começo de um ciclo deve ser um momento que, adicionado a outros momentos, completa um dia e este somado a outros constituem meses, anos, décadas e séculos. O Ocidente dificilmente vai além disso. Ele reconhece o ciclo da Lua e o grande ciclo sideral, mas olha para ambos e para outros ciclos como meros períodos de tempo. Se formos considerá-los apenas como períodos de tempo, eles não têm utilidade, exceto para o estudante sequioso ou para o astrônomo. E é assim que eles são considerados hoje pelos pensadores europeus e norte-americanos, que reconhecem a existência dos ciclos, mas que eles não têm muita influência sobre a vida humana e certamente nenhuma influência sobre a efetiva recorrência de acontecimentos ou sobre o reaparecimento no

palco da vida de pessoas que já viveram no mundo. A teoria teosófica é claramente o contrário, como deve ser, ao levar avante a doutrina da reencarnação, à qual bastante atenção foi dada nas páginas anteriores. Os ciclos mencionados não são somente fatos físicos em relação ao tempo, mas eles e outros períodos têm um efeito muito grande sobre a vida humana e a evolução do globo com todas as formas de vida existentes nele. Começando com o momento e prosseguindo ao longo de um dia, essa teoria transforma o ciclo em um círculo abrangente, que inclui tudo o que está dentro dos seus limites. Sendo o momento a base, a questão a ser resolvida em relação aos grandes ciclos é: quando ocorreu o primeiro momento? Isso não pode ser respondido, mas pode-se dizer que a verdade sustentada pelos antigos teosofistas é de que, nos primeiros momentos da solidificação desse globo, a massa de matéria envolvida no processo atingiu uma certa e definida taxa de vibração, que se manterá através de todas as mudanças em qualquer parte dele, até que chegue a hora da sua dissolução. São essas taxas de vibração que determinam os diferentes ciclos e, contrariamente às ideias da ciência ocidental, a doutrina diz que o Sistema Solar e o globo em que estamos chegarão ao fim quando a força por trás de toda a massa de matéria visível e invisível tiver alcançado seu limite de duração, de acordo com a lei cíclica. Aqui, novamente, a nossa doutrina é diferente tanto da visão religiosa quanto da visão científica. Não admitimos que a cessação da força seja a retirada da sua proteção por algum Deus, nem a repentina propulsão por Ele de uma outra força contra o globo, mas que a força em vigor e determinante do grande ciclo é a força do próprio homem, visto como um ser espiritual; quando ele acabar de usar esse globo, ele o deixará, e então, junto com ele, sairá a força que mantém tudo junto; a consequência é a dissolução pelo fogo, pela água ou o que quer que seja, sendo esses fenômenos simplesmente efeitos e não causas. As especulações científicas convencionais sobre este tópico são de que a Terra pode “cair” no Sol, ou que um cometa denso possa destruir o globo, ou que

possamos colidir com um planeta maior, conhecido ou não. No presente, essas fantasias são ocas.

Sendo a reencarnação a grande Lei da vida e do progresso, ela está entrelaçada com a dos ciclos e com a do Carma. Estas três leis trabalham juntas e, na prática, é quase impossível desenredar a reencarnação da lei dos ciclos. Indivíduos e nações retornam à Terra em fluxos definidos e em períodos recorrentes e, assim, trazem de volta ao globo as artes, a civilização e os mesmos indivíduos que um dia nele estiveram trabalhando. E como as pessoas nas nações e nas raças estão conectadas entre si por fortes fios invisíveis, grandes massas dessas pessoas movendo-se devagar mas sempre juntas, reunificam-se em épocas diferentes e emergem repetidamente em uma nova raça e em uma nova civilização, à medida que os ciclos executam as suas rondas designadas. Dessa forma, as Almas que formaram as mais antigas civilizações retornarão e trarão com elas a antiga civilização, em conceito e em essência, o que, somado ao que outros fizeram pelo desenvolvimento da raça humana em matéria de caráter e de conhecimento, produzirá um novo e mais elevado estado de civilização. Este mais novo e melhor desenvolvimento não será devido a livros, registros, artes ou tecnologias porque todos são periodicamente destruídos no que tange às evidências físicas, mas a Alma, sempre retendo em *Manas* o conhecimento que outrora obteve e sempre impulsionando os princípios e os poderes superiores para um desenvolvimento mais completo, a essência do progresso subsiste e reaparecerá tão certamente quanto o brilho do Sol. E ao longo deste caminho estão os pontos em que os ciclos grandes e pequenos de Avatares trazem, em benefício do ser humano, os grandes personagens que moldam a Raça humana de tempos em tempos.

O Ciclo dos Avatares inclui vários ciclos menores. Os maiores são os assinalados pelo aparecimento de Rama e Krishna entre os hindus, de Menes entre os egípcios, de Zoroastro entre os persas, e de Buda entre os hindus e outras nações orientais. Buda é o último dos grandes Avatares e está em um ciclo maior do que o de Jesus dos judeus, pois

os ensinamentos deste são os mesmos que os de Buda e estão tingidos pelo que Buda havia ensinado àqueles que instruíram Jesus. Um outro grande Avatar ainda está por vir, correspondendo a uma combinação de Buda e de Krishna. Krishna e Rama eram da ordem militar, civil, religiosa e oculta; Buda da ordem ética, religiosa e mística, no qual foi seguido por Jesus; Maomé foi um intermediário menor para uma certa parte da Raça, e era civil, militar e religioso. Nestes ciclos, podemos incluir diversas personagens que tiveram grande influência sobre as nações, como o rei Artur, Faraó, Moisés, Carlos Magno reencarnado como Napoleão Bonaparte, Clóvis da França renascido como o imperador Frederico III da Alemanha, e Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos da América do Norte, onde a raiz da nova Raça está sendo formada.

Na intercessão de grandes ciclos, ocorrem efeitos dinâmicos que alteram a superfície do planeta, devido à inversão dos polos do globo ou outra convulsão. Esta não é uma teoria geralmente aceita, mas nós sustentamos que é verdadeira. O ser humano é um grande dínamo produzindo, armazenando e irradiando energia e, quando massas de homens que compõem uma raça produzem e distribuem energia desta forma, há um efeito dinâmico resultante sobre a matéria do globo que será poderoso o suficiente para ser nítido e cataclísmico. Que houveram amplas e terríveis perturbações nos estratos do planeta é amplamente admitido e agora não exige comprovação; no tocante à geologia, elas foram ocasionadas por terremotos e formação de gelo; mas, com respeito às formas animais, a lei cíclica afirma que certas formas animais agora extintas, e também algumas formas humanas ainda desconhecidas mas presumidas, retornarão novamente no seu próprio ciclo; e certos idiomas humanos, agora considerados mortas, estarão mais uma vez em uso na sua devida hora cíclica.

“O ciclo Metônico é o ciclo da Lua. É um período de aproximadamente dezenove anos que, quando completado,

as luas novas e cheias voltam a cair nos mesmos dias do mês.”.

“O ciclo do Sol é um período de vinte e oito anos que, quando transcorrido, as letras Dominicais ou “do domingo”, retornam ao seu lugar prévio e prosseguem na ordem anterior, de acordo com o calendário Juliano”.

O grande ano sideral é o período que os pontos equinociais levam para fazer, em sua precessão, uma rotação completa nos céus. É formado por quase 25.868 anos. Afirma-se que o último ano sideral terminou cerca de 9.868 anos atrás, época na qual deve ter tido nesta Terra uma violenta convulsão, ou uma série delas, assim como divisões de nações. O término desse grande período coloca a Terra em locais mais novos do Cosmos, não com respeito à sua própria órbita, mas em razão da progressão do Sol em uma órbita própria que não pode ser medida por nenhum observador da atualidade, mas que alguns suspeitam que esteja localizada em uma das constelações.

O homem é sobretudo afetado pelos ciclos espirituais, psíquicos e morais e, desses ciclos, brotam os ciclos nacionais, raciais e individuais. Os ciclos raciais e nacionais são ambos históricos. Os ciclos individuais são os da reencarnação, da sensação e das impressões. A duração do ciclo individual de reencarnação para a massa geral dos homens é de mil e quinhentos anos, e isto, por sua vez, nos fornece um grande ciclo histórico intimamente ligado ao progresso da civilização. Porque à medida que as massas de indivíduos retornam do *Devachan*, é de se concluir que as eras romana, grega, a antiga era ariana e outras serão reaparecerão novamente e que elas podem, em grande parte, ser rastreadas. Mas o ser humano também é afetado por ciclos astronômicos porque ele é uma parte integral do todo, e estes ciclos marcam os períodos em que a humanidade, como um todo, sofrerá uma mudança. Nos livros sagrados de todas as nações estes são frequentemente mencionados, e encontram-se na Bíblia dos cristãos, como, por exemplo, na estória de Jonas no ventre da baleia. Isto

é um absurdo quando lido como uma história, mas não quando lido como um ciclo astronômico. “Jonas” está nas constelações e quando aquele ponto astronômico que representa o homem alcança o ponto no Zodíaco que está diretamente oposto ao ventre de Cetus, ou Baleia, do outro lado do círculo, por aquilo que é conhecido como processo de oposição, então diz-se que Jonas está no centro do peixe e é “expelido” no término do período, quando aquele ponto-homem tiver percorrido tanto no Zodíaco a ponto de estar fora da oposição com a Baleia. Similarmente, à medida que o mesmo ponto se move pelo Zodíaco, ele é trazido em oposição às diferentes constelações que são exatamente opostas, século após século enquanto ele se move adiante. Durante esses progressos, ocorrem mudanças entre os homens e sobre a Terra, que são exatamente assinaladas pelas constelações quando estas são interpretadas de acordo com as regras corretas da simbologia. Não se alega que a conjunção acarreta o efeito mas que, eras atrás, os Mestres de Sabedoria resolveram todos os problemas com relação ao ser humano e encontraram nos céus os meios de saber as datas exatas em que eventos hão de repetir-se com certeza e, então, ao imprimir nas mentes de antigas nações a simbologia do Zodíaco, foram capazes de preservar o registro e a profecia. Assim, da mesma maneira que um relojoeiro pode dizer a hora pela chegada dos ponteiros ou dos mecanismos do relógio em certos pontos determinados, os Sábios podem igualmente dizer a hora dos eventos por meio do relógio zodiacal. É claro que não se acredita nisso hoje, mas será bem compreendido em séculos futuros, e como todas as nações da Terra possuem em geral símbolos similares para o Zodíaco, e como também os registros de raças há muito extintas possuem o mesmo, não é provável que o espírito de vandalismo ocidental do século dezenove seja capaz de apagar essa valiosa herança de nossa evolução. No Egito, o Zodíaco de Dendera conta a mesma lenda àquela que nos foi deixada pela antiga civilização do continente americano; e todas elas procederam da mesma fonte, elas são a obra dos Sábios que chegam no início

do grande ciclo humano e dão à humanidade, quando ela inicia sua penosa trajetória ascendente no caminho do desenvolvimento, aqueles grandes símbolos e ideias de caráter astronômico que irão durar por todos os ciclos.

No que tange aos grandes cataclismos que ocorrem no início e no fim dos grandes ciclos, as principais leis que governam os efeitos são a do Carma e a da re-corporificação ou reencarnação, que procedem nos termos da lei cíclica. Não é somente o ser humano que é regido por essas leis, mas cada átomo de matéria também, e a massa de matéria está constantemente sofrendo mudanças ao mesmo tempo que o ser humano. Ela deve, portanto, exibir alterações correspondentes àquelas pelas quais o pensador está passando. No plano físico, os efeitos são realçados pelos fluidos elétricos e outros que agem com os gases sobre as substâncias sólidas do globo. Na mudança de um grande ciclo, eles alcançam o que poderia ser denominado de ponto de explosão e causam convulsões violentas das seguintes categorias: (a) Terremotos; (b) Inundações; (c) Fogo; (d) Gelo.

De acordo com esta filosofia, os terremotos podem ser ocasionados por duas causas gerais: *primeiro*, por afundamento ou elevação sob a crosta terrestre, devido a calor e vapor; *segundo*, por mudanças elétricas ou magnéticas que afetam a água e a terra ao mesmo tempo. Estas últimas têm o poder de tornar a terra instantaneamente fluída, sem a liquefazer, causando assim deslocamentos imensos e violentos, em ondas grandes ou pequenas. E atualmente, esse efeito é percebido às vezes em áreas de terremoto, quando causas elétricas similares estão atuando em escala menor.

As inundações de ampla extensão são causadas pelo deslocamento de águas devido ao afundamento ou elevação de terras, e por aquelas em combinação com mudanças elétricas, o que induz uma copiosa descarga de umidade. Essa última não é o mero esvaziamento de uma nuvem, mas a súbita transformação em água de vastas massas de fluidos e sólidos em água.

Os incêndios de ampla extensão vêm de mudanças elétricas e magnéticas na atmosfera através das quais a umidade é

retirada do ar e esta se torna uma massa abrasadora; e, em segundo lugar, pela repentina expansão do centro magnético solar em sete centros similares, incendiando assim o globo.

Os cataclismos pelo gelo não se originam unicamente da súbita alteração dos polos, mas também de quedas de temperatura devido às alterações das correntes fluidas quentes no mar e das correntes magnéticas quentes na Terra, sendo as primeiras conhecidas da ciência, e as últimas, não. O estrato inferior da umidade é subitamente congelado e vastas extensões de terra são cobertas com vários metros de gelo numa noite. Isso pode facilmente acontecer com as Ilhas Britânicas, se as correntes quentes do oceano forem desviadas da sua costa.

Tanto os egípcios como os gregos tiveram os seus ciclos mas, em nossa opinião, provenientes dos sábios indianos. Os chineses sempre foram uma nação de astrônomos e registraram observações que remontam a um passado muito antes da era cristã, mas como eles pertencem a uma raça antiga que está condenada à extinção - por mais estranha que esta afirmação possa parecer – suas conclusões não são corretas relativamente às nações arianas. Com o advento da era cristã, uma pesada mortalha de escuridão caiu sobre as mentes dos homens no Ocidente, e a Índia permaneceu, por muitos séculos, isolada, de modo a preservar estas grandes ideias durante a noite mental da Europa. Este isolamento foi deliberadamente ocasionado como uma necessária precaução tomada pela Grande Loja sobre a qual falei no Capítulo I, porque seus Adeptos, conhecendo perfeitamente as leis cíclicas, desejaram preservar a filosofia para as futuras gerações. Como seria meramente pedante e especulativo discutir os desconhecidos Saros e Naros e outros ciclos dos egípcios, mencionarei os ciclos bramânicos, já que eles correspondem quase exatamente aos períodos corretos.

A um período ou exibição de manifestação universal se denomina *Brahmanda*, que é uma vida completa de *Brahma*, e a vida de *Brahma* é formada por seus dias e anos os quais, sendo cósmicos, têm cada um, uma duração imensa.

O dia de *Brahma* é como o do homem, de 24 horas, o seu ano de pouco mais de 360 dias e o número dos seus anos é 100.

Agora, consideremos esse globo – uma vez que não estamos concernidos com algum outro - seu governo e sua evolução prosseguem sob um *Manu*, ou *Homem*, e desta palavra deriva o termo *Manvântara*, ou "entre dois *Manus*". O curso da evolução está dividido em quatro *Yugas* para cada Raça, em seu próprio tempo e modo. Essas *Yugas* não afetam toda a humanidade a um mesmo tempo, porque algumas raças estão em um dos *Yugas* enquanto outras estão em um ciclo diferente. O índio de pele vermelha, por exemplo, está no fim da sua idade da pedra, enquanto os arianos estão em uma situação bastante diferente. Essas quatro *Yugas* são: *Krita*, ou *Satya*, a de ouro; *Treta*; *Dvapara* e *Kali* ou era negra. A era atual para o Ocidente e a Índia é *Kali Yuga*, especialmente com respeito ao desenvolvimento moral e espiritual. O primeiro *Yuga* é lento em comparação com o restante e o atual – *Kali* – é muito rápido, sendo seu impulso acelerado, exatamente como certos períodos astronômicos conhecidos hoje em relação à Lua, mas não totalmente entendidos.

QUADRO RESUMO

	Anos dos mortais
365 dias dos mortais perfazem	1
Krita Yuga tem	1.728.000
Treta Yuga tem	1.296.000
Dvapara tem	864.000
Kali Yuga tem	432.000
Maha Yuga (os 4 anteriores) tem	4.320.000
71 *Maha Yugas* formam o reino de 1 *Manu*	306.720.000
14 *Manus* são	4.294.080.000
Adicione os alvoreceres e crepúsculos de cada *Manu*	25.920.000
Estes reinos e crepúsculos perfazem 1000 *Maha Yugas*, um *Kalpa* ou Dia de *Brahma*	4.320.000.000
Uma noite de *Brahma* dura igual, e seu Dia e Noite somam	8.640.000.000
360 desses Dias perfazem um ano de *Brahma*	3.110.400.000.000
100 destes Dias perfazem uma vida de *Brahma*	311.040.000.000.000

Os primeiros 5000 anos de *Kali Yuga* terminarão entre os anos de 1897 e 1898. Este *Yuga* começou cerca de 3102 anos antes da era cristã, quando da

morte de Krishna. Como 1897-1898 não estão muito distantes, os cientistas de hoje terão uma oportunidade de verificar se o fim do ciclo de cinco mil anos será precedido ou seguido por quaisquer convulsões ou grandes mudanças políticas, científicas ou físicas, ou todas elas combinadas. Mudanças cíclicas estão agora prosseguindo, à medida que, ano após ano, as Almas de civilizações anteriores estão encarnando nesse período em que a liberdade de pensamento e de ação não estão tão restringidas no Ocidente como já o foram no passado, devido ao preconceito e à intolerância dogmáticos religiosos. E estamos atualmente num ciclo de transição em que, conforme se espera que um período de transição indique, tudo na filosofia, na religião e na sociedade está mudando. Em um período de transição, a totalidade e integralidade dos números e das regras com relação aos ciclos não são divulgadas para uma geração que coloca o dinheiro acima de todas as coisas e zomba da visão espiritual do ser humano e da Natureza.

CAPÍTULO XV

A DIFERENCIAÇÃO DAS ESPÉCIES - OS ELOS PERDIDOS

Entre a ciência e a Teosofia há um grande abismo, por ora não transposto, na questão da origem do homem e da diferenciação das espécies. Os instrutores religiosos no Ocidente oferecem uma teoria sobre este assunto, amparada dogmaticamente em uma presumida revelação, tão insustentável quanto aquela apresentada pelos homens da ciência. E, ainda assim, os expositores religiosos estão mais próximos da verdade que a ciência. Sob a superstição religiosa acerca de Adão e Eva esconda-se a verdade, e nos relatos de Caim, Set e Noé, a verdadeira história das outras Raças humanas está vagamente esboçado, sendo Adão tão somente o representante de uma só raça. O povo que recebeu Caim e lhe deu uma esposa era alguma dessas raças humanas que apareceram simultaneamente com a raça encabeçada por Adão.

A origem primária ou surgimento do homem não pode ser revelado, embora possamos saber quando e de onde vieram os homens deste globo. O ser humano nunca deixou de existir. Se não neste globo, então em algum outro, ele sempre existiu e sempre existirá em algum lugar do Cosmos. Permanentemente se aperfeiçoando e procurando alcançar a imagem do Homem Celestial, ele está sempre [no processo de] vir a ser. Mas, como a mente humana não pode voltar para começo algum, iniciaremos com este globo. Sobre esta Terra e sobre a inteira cadeia de globos da qual a Terra faz parte, sete raças de seres humanos apareceram simultaneamente, vindas de outros globos de uma cadeia planetária mais antiga. No que diz respeito a esta Terra – a quarta desta cadeia – essas sete Raças vieram simultaneamente de um outro globo dessa cadeia. Esse aparecimento de sete raças juntamente ocorre na primeira ronda e em parte na segunda ronda dos globos. Na segunda ronda, os sete

grupos de seres são amalgamados, e seu destino depois disso é o de diferenciar-se lentamente ao longo das sucessivas rondas até que, na sétima ronda, as sete primeiras grandes raças serão novamente diferenciadas como tipos tão perfeitos da Raça humana quanto este período de evolução o permitir. No momento atual, as sete raças estão misturadas, e os representantes de todas elas fazem parte das assim chamadas raças humanas conforme classificado por nossa atual ciência. O objetivo dessa amalgamação e subsequente diferenciação é dar a cada raça o benefício do progresso e do poder do todo, a partir do progresso anteriormente obtido em outros planetas e sistemas. Porque a Natureza nunca faz seu trabalho de modo apressado ou desmedido, mas, através do método infalível da mistura, precipitação e separação, alcança a máxima perfeição. E este método era conhecido dos alquimistas, embora não totalmente compreendido em todas as suas implicações, nem mesmo por eles mesmos.

Portanto, o ser humano não nasceu de um único casal. Nem se originou de qualquer tribo ou família de macacos. É inútil recorrer seja à religião ou à ciência por uma solução para esta questão porque a ciência está desnorteada conforme ela própria admite, e a religião está enredada com uma revelação que, segundo seus livros, contradiz a teoria apresentada pelo sacerdote. Adão é chamado de primeiro homem, mas o registro no qual a história é encontrada mostra que outras raças humanas devem ter existido na Terra antes que Caim pudesse ter fundado uma cidade. A Bíblia, então, não corrobora com a teoria do casal único. Se tomarmos uma das hipóteses da ciência e admitirmos, por ora, que o homem e o macaco se diferenciaram de um ancestral comum, temos então que decidir de onde veio o primeiro ancestral. O primeiro postulado da Loja sobre este assunto é que sete raças humanas apareceram simultaneamente na Terra, e a primeira premissa contrária é que o ser humano não surgiu de um único casal nem surgiu do reino animal.

As variedades de personalidade e de capacidade que aparecem posteriormente na história humana são consequências das variações que foram suscitadas nos Egos em

outros longos e muito anteriores períodos de evolução, em outras cadeias de globos. Essas variações foram tão profundamente impressas a ponto de se tornaram equivalentes a características inerentes. Para as raças deste globo, o período anterior de evolução transcorreu na cadeia de globos da qual a nossa Lua é a representante visível.

O assunto controverso dos macacos antropoides serem aparentados com o ser humano é resolvido pelos Mestres de Sabedoria que dizem que, ao contrário deles serem nossos progenitores, eles foram criados pelo próprio ser humano. Em um dos períodos iniciais do globo, os homens daquela época geraram os antropoides das grandes fêmeas do reino animal, e um certo número de egos destinados a, um dia, serem humanos, foram colhidos em corpos antropoides. O remanescente dos descendentes do verdadeiro antropoide são aqueles filhos ilegítimos do homem, que perecerão gradualmente e os seus egos encarnarão em corpos humanos. Esses corpos, metade macaco e metade homem não poderiam ser animados por Egos estritamente animais e, por isso, são conhecidos em "*A Doutrina Secreta"* como a "Raça Postergada", a única não incluída na ordem da Natureza, ordem pela qual Egos dos reinos inferiores não serão admitidos no reino humano antes do próximo *Manvantara*. Para todos os reinos inferiores ao homem, com exceção dos antropoides, a porta para a entrada na fase humana está agora fechada, e todos os Egos nas formas inferiores devem esperar por sua vez no próximo grande ciclo. E como os Egos "postergados" da família antropoide emergirão na fase humano mais tarde, eles serão, dessa forma, recompensados pela longa espera naquela raça degradada. Todos os demais macacos são produto dos habituais modos do processo evolutivo.

Sobre este assunto, o melhor que posso fazer é citar as palavras de um dos Mestres de Sabedoria, ao fornecer a antropologia esotérica de "*A Doutrina Secreta"*:

> *"A semelhança anatômica entre o homem e o macaco superior, tão frequentemente citada pelos darwinistas como evidenciando um antigo ancestral comum a ambos, oferece um interessante problema cuja apropriada solução é para ser buscada no esclarecimento esotérico das linhagens pitecoides.*

> *Até onde foi útil nós o fornecemos, ao afirmar que a animalidade das primitivas raças destituídas de mente resultou na geração de imensos monstros humanoides – frutos de pais humanos e animais. À medida que o tempo passou e as formas ainda semi-astrais se consolidaram nas formas físicas, os descendentes dessas criaturas foram modificados por condições externas até que a espécie, encolhendo em tamanho, culminou nos macacos menores do período Mioceno. Com estes, os atlantes posteriores reiteraram o pecado dos "Sem Mente" - desta vez com total responsabilidade. As resultantes do seu crime foram as espécies agora conhecidas como os antropoides ...". Recordemos o ensinamento esotérico que nos conta do homem ter tido, na terceira Ronda, uma gigantesca forma simiesca no plano astral. E, de maneira semelhante, no término da terceira Raça nesta Ronda. Então, isso explica as características humanas dos macacos, particularmente dos antropoides mais recentes – além do fato de que estes preservaram por hereditariedade uma semelhança com seus progenitores atlanto-lemurianos."*

Os mesmos instrutores afirmam ainda que as espécies mamíferas foram produzidas na quarta Ronda, posteriormente ao surgimento das espécies humanas. Por este motivo, não havia nenhuma barreira contra a fertilidade porque os tipos-raiz daqueles mamíferos não estavam suficientemente distantes para erguer a barreira natural. A união antinatural na terceira Raça, quando a luz de *Manas* ainda não tinha sido dada ao ser humano, não foi um crime contra a Natureza, já que, sem a presença da mente a não ser em forma muito germinal, nenhuma responsabilidade poderia ser atribuída. Mas na quarta Ronda, com a luz de *Manas* presente, a repetição do ato pela nova Raça foi um crime, porque foi feita com pleno conhecimento das consequências e contra o alerta da consciência. O efeito cármico disso, que inclui, de fato, todas as raças, ainda há de ser integralmente sentido e compreendido num futuro muito distante.

Assim como o ser humano veio a este globo proveniente de um outro planeta embora, é claro, fosse naquela ocasião um ser de grande poder antes de ficar completamente enredado na matéria, os reinos inferiores vieram de forma semelhante de outros planetas, em germe e em tipo, e continuam sua evolução ascendente, passo a passo, por meio da ajuda do ser humano, o qual está, em todos os períodos de manifestação, à frente da onda da Vida. Os Egos nesses reinos inferiores não puderam terminar

sua evolução na anterior cadeia de globos, previamente à sua dissolução e, ao chegar a este globo, eles prosseguem, era após era, aproximando-se gradualmente do estágio humano. Um dia, eles também se tornarão homens e agirão como vanguarda e guia para outros reinos inferiores neste noutros globos. E na vinda do planeta anterior, sempre são trazidos junto com a primeira e mais elevada classe de seres, algumas formas de vida animal, algumas frutas e outros produtos como modelos ou protótipos para uso aqui. Não será proveitoso tratar em detalhes sobre isso aqui por ser demasiadamente adiantado para [o entendimento de] a época atual, que apenas despertaria o ridículo de alguns e a estupidez de outros. Mas como as formas gerais dos vários reinos foram trazidas deste modo, temos de considerar a seguir como a diferenciação das espécies animais e das demais espécies inferiores começou e foi levada adiante.

Este é o ponto em que o auxílio inteligente e a interferência de uma mente ou de um grupo de mentes são absolutamente necessários. Tal auxílio e interferência foram e são um fato, pois sem ajuda, a Natureza não consegue fazer o trabalho corretamente. Mas eu não quero dizer que Deus ou anjos interfiram e ajudem. É o homem que faz isso. Não o homem atual, fraco e ignorante como ele está, mas grandes Almas, homens elevados e santos de imenso poder, conhecimento e sabedoria. Exatamente o que todo ser humano agora saberia em que ele poderia se tornar se, por um lado, a religião, e por outro, a ciência, não tivessem pintado tal quadro de nossa fraqueza, maldade inerente e origem puramente material que praticamente todos os homens pensam ser fantoches de Deus ou de um destino cruel sem esperança, ou permaneçam com um objetivo egoísta e degradante em vista, tanto aqui como depois. Vários nomes foram dados a esses Seres, agora afastados do nosso plano. Eles são os *Dhyanis*, os Criadores, os Guias, os Grandes Espíritos, e assim por diante, com muitos outros títulos. Na literatura teosófica eles são chamados de *Dhyanis*.

Através de métodos conhecidos por eles mesmos e pela Grande Loja, eles trabalham sobre as formas assim trazidas e, ao adicionar aqui, tirar ali e alterando frequentemente,

eles gradualmente transformam, com tais alterações e adições, os reinos da Natureza, assim como o corpo humano denso em gradual formação. Esse processo é principalmente levado adiante no período puramente astral que precede o estágio físico denso, já que os impulsos assim dados, certamente se estenderão adiante em períodos sucessivos. Quando o ponto médio da evolução é alcançado, as espécies emergem no estágio atual, sem mostrar qualquer conexão nem aos olhos do homem nem de nossos instrumentos. As investigações atuais rastrearam certas espécies até certo ponto onde, como é admitido, não é conhecido de qual raiz elas retrocedem. Tomando os bois por um lado e os cavalos por outro, verificamos que ambos têm cascos, mas um tem o casco fendido e o outro apenas um dedo. Quando alcançamos o ancestral mais antigo de cada um, eles nos trazem ao ponto médio, e ali a ciência tem que parar. Nesse ponto, a sabedoria dos Mestres vem para mostrar que, por trás disso, está a região astral da antiga evolução, onde estavam os tipos-raiz sobre os quais os Dhyanis iniciaram a evolução, por alteração e adição, o que resultou na diferenciação posterior, neste plano grosseiro, dentro de várias famílias, espécies e gêneros.

Um extenso período, cerca de 300.000.000 de anos, transcorreu para a Terra, o ser humano e todos os reinos da Natureza em um estágio astral. Não havia, então, matéria densa como a conhecemos agora. Isso aconteceu nas primeiras Rondas, quando a Natureza estava prosseguindo vagarosamente com o seu trabalho de aperfeiçoar os tipos no plano astral, o qual é matéria, embora muito tênue em sua textura. No final desse período de anos, começou o processo de solidificação, sendo a forma do homem a primeira a se tornar sólida, e depois alguns dos protótipos astrais das rondas precedentes foram incluídos na solidificação, apesar de pertencerem, de fato, a um período anterior quando tudo era astral. Quando esses fósseis são descobertos, argumenta-se que devem ser os daquelas criaturas que coexistiram com o corpo físico denso do ser humano.

Embora aquela argumentação seja suficientemente adequada à luz das outras teorias da ciência, ela se torna apenas uma suposição caso a existência do período astral seja admitida. Entrar em detalhes adicionais estaria além do âmbito dessa obra. Mas, pode se dizer de passagem, que nem a abelha e nem o trigo poderiam ter tido suas diferenciações iniciais nessa cadeia de globos, mas que devem ter sido produzidos e finalizados em alguma outra cadeia, da qual foram trazidos para esta. Por que razão isso deveria ser assim é algo que, por enquanto, prefiro deixar para conjecturar.

Em relação a toda a teoria, pode-se contestar que a ciência não foi capaz de encontrar os elos perdidos entre os tipos-raiz do período astral e os fósseis atuais ou as espécies vivas. No ano de 1893, em Moscou, o professor Virchow disse numa palestra que o elo perdido estava tão distante como sempre, que continuava sendo um sonho, e que não havia nenhuma evidência real demonstrando que o homem descende dos animais. Isto é bem verdade, e nenhum tipo de elo perdido será descoberto pela ciência com os métodos atuais. Porque todos eles existem no plano astral e, por isso, são invisíveis ao olho físico. Eles só podem ser vistos pelos sentidos astrais internos, os quais devem primeiro ser treinados para realizar seu trabalho adequadamente e, até que a ciência admita a existência dos sentidos astrais e internos, ela nunca tentará desenvolvê-los. A ciência, portanto, sempre permanecerá sem os instrumentos para descobrir os elos astrais deixados no plano astral no longo curso da diferenciação. Os fósseis referidos acima, que foram, por assim dizer, solidificados fora de hora, formam uma exceção à impossibilidade de encontrar quaisquer elos perdidos, mas são becos sem saída para a ciência, uma vez que ela não admite nenhum dos fatos necessários.

O motivo de toda essa diferenciação, amalgamação e separação é bem enunciado por outro dos Mestres, assim:

“A Natureza prefere conscientemente que a matéria seja indestrutível nas formas orgânicas do que em inorgânicas, e Ela trabalha devagar, mas incessantemente rumo à realização desse objetivo - a evolução da vida consciente a partir de matéria inerte[*]”.

[*] *Occult World* por A. P. Sinnett.)

CAPÍTULO XVI

LEIS PSÍQUICAS, FORÇAS E FENÔMENOS

O campo das forças psíquicas, seus fenômenos e sua dinâmica é vasto. Tais fenômenos são vistos e as forças evidenciadas diariamente em todos os países, porém, até há poucos anos, pouquíssima atenção lhes foi dada pelos homens da ciência, enquanto muito escárnio recaiu sobre aqueles que relatavam a ocorrência ou declaravam acreditar na natureza psíquica. Há cerca de quarenta anos, surgiu nos Estados Unidos um culto que muito erroneamente se denominou “espiritualismo”, mas tendo uma grande oportunidade, a negligenciou, enveredando para uma mera busca pelo milagroso, sem a menor sombra de uma filosofia. Realizou muito pouco em termos de progresso, exceto por um registro de muitos fatos não assimilados os quais, por quatro décadas, falharam em atrair a séria atenção das pessoas em geral. Apesar de ter tido suas utilidades e de incluir muitas mentes boas em suas fileiras, os grandes perigos e danos causados aos instrumentos humanos envolvidos e àqueles que os procuravam superam, em muito, o bem gerado na opinião daqueles discípulos da Loja que prefeririam ver o homem progredir de maneira equilibrada e sem fracassos ao longo do seu caminho evolutivo. Mas outros investigadores ocidentais das escolas reconhecidas não tiveram melhor desempenho, e o resultado é que não há uma psicologia ocidental digna desse nome.

Esta falta de um sistema adequado de psicologia é uma consequência natural do viés materialista da ciência e da influência paralisante da religião dogmática; a primeira ridicularizando os esforços e bloqueando o caminho, a outra proibindo a investigação. O ramo católico romano da Igreja cristã é, no entanto, uma exceção em alguns aspectos. Ele sempre admitiu a existência do mundo psíquico - pois este é o império de demônios e

de anjos, mas como os anjos se manifestam quando querem e os demônios devem ser evitados, ninguém é autorizado por aquela Igreja a se intrometer em tais assuntos a não ser um sacerdote autorizado. No que diz respeito àquela proibição da Igreja da perniciosa prática de necromancia, à qual se entregam os “espiritualistas”, ela estava certa, mas não nas suas outras proibições e restrições. Hoje, a verdadeira psicologia é um produto oriental. É bem verdade que o sistema era conhecido no Ocidente quando uma civilização muito antiga floresceu na América e em certas partes da Europa anteriormente à Era Cristã, mas, presentemente, a psicologia em seu aspecto autêntico pertence ao Oriente.

Existem forças, leis e poderes psíquicos? Se existem, então os fenômenos devem existir. E se tudo o que foi esboçado nos capítulos anteriores for verdadeiro, então os mesmos poderes e forças que podem ser encontrados em qualquer parte na Natureza existem no homem. Ele é considerado pelos Mestres de Sabedoria como o mais elevado resultado de todo o sistema evolutivo, e espelha em si mesmo cada poder da Natureza, por mais maravilhoso ou terrível que seja; pelo simples fato de ser o referido espelho, ele é um ser humano.

Isto tem sido reconhecido no Oriente por muito tempo, onde o autor presenciou demonstrações de tais poderes que abalariam as teorias de muitos homens da ciência ocidentais. E no Ocidente, os mesmos fenômenos foram repetidos para o autor, de modo que ele sabe por conhecimento próprio que todo homem de toda raça tem os mesmos poderes em potencial. Os autênticos fenômenos psíquicos – ou mágicos, como são frequentemente denominados – fenômenos produzidos pelos faquires ou iogues orientais, são todos realizados com o uso de forças e processos naturais ainda sequer sonhados pelo Ocidente. A levitação do corpo, em aparente desafio à lei da gravidade, é algo que pode ser feito com facilidade quando o processo é completamente dominado. Ela não infringe lei alguma. A gravitação é apenas metade da lei. O sábio oriental admite a gravidade, caso alguém queira adotar esse termo; mas o termo correto é atração, sendo que a outra metade da lei é expressa

pela palavra repulsão, e ambas sendo governadas pelas grandes leis da força elétrica. Peso e estabilidade dependem da polaridade, e quando a polaridade de um objeto é alterada em relação ao solo imediatamente abaixo dele, então o objeto pode ser suspenso. Mas como os objetos comuns são desprovidos da consciência existente no homem, eles não podem levitar sem outros auxílios. O corpo humano, no entanto, irá levitar no ar sem amparo, como um pássaro, quando sua polaridade é mudada dessa forma. Essa mudança é conscientemente ocasionada por um determinado sistema de respiração conhecido dos orientais; ela também pode ser induzida pela ajuda de certas forças naturais que serão mencionadas posteriormente, nos casos daqueles que, sem o conhecimento da lei, realizam o fenômeno, tais como os santos da Igreja Católica Romana.

Uma terceira grande lei que participa de muitos dos fenômenos do Oriente e do Ocidente é a da coesão. O poder da coesão é um poder diferenciado por si mesmo, e não uma consequência, como se supõe. Esta lei e sua ação devem ser conhecidas para que ocorra a produção de determinados fenômenos, como, por exemplo, o que o autor presenciou, a passagem de um anel sólido através do outro, ou de uma pedra através de uma parede maciça. Consequentemente, uma outra força é utilizada que só pode ser denominada de dispersão. A coesão é a força dominante, pois, no momento que a força dispersante é retirada, a força coesiva reestabelece as partículas nas suas posições originais.

Concluindo, o Adepto douto nestas grandes dinâmicas é capaz de dispersar os átomos de um objeto - sempre excetuando o corpo humano - a tal distância uns dos outros a ponto de tornar o objeto invisível e então, pode enviá-los, através de uma corrente formada no éter, a qualquer distância na Terra. No momento desejado, a força dispersante é removida, quando imediatamente a força coesiva se restabelece e o objeto reaparece intacto. Isso pode soar como ficção, mas sendo conhecido pela Loja e seus discípulos como um fato verídico, é igualmente certo que a ciência, cedo ou tarde, admitirá a proposição.

Mas a mente mundana, infestada pelo materialismo atual, questiona como todas estas manipulações são possíveis, visto que não se menciona quaisquer dispositivos. Os dispositivos estão no corpo e no cérebro do homem. Na visão da Loja, “o cérebro humano é um gerador inesgotável de força”, e um completo conhecimento das leis químicas e dinâmicas internas da Natureza, juntamente com uma mente disciplinada, proporcionam ao possuidor o poder de exercer as leis às quais me referi. Isto pertencerá ao homem no futuro, e seria sua hoje, não fosse pelo dogmatismo cego, o egoísmo a descrença materialista. Nem mesmo o cristão está à altura da afirmação muito verdadeira de seu Mestre de que, se alguém tivesse fé, poderia mover uma montanha. O conhecimento da Lei quando acrescentada à fé, confere poder sobre a matéria, a mente, o espaço e o tempo.

Usando os mesmos poderes, o Adepto treinado pode produzir diante dos olhos, concreto ao toque e em qualquer formato desejado, substância que não era visível anteriormente. Isso seria chamado de criação pelo povo, mas é tão somente a evolução bem diante de você. A matéria é mantida suspensa no ar ao nosso redor. Toda partícula de matéria, visível ou ainda não precipitada, passou por todas as formas possíveis, e o que o Adepto faz é selecionar qualquer forma desejada, existente, como todas, na Luz Astral, e então, pelo esforço da Vontade e da Imaginação, revestir a forma com a matéria por precipitação. O objeto assim criado se desvanecerá a não ser que se recorra a outros processos os quais não precisam ser descritos aqui, mas se esses processos forem usados, o objeto manter-se-á permanentemente. E caso se desejar tornar visível uma mensagem em papel ou em outra superfície qualquer, as mesmas leis e poderes são utilizados. A imagem nítida - fotográfica e altamente definida - de cada linha de cada carta ou figura é formada na mente, e então, é extraído do ar o pigmento a ser precipitado dentro dos limites estipulados pelo cérebro, “o inesgotável gerador de força e forma”. Todas essas coisas o autor já viu serem realizadas da maneira descrita,

e não por algum médium contratado ou irresponsável, e ele sabe do que fala.

Isto, então, leva naturalmente à premissa de que a Vontade humana é toda-poderosa e que a Imaginação é uma faculdade das mais úteis com uma força dinâmica. A Imaginação é o poder gerador de imagem da mente humana. Na pessoa humana comum e mediana, a imaginação não tem treinamento ou força suficiente para ser mais do que uma espécie de sonho, mas ela pode ser treinada. Quando treinada, ela é a Construtora na Oficina Humana. Quando chega a esse ponto, ela fabrica uma matriz na substância Astral, através da qual os efeitos fluirão objetivamente. Depois da Vontade, é o maior poder no conjunto humano de instrumentos complicados. A definição ocidental moderna da Imaginação é incompleta e longe da verdade. Ela é principalmente usada para designar concepções fantasiosas ou errôneas, e sempre denota o irreal. É impossível encontrar um termo tão bom quanto, porque um dos poderes da Imaginação treinada é o de elaborar uma imagem. A palavra deriva daqueles termos que significam a formação ou o reflexo de uma imagem. Esta faculdade usada ou, melhor, deixada para atuar, de uma forma descontrolada, não deu ao Ocidente outro conceito que não fosse aquele abrangido por “fantasia”. É aceitável até certo ponto, mas a imaginação pode ser levada a um patamar mais elevado o qual, quando atingido, a faz desenvolver, na substância astral, uma imagem ou forma efetiva que pode então ser usada da mesma maneira que um ferreiro usa um molde de areia para o ferro fundido. É, portanto, a aptidão-mor na medida em que a Vontade não pode fazer o seu trabalho se a Imaginação for de toda fraca ou destreinada. Por exemplo, se a pessoa que deseja precipitar do ar tremula minimamente, a imagem formada na substância astral, o pigmento, se precipitará no papel de forma correspondentemente trêmula e dispersa.

Para comunicar-se com outra mente a qualquer distância, o Adepto harmoniza todas as moléculas do cérebro e todos os pensamentos da mente de forma a vibrar em uníssono

com a mente a ser influenciada, e esta outra mente e outro cérebro deverão ou ser lançados voluntariamente no mesmo uníssono ou consenti-lo voluntariamente. Assim, mesmo que o Adepto esteja em Bombaim e seu amigo em Nova Iorque, a distância não é obstáculo, porque os sentidos internos não dependem do ouvido, mas podem sentir e ver os pensamentos e as imagens na mente da outra pessoa.

E quando se deseja examinar a mente e captar os pensamentos de alguém, e as imagens e cenas que o rodeiam de tudo que ele pensou e visualizou, a visão e a audição interna do Adepto são dirigidas para a mente a ser examinada, quando tudo se torna imediatamente perceptível. Mas, como dito anteriormente, apenas um canalha faria isso, e os Adeptos não o fazem a não ser em casos estritamente autorizados. O homem moderno não vê nenhum delito em investigar os segredos de outro homem por meio deste poder, mas os Adeptos dizem que é uma invasão dos direitos da outra pessoa. Ninguém tem o direito, mesmo que tenha o poder nas mãos, de entrar na mente de outro e de extrair seus segredos. Esta é a lei da Loja para todos os que almejam e, se alguém percebe que está prestes a descobrir os segredos de outra pessoa, ele deve imediatamente se retirar e não mais prosseguir. Se ele persistir, seu poder lhe é retirado, no caso de um discípulo; no caso de qualquer outra pessoa, ela deve sofrer as consequências desse tipo de roubo. Porque a Natureza tem as suas leis, e a sua força policial, e se cometemos crimes no mundo astral, a grande Lei e seus guardiões, os quais são impossíveis de subornar, executarão a pena, não importa quanto tempo tenhamos que esperemos, mesmo que seja por dez mil anos. Aqui está uma outra salvaguarda para a ética e a moral. Mas até que os homens reconheçam o sistema filosófico apresentado neste livro, eles não considerarão errado cometer crimes em áreas onde sua fraca lei humana não tem efeito mas, ao mesmo tempo, ao assim recusar a filosofia, eles adiarão o dia em que todos poderão ter estes importantes poderes para o uso de todos.

Entre os fenômenos dignos de nota estão aqueles que

consistem na movimentação de objetos sem contato físico. Isso pode ser realizado, e de mais de uma maneira. A primeira é extrudar do corpo físico a mão e o braço astral e com estes, agarrar o objeto a ser movido. Isso pode ser conseguido a uma distância de até três metros da pessoa. Não vou entrar em discussão sobre isto, apenas remeter-me às propriedades da substância e dos membros astrais. Isso serve, até certo ponto, para explicar vários dos fenômenos mediúnicos. Em quase todos os casos de tais aparições, o feito é conseguido ao se usar a mão astral invisível, porém material. O segundo método é usar os elementais, os quais já mencionei. Quando dirigidos pelo homem interno, eles têm o poder de carregar objetos ao mudar a polaridade, e então vemos, como no caso dos faquires na Índia e de alguns médiuns na América, pequenos objetos se movendo aparentemente sem sustentação. Estas entidades elementais são usadas quando são trazidas coisas de distâncias maiores do que a distância até onde os membros astrais podem ser alongados. Não constitui argumento contrário a isso o fato de que alguns médiuns não sabem que é assim que eles procedem. Eles raramente ou nunca sabem qualquer coisa sobre como eles realizam qualquer feito e a sua ignorância da lei não é prova da não existência da mesma. Aqueles estudantes que viram internamente as forças agiram, não precisam de argumentos sobre isso.

A clarividência, a clariaudiência e a precognição estão todas muito intimamente relacionadas. A prática de qualquer uma delas atrai simultaneamente as outras duas. Elas são apenas variações de um mesmo poder. O som é uma das características diferenciadoras da esfera astral e, como a luz acompanha o som, a visão existe simultaneamente com a audição. Ver uma imagem com os sentidos astrais significa que, ao mesmo tempo, há um som, e escutar o último infere-se a presença de uma imagem relacionada em substância astral. É perfeitamente conhecido pelo verdadeiro estudante de ocultismo que todo som produz instantaneamente uma imagem e isso, conhecido há tanto tempo no Oriente, tem sido demonstrado

ultimamente no Ocidente na produção, diante dos olhos, de imagens por meio de som em um tímpano distendido. Esta parte do assunto pode ser muito mais aprofundada com o auxílio do ocultismo, mas como é uma parte perigosa no atual estado da sociedade, eu me abstenho neste momento. Encontram-se, na Luz Astral, cenas de quaisquer coisas que já aconteceram com cada pessoa, e também imagens dos acontecimentos que estão por vir, cujas causas já estão suficientemente bem assinaladas e elaboradas. Se as causas ainda estiverem indeterminadas, assim estarão as imagens do futuro. Mas, para a grande massa de eventos de vários anos por vir, todas as causas produtoras e competentes estão sempre estabelecidas com suficiente precisão para permitir ao vidente vê-las de antemão, como se fossem no presente. Por meio dessas cenas percebidas com os sentidos internos, todos os clarividentes exercem a sua estranha aptidão. É, no entanto, uma aptidão comum a todos os homens, apesar de minimamente desenvolvida na maioria; mas o ocultismo afirma que se o germe desse poder não fosse minimamente ativo em cada um, nenhum homem poderia transmitir a outrem qualquer ideia que fosse.

Na clarividência, as imagens na Luz Astral passam perante a visão interna e são refletidas no olho físico a partir de dentro. Elas, então, aparecem objetivamente ao vidente. Se elas são de eventos passados ou aqueles ainda por vir, a imagem é apenas vista; se de eventos que estão acontecendo efetivamente naquele momento, a cena é percebida através da Luz Astral pelo sentido interno. O diferenciador característico entre a visão comum e a visão clarividente é, portanto, que na clarividência com a visão desperta, a vibração é comunicada primeiro ao cérebro, de onde é transmitida ao olho físico, onde ele forma uma imagem na retina, assim como o cilindro giratório do fonógrafo faz com que a boquilha vibre exatamente como a voz vibrava ao entrar no receptor. Na visão comum, as vibrações chegam primeiro ao olho e depois são transmitidas ao cérebro. Imagens e sons são ambos originados por vibrações e, assim, qualquer som uma vez emitido é preservado na Luz Astral de onde o

sentido interno pode captá-lo e do interior transmiti-lo para o cérebro, por onde alcança o ouvido físico. Assim, na clariaudiência a distância, o ouvinte não escuta com o ouvido, mas com o centro da audição no corpo astral. A precognição pode ser, ou não, uma combinação de clariaudiência e clarividência, conforme o caso específico, e a frequência com que eventos futuros são vistos pelo vidente acrescenta um componente de profecia.

O grau mais elevado de clarividência - o da visão espiritual - é muito raro. O clarividente comum lida apenas com os aspectos e camadas comuns da matéria astral. A luz espiritual chega apenas para aqueles que são puros, devotados e determinados. Ela pode ser alcançada pelo desenvolvimento especial do peculiar órgão do corpo somente por meio do qual tal visão é possível, e tão somente subsequente à disciplina, ao treinamento prolongado e ao mais elevado altruísmo. Todas as outras clarividências são transitórias, inadequadas e fragmentárias por lidarem, como o fazem, somente com matéria e ilusão. Seu caráter fragmentário e inadequado resulta do fato de que quase nenhum clarividente tem o poder de ver por dentro em mais de um dos graus inferiores de substância astral a qualquer momento. Os puros de mente e os corajosos podem lidar com o futuro e com o presente muito melhor do que qualquer clarividente. Mas como a existência desses dois poderes comprova em nós a presença de sentidos internos e do meio necessário - a luz astral -, eles têm, como faculdades humanas, uma relevância importante em relação às declarações dos chamados “espíritos” da sala de sessões.

Os sonhos resultam, às vezes, da ação cerebral seguindo automaticamente, e também são produzidos através da transmissão pela real pessoa interna para o cérebro daquelas cenas ou ideias, elevadas ou não, que a verdadeira pessoa visualizou enquanto o corpo dormia. Elas são então forçadas para dentro do cérebro como se flutuassem na Alma à medida que ela afunda no corpo. Esses sonhos podem ser úteis, mas geralmente a retomada da atividade corporal destrói o significado, distorce

a imagem e reduz tudo a uma confusão. Mas, o fato principal em todo sonhar é que algum ser aí percebe e sente, e este é um dos argumentos a favor da existência da pessoa interna. Durante o sono, o homem interno comunga com inteligências superiores e, às vezes, consegue registrar no cérebro o que ele adquiriu, seja uma ideia elevada ou uma visão profética, ou senão falha devido à resistência do tecido cerebral. O Carma da pessoa também determina o significado de um sonho, pois um rei pode sonhar algo relacionado ao seu reino, enquanto a mesma coisa sonhada por um cidadão não se relaciona com algo de consequência temporal. Mas, como disse Jó: "Nos sonhos e nas visões noturnas o homem é instruído".

As aparições e os duplos são de duas categorias gerais. A primeira, [composta de]cascas astrais ou imagens do mundo astral, ou visíveis de fato aos olhos ou efeito de vibração interna projetada para o olho e induzindo assim a pessoa achar que vê uma forma objetiva externa. A segunda, o corpo astral de pessoas vivas, dotadas da consciência plena ou apenas parcial. Tentativas árduas por parte de sociedades de pesquisas psíquicas para comprovar as aparições sem o conhecimento dessas leis realmente nada provam, pois de vinte casos reconhecidos, dezenove podem ser a objetivação da imagem impressa no cérebro. Mas que aparições foram vistas, não há dúvida. Aparições dos recém-falecidos podem ser tanto imagens tornadas objetivas conforme descrito, ou o corpo astral - chamado de *Kama Rupa* nesse estágio - do falecido. E como os pensamentos desvanecentes e as forças liberadas do corpo são muito fortes, temos mais relatos deste tipo de aparições do que de qualquer outro.

O Adepto pode projetar sua aparência, a qual, no entanto, é chamada por outro nome, porque consiste em seu corpo astral consciente e treinado, dotado de toda sua inteligência e não totalmente separado da sua estrutura física.

A Teosofia não nega nem desconhece as leis físicas descobertas pela ciência. Ela admite todas aquelas

Que são comprovadas, mas assevera a existência de outras que modificam a ação daquelas que comumente conhecemos. Por trás de todos os fenômenos visíveis está o Cosmos oculto com seu mecanismo ideal; esse Cosmos oculto somente pode ser integralmente entendido por intermédio dos sentidos internos que lhe são relacionados; esses sentidos não serão facilmente desenvolvidos se suas existências forem negadas. O cérebro e a mente, atuando juntos, têm o poder de desenvolver formas, primeiro como formas astrais na substância astral, e depois como formas visíveis por acréscimo da matéria neste plano. A objetividade depende amplamente da percepção, e a percepção pode ser afetada por estímulos internos. Assim, uma testemunha pode ver um objeto que de fato existe como tal exteriormente, ou pode ser levada a vê-lo por meio de um estímulo interno. Isso nos evidencia três modos de visão: (a) com o olho, mediante a luz de um objeto; (b) com os sentidos internos, mediante a luz astral; (c) pelo estímulo interno que faz o olho se comunicar com o cérebro, projetando desta forma a imagem interna para fora. Os fenômenos de outros sentidos podem ser classificados da mesma maneira.

Sendo a substância astral o registro de todos os pensamentos, sons, imagens e outras vibrações, e sendo o homem interno um ser completo, capaz de agir com ou sem coordenação com o físico, todos os fenômenos de hipnotismo, clarividência, clariaudiência, mediunidade e os demais que não são executados conscientemente, podem ser explicados. Na substância astral encontram-se todos os sons e imagens, e no homem astral permanecem as impressões de cada evento, por mais remoto ou insignificante; quando estes agem em conjunto, produzem os fenômenos que parecem tão estranhos para aqueles que negam ou desconhecem os postulados do ocultismo.

Mas, para explicar os fenômenos realizados pelos Adeptos, Faquires, Iogues e todos os ocultistas treinados, deve se entender as leis ocultas da química, da mente, da energia e da matéria. Obviamente, não é alçada de uma obra como essa tratar destas em detalhes.

CAPÍTULO XVII

FENÔMENOS PSÍQUICOS E ESPIRITUALISMO

Na história dos fenômenos psíquicos, os registros do assim chamado "espiritualismo" na Europa, América do Norte e demais locais ocupam um lugar importante. Deliberadamente, digo que nunca um termo foi tão erradamente aplicado como "espiritualismo" na Europa e na América ao culto acima mencionado, na medida em que não há nada relativo ao espírito nele. As doutrinas fornecidas nos capítulos precedentes são as do verdadeiro espiritualismo; as impropriamente denominadas práticas dos médiuns modernos e dos assim chamados espíritas configuram a adoração dos mortos, na realidade a antiga necromancia, que foi sempre proibida pelos instrutores espirituais. Elas são a materialização grosseira da noção espiritual e lidam mais com a matéria do que com seu oposto. Suponha-se que esse culto se originou há cerca de quarenta anos na América, em Rochester, NY, sob a mediunidade das irmãs Fox, mas era conhecido em Salem na época da comoção com a bruxaria, e há cem anos na Europa, buscava-se as mesmas práticas, fenômenos similares eram vistos, desenvolviam-se médiuns e sessões aconteciam. Por séculos tem sido muito bem conhecido na Índia, onde é corretamente chamado de "culto ao *bhuta*", significando a tentativa de comunicar-se com o diabo ou com os restos astrais de pessoas falecidas. Esta deveria ser a sua denominação aqui também, pois, através dela, as partes grosseiras e demoníacas ou terrenas do homem são animadas, invocadas e é feito comunicação com elas. Mas os fatos do extenso registro de quarenta anos na América requerem um breve exame. Todos os teosofistas estudiosos devem admitir esses fatos. Entretanto, a explicação e as deduções teosóficas são totalmente diferentes das do espiritualista mediano. Não se desenvolveu uma filosofia nas fileiras ou

na literatura espiritualista; somente a Teosofia dará a explicação verdadeira, apontará os defeitos, revelará os perigos e sugerirá soluções.

Como é sabido que clarividência, clariaudiência, transferência de pensamentos, profecia, sonhos e visão, levitação, surgimento de aparições, são poderes que têm sido conhecidos desde há muito, as questões mais importantes no tocante ao espiritualismo são aquelas relativas à comunicação com as Almas daqueles que deixaram esta Terra e estão agora desencarnados e com espíritos não classificados, que não estiveram encarnados aqui, mas pertencem a outras esferas. Talvez, também, a questão de materialização de formas nas salas de *sessão* talvez mereça alguma atenção. A comunicação inclui falas em transe, escritas sobre lousa e outras, vozes independentes no ar, falas pelos órgãos físicos de vocalização do médium e precipitação de mensagens a partir do nada. Os médiuns se comunicam com os espíritos dos mortos? Os nossos amigos que partiram percebem a condição da vida que deixaram e podem as vezes retornar para falar para e conosco?

As respostas estão implícitas nos capítulos anteriores. Nossos falecidos não nos veem aqui. Eles estão livres da terrível angústia que tal visão infligiria. De vez em quando, um médium de mente pura, não remunerado, pode ascender em transe à condição em que se encontra a Alma de uma pessoa falecida, e pode lembrar-se de fragmentos do que lá foi escutado; mas isso é incomum. No decurso de décadas, aqui e ali, alguns espíritos humanos elevados podem retornar por um instante e por meios inequívocos comunicarem-se com mortais. No momento da morte, a Alma pode falar com algum amigo na Terra antes que a porta seja definitivamente fechada. Mas a grande maioria das supostas comunicações feitas dia após dia através de médiuns são provenientes de restos humanos pouco inteligentes ou, em muitos casos, inteiramente a produção, a invenção, a compilação, a descoberta e a junção pelo corpo astral frouxamente ligado ao médium vivo.

Surgem determinadas objeções à teoria de que os espíritos dos mortos se comunicam. Algumas delas são:

I- Em nenhum momento esses espíritos revelaram as leis que governam qualquer desses fenômenos, exceto em alguns casos não reconhecidos pelo culto, onde a teoria teosófica foi aventada. Como isso destruiria concepções tais como as elaboradas por A. J. Davis, estes espíritos, em especial, caíram em descrédito;

II- Os espíritos discordam entre si, um descrevendo um pós-morte muito diferente da descrição de outro. Estas discordâncias variam conforme o médium e com as presumidas teorias atribuídas ao falecido durante sua vida. Um espírito admite a reencarnação, e outros a negam;

III- Os espíritos nada descobriram com relação à história, a antropologia ou outros assuntos importantes, parecendo ter menor competência nesse campo do que os homens vivos; e embora reivindiquem muitas vezes serem homens que viveram em antigas civilizações, eles mostram ignorância no assunto ou apenas repetem descobertas recentemente publicadas;

IV- Nesses quarenta anos, nenhuma fundamentação dos fenômenos nem do desenvolvimento da mediunidade foi obtida dos espíritos. Relata-se grandes filósofos se comunicando através dos médiuns, mas proferem apenas disparates e lugares comuns;

V- Os médiuns sofrem reveses físicos e morais, são acusados de fraude, se revelaram culpados de impostura, mas os guias espirituais e contoladores não interferem, nem para preveni-los ou salvá-los;

VI- É reconhecido que os guias espirituais e controladores enganam e incitam a fraude;

VII- Por tudo que é reportado dos espíritos, é claramente evidente que suas asserções e filosofia, caso existam, variam de acordo com o médium e com o mais avançado pensamento de espiritualistas vivos.

De tudo isso e de muito mais que poderia ser acrescentado, o homem da ciência materialista sai fortalecido na sua zombaria, mas o teosofista tem que concluir que as entidades, se houver alguma se comunicando, não são espíritos humanos,

e que as explicações devem ser encontradas em outras teorias.

A materialização do nada de uma forma, independente do corpo físico do médium, é um fato. Mas não é um espírito. Como foi muito bem expresso por um dos “espíritos” malquisto pelo espiritualismo, um método de produzir esse fenômeno é pelo acréscimo de partículas elétricas e magnéticas em uma massa, à qual se agrega matéria e uma imagem refletida oriunda da esfera astral. É só isto: tão falso quanto um conjunto de musselina e máscaras. Como isso é realizado, é outro assunto. Os espíritos não são capazes de explica-lo, mas nos capítulos anteriores foi feita uma tentativa para apontar os métodos e os instrumentos. O segundo método é por meio do uso do corpo astral do médium vivo. Nesse caso, a forma astral emanada ao lado do médium atrai gradativamente sobre si partículas extraídas do ar e dos corpos dos presentes na sessão até que, por fim, se torna visível. Algumas vezes aparentará o médium; em outras, mostrará uma aparência diferente. Em quase todos os casos, a penumbra é um requisito porque uma luz forte perturbaria a substância astral de modo violento e tornaria a projeção difícil. Algumas das assim chamadas materializações são farsas sem sentido, já que são apenas chapas planas de substância elétrica e magnética nas quais imagens da luz astral são refletidas. Estas parecem ser os rostos de falecidos, mas são apenas ilusões retratadas.

Para poder entender os fenômenos psíquicos encontrados na história do “espiritualismo”, é necessário conhecer e admitir o seguinte:

I- A hereditariedade completa do homem astral, espiritual e psiquicamente, como um ser que conhece, raciocina, sente e age por intermédio do corpo físico, do corpo astral e da Alma;

II- A natureza da mente, seu funcionamento, seus poderes; a natureza e poder da imaginação; a duração e efeito das impressões. O mais importante nisto é a permanência

da mais leve impressão tanto quanto da mais profunda; que toda impressão produz uma imagem na aura individual; e que por meio disso uma conexão se estabelece entre as auras de amigos e parentes, antigos, novos, próximos, distantes, e remotos em grau: isso daria um amplo leque de possíveis visões a um clarividente;

III- A natureza, extensão, funcionamento e poder dos órgãos e faculdades astrais internas do homem, compreendidos nos termos corpo astral e *Kama*. Que estas não são impedidas de agir pelo [estado de] transe ou sono, mas estão intensificadas no médium quando em transe; ao mesmo tempo**,** sua ação não é livre, mas governada pela sintonia geral de pensamento entre os presentes à sessão, ou por uma vontade predominante, ou pela entidade diabólica que preside por trás da cena; que se um investigador científico cético estiver presente, sua atividade mental pode inibir inteiramente a ação dos poderes do médium por algo que podemos chamar de um processo de congelamento, para o qual não há termos em inglês que o descrevam adequadamente;

IV- Que o destino do homem real após a morte, seu estado, seu poder e sua ação lá, e sua relação, se houver, com aqueles que aqui deixou para trás;

V- Que o intermediário entre a mente e o corpo físico - o corpo astral - é descartado por ocasião da morte e deixado na luz astral para desvanecer; e que o homem verdadeiro vai para o *Devachan*;

VI- A existência, a natureza, o poder e a funcionamento da luz astral e o seu papel como registro na Natureza. Que ela contém, retém, e reflete imagens de toda e qualquer coisa que aconteceu a qualquer um, e também cada pensamento; que ela permeia o globo e a atmosfera ao seu redor; que a transmissão de vibração através dela é praticamente instantânea, já que a frequência é muito mais elevada que a da eletricidade tal como é conhecida presentemente**;**

VII- A existência na luz astral de seres que não usam corpos como os nossos, mas não humanos na sua natureza, tendo poderes, aptidões e uma espécie de consciência própria; estes incluem as forças elementais ou espíritos da Natureza, subdivididos em muitas graduações, os quais

participam de todas as atividades da Natureza e com cada atividade da mente do homem. Que esses elementais agem automaticamente nas sessões em suas várias áreas, uma classe apresentando imagens, outra produzindo sons e outras despolarizando objetos com o propósito de gerar aparições. Atuando com eles nessa esfera astral estão os homens sem Alma que nela vivem. A estes deve ser atribuído, entre outros, o fenômeno da "voz independente", sempre soando como uma voz num barril porque é formada num vácuo, o que é absolutamente necessário para uma entidade tão distante do espírito. O timbre peculiar desse tipo de voz não foi considerado importante pelos espiritualistas, mas é extremamente significativo na perspectiva do ocultismo;

VIII- A existência e o funcionamento de leis e forças ocultas na Natureza que podem ser usadas para produzir resultados fenomênicos nesse plano; que essas leis e forças podem ser colocadas em ação pelo homem subconsciente e pelos elementais, consciente ou inconscientemente, e que muitas dessas ações ocultas são automáticas da mesma maneira que o congelamento da água sob frio intenso ou o derretimento do gelo sob o calor;

IX- Que, partilhando da natureza da substância astral, o corpo astral do médium pode estender-se a partir do corpo físico, pode agir fora do mesmo, e pode também projetar, por vezes, qualquer parte dele como mão, braço ou perna e, desse modo, mover objetos, redigir cartas, gerar toques no corpo, e assim por diante *ad infinitum*. E que o corpo astral de qualquer pessoa pode ser levado a sentir uma sensação, a qual, sendo transmitida ao cérebro, faz a pessoa pensar que ela é tocada exteriormente ou que ouviu um som.

A mediunidade é cheia de perigos porque, atualmente, a parte astral do homem só opera normalmente quando unida ao corpo; em um futuro remoto, ela atuará normalmente sem o corpo, assim como o fazia no passado longínquo. Tornar-se um médium significa que você tem que se tornar desorganizado fisiologicamente e em seu sistema nervoso, porque é por intermédio deste último que existe a conexão entre os dois

mundos. No momento em que a porta é aberta, todas as forças desconhecidas se precipitam e, como a parte mais grosseira da Natureza está mais próxima de nós, é essa parte que mais nos atinge; a natureza inferior é também primeiramente afetada e atiçada porque as forças utilizadas pertencem a essa parte de nós. Ficamos então à mercê de pensamentos vis de todos os homens e sujeitos à influência das cascas em *Kama Loka*. Se a isso for acrescentada a aceitação em dinheiro pela prática da mediunidade, há um perigo adicional iminente, porque as coisas do espírito e aquelas relativas ao mundo astral não devem ser vendidas. Esta é o grande mal do espiritismo norte-americano o qual aviltou e degradou todo o seu histórico; até que ele seja eliminado, nenhum bem virá dessa prática; aqueles que desejam ouvir a verdade do outro mundo devem devotar-se à verdade e deixar fora todas as considerações acerca de dinheiro.

Tentar adquirir o uso dos poderes psíquicos por mera curiosidade ou para fins egoístas é também perigoso pelas mesmas razões mencionadas no caso da mediunidade. Como a civilização atual é egoísta no mais alto grau e está fundamentado sobre o componente pessoal, as regras para o desenvolvimento desses poderes na forma correta não foram reveladas, mas os Mestres de Sabedoria disseram que a filosofia e a ética devem primeiro ser aprendidas e praticadas antes que qualquer desenvolvimento de outra área seja concedido; e sua condenação ao desenvolvimento em massa de médiuns é amparada pela história do espiritualismo, que é uma extensa história da ruína de médiuns em todos os sentidos.

Igualmente impróprio é o comportamento das escolas científicas as quais, sem uma reflexão para com a verdadeira natureza do homem, favorecem experimentos em hipnotismo nos quais os indivíduos ficam prejudicados por toda a vida, são colocados em posições vergonhosas e levados a fazer coisas para a satisfação dos investigadores que nunca seriam feitas por homens e mulheres em seus estados normais. A Loja dos Mestres não se importa com a ciência a não ser que ela vise

melhorar tanto o estado moral quanto material do homem, e nenhuma ajuda será dada à ciência até que ela considere o homem e a vida pelo lado moral e espiritual. Por essa razão, aqueles que sabem tudo sobre o mundo físico, seus habitantes e leis, estão dando prosseguimento a uma reforma na moral e na filosofia antes que seja concedido qualquer atenção maior aos estranhos e sedutores fenômenos possíveis aos poderes internos do homem.

E, atualmente, o ciclo já quase completou sua trajetória neste século. Agora, assim como há um século, as forças estão declinando; por essa razão, os fenômenos do espiritualismo estão diminuindo em número e em quantidade; a Loja espera que, quando a próxima maré começar a subir, o Ocidente tenha adquirido algum conhecimento da verdadeira filosofia acerca do Homem e da Natureza, e esteja então pronto para acolher o levantar do véu, um pouco mais. Ajudar no progresso da Raça humana nesse sentido é a finalidade deste livro e, com isso, ele é entregue aos seus leitores de todas as partes do mundo.